ANNO XXIV — N. 2
Rio, 11 de Janeiro de 1930
PREÇO: 1$000

O conto brasileiro

UM conto que tem dois fechos não é cousa muito vulgar. Principalmente quando a historia é pequena, sem nomes desnecessarios, que não se passou em parte alguma e que acontece em toda a parte.

Convenha tambem, leitor ou leitora, que não é muito commum o facto de um autor elogiar o que escreveu.

Não é commum mesmo, mas é justo. Eu poderia dizer tudo isto com um nome differente..., mas não vale a pena.

Basta dizer que eu acho bom o conto.

A primeira parte destina-se aos moços apaixonados e ardentes, que acreditam no amor, na sinceridade e outras calumnias.

O resto é para os que, como o autor, já viveram muito e olham a vida com ironia e os homens como animaes egoistas e inconstantes.

A leitora, por certo, gostou desta philosophia esplendida.

E' voto a meu favor, na certa.

Ao leitor, só ao leitor, digo, muito em segredo, que não se deve julgar um escriptor pelo que elle escreve.

Eu não acredito na minha philosophia. Acho que os homens são creaturas exemplares. São todos iguaes ao autor...

Começa agora a tragedia. Tragedia mesmo?

A primeira parte é puro romance, tragicamente banal.

A segunda é o fim dos contos que a vida escreve, banaes tambem, mas profundamente humanos.

I

AQUELLE homem sombrio era o "orgulhoso" do bairro.

Sempre triste.

Seus raros sorrisos eram como a irrisão suprema de um fogo-fatuo.

Murmuravam cousas disparatadas sobre a historia do homem triste.

Que fôra rico, e amargava em silencio a saudade muito humana de uma vida brilhante.

Diziam outros que havia um crime na vida daquelle homem triste. Só o remorso, por certo, sabe dar

A Historia do Homem triste

O COMMENTARIO

EM verdade, nenhum Estado combate melhor o analphabetismo do que São Paulo. As ultimas estatisticas publicadas pelos seus orgãos officiaes são a melhor prova disso. Segundo esses documentos, a matricula geral nos estabelecimentos de ensino de S. Paulo accusa, em 1928, sensivel augmento relativamente aos annos anteriores. Em 1927, o total de alumnos matriculados era de 403.783, distribuidos desta forma nos seguintes cursos: primario, 365.404; complementar, 1.331; normal-gymnasial, 22.844; profissional, 13.155, e superior, 999. A matricula de 1929 sommou 485.583 alumnos, sendo no curso primario 434.602, no complementar 1.718, no normal 4.629, no secundario 27.868, no gymnasial 1.324 e no superior 1.318.

Merecem ser notadas as despesas do grande Estado com a instrucção, que crescem annualmente:

1925 ...... 43.733:477$036
1926 ...... 55.850:560$400
1927 ...... 59.175:311$600
1928 ...... 59.570:369$602
1929 ...... 66.016:130$500

A eloquencia de todas essas estatisticas é melhor do que a de todos os commentarios que se possam fazer. Um Estado que despende mais de sessenta e cinco mil contos com sua instrucção publica é um Estado que merece o carinho e a admiração do Brasil inteiro.

a um homem esse olhar sem vida, esses gestos desalentados de quem arrasta um cadaver em seu cerebro.

— Ou uma saudade, em seu coração... — sublinhava, rindo, o literato do bairro, rindo perdidamente, acompanhado pelos outros.

Bôa pilheria! Imaginar um coração na carcassa sombria do homem triste...

Elle era conhecido por todos. Não falava a ninguem. Parecia mesmo não ver o olhar curioso dos que o espreitavam...

Era o grande mysterio do bairro, aquelle homem triste que tinha uma historia na vida...

Uma vez, o homem sorriu.

A pequenina loira, filha do vizinho, perguntou-lhe, então:

— Por que o senhor é tão serio? Mamãe disse que o senhor é muito triste. Compre uma boneca, e verá como é divertido brincar!

O homem sombrio, macilento, respondeu, abraçando a pequena loira:

— Eu tambem já tive uma boneca, menina...

Era loira e boa como você, maior, muito maior que você...

Um dia, Deus quiz a boneca que foi minha... quiz brincar um pouco... e eu fiquei triste... muito triste...

II

FAZ um anno que o homem triste abraçou a menina loira...

Elle ganhou muito dinheiro em um negocio qualquer, mais ou menos excuso. Como todos os negocios em que a gente ganha muito dinheiro.

Mudou para um bairro melhor.

Sorriu uma porção de vezes. Ficou acostumado a sorrir.

Poz uma flor vermelha na lapella.

E um talão de cheques no bolso.

Arranjou uma boneca morena.

Consuelo. Pura Hespanha, de sol e touradas.

De vez em quando quasi fica triste. Lembra-se do tempo que perdeu emquanto esteve doente...

Tolices de homem...

E beija a bocca vermelha da boneca morena...

Gil Morel

O Caminho do Amor

De

Marthe Fiel

ERA uma verdadeira embriaguez para Lucette Galoy conduzir a sua pequena Citroën. Seu pae acabava de presenteal-a com esse carro, por motivo do seu anniversario — vinte annos — e a joven bem quizera, todos os dias, ir além de outros horisontes, que não fossem apenas o do seu bairro, mas isso só lhe era permittido quando o seu pae partia tambem com a sua Renault.

Certa manhã, o sr. Galoy annunciou:

— Vou tratar de um negocio em Caen.... Lucette, tu poderás vir commigo, na tua viatura. No meu auto levarei os meus dois socios. Iremos devagar. Trarás a tua amiga de Caen.... Queres?

— Oh, papaesinho! Ainda m'o pergunta!

A partida teve logar no outro dia. Lucette poz o seu carro em marcha, com bastante destemor. Estavamos no mez de setembro, mas não era bom o tempo que fazia. Uma leve garôa fluctuava no ar, mas o sr. Galoy assegurava que ella se desmancharia.

Fizeram uma parada para o almoço; em seguida os dois autos partiram. Lucette seguia a Renault. O nevoeiro não se dissipava. Em compensação não causava receio.

O sr. Galoy estava certo de que sua filha dirigia muito bem, e se sentia orgulhoso com isso.

Subitamente, um auto Renault passou pela Citroën e seguiu atraz da do sr. Galoy, durante alguns segundos. Lucette seguia pois os dois carros, depois a segunda Renault passou a primeira; esta voltou a conquistar a sua posição, e, assim por deante. De modo que Lucette não sabia mais qual era a carruagem do pae. A distancia auxiliava a confusão que o nevoeiro fazia. A moça não distinguia mais o numero. No emtanto, estava convencida de que não se enganava, a proposito do auto que seguia.

Ella accelerou afim de se approximar, quando o carro tomou por um caminho á direita.

— Ahi está! Papae faz confusão! Aonde irá elle?

Ella julgou que algum dos socios do pae tinha negocio para aquella direcção. O caminho era bonito, mas a Renault ia muito depressa.

Durante alguns kilometros, a corrida foi bôa, quando, subitamente, o auto desappareceu no terreiro de uma fazenda. Lucette imitou o automovel que a precedia, mas calculou mal a sua virada e quasi se atirou sobre o outro carro. Uma das suas rodas se partiu, e Lucette virou em um pantano, á sua direita.

Uma voz saiu da Renault.

— Que foi isso?

— Acudam-me! gritou a "chauffeuse".

O pantano era raso e a joven saiu delle toda ensopada. Viu deante de si um cavalheiro que lhe pareceu distincto, elegante, apezar do crepusculo despontante e ella balbuciou com afflicção:

— Oh! não é meu pae!

— Mas não.... mademoiselle..., não é elle.

— Entretanto, eu seguia o auto em que elle vinha.

— Foi o meu, que seguiu.... Mas nós nos explicaremos.... A senhorita deve estar gelada.... Minha mãe vae attendel-a....

Uma senhora saiu da habitação, attraida pelo rumor dos motores. Notou Lucette com espanto. Mas a sua cortezia nada deixou perceber. Ella exclamou:

— Está bastante molhada, me demoiselle. Venha aquecer-se.

Lucette ouviu-a docilmente, um pouco desconcertada pela aventura. Quando procuravam dar-lhe uma toilette, para que enxugasse a sua, a dona da casa ficou embaraçada, pois ella era grande e forte.

— Mas espera.... Tenho uma idéa.... Minha avó era do s[illegible] corpo. Possuo ainda uma das s[illegible] toilettes que lhe ha de servir[illegible]

Lucette sorriu a idéa do [illegible] vesti. O vestido era de sêda r[illegible] e de modelo Directorio; e qua[illegible] a joven automobilista se vest[illegible] com elle, achou-se uma maravi[illegible]

Mas ella pensou no seu pae [illegible] a sua alegria fugiu. Elle a p[illegible] curava, sem duvida, muito inq[illegible] to, justamente quando ella se p[illegible] voneava tranquillamente co[illegible] velha dama, entre os desco[illegible] cidos amigos que a acolheram.

Essa mãe era deliciosa e o fi[illegible] lhe agradara, desde que ella [illegible] vira, si bem que lhe parecesse u[illegible] pouco brusco. Elle era, cert[illegible] mente, inimigo das surprezas, m[illegible] é preciso se conformar com a [illegible] nos surgem na vida.

Emquanto ella meditava, phi[illegible] sophando, a senhora voltou:

— Oh! pequenina avó! Cre[illegible] senhorita, que está encantador[illegible] Parece exactamente com um q[illegible] dro que lhe vou mostrar.... Ve[illegible] até cá ao salão.... depois ja[illegible] remos.... sem duvida deve [illegible] fome....

Como tudo isso se passava, [illegible] turalmente, naquella casa! Luc[illegible] te caia em um pantano e u[illegible] hora depois ella quasi fazia par[illegible] da familia.

Fome? A joven perguntava [illegible] ella poderia comer.

Depois, ella ainda não sabia em que logar estava. Do mesmo mod[illegible] não a conheciam ali. Tudo is[illegible] era fantastico para ella.

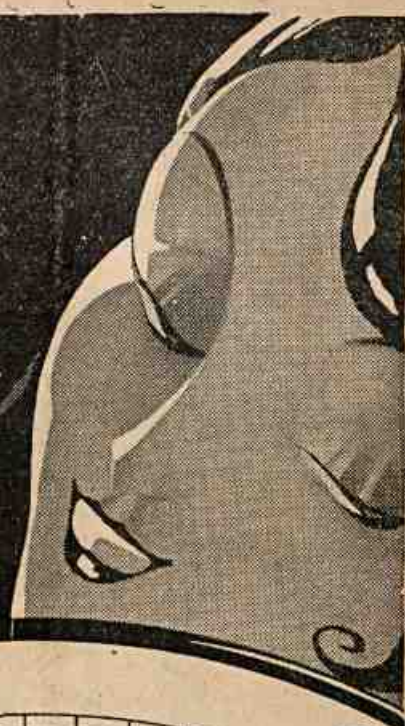
Lucette, seguindo a dona [illegible] casa, penetrou em um immen[illegible] salão e foi levada a presença [illegible] um quadro onde se via a image[illegible] de uma dama, vestida de rosa.

— Veja bem. E' parecida dem[illegible] com mademoiselle: cabellos c[illegible] tanhos, olhos azues.... Essa [illegible] tinha olhos menos animados... [illegible] seu sorriso é mais moderno e m[illegible] expressivo.

Nesse interim, o filho entro[illegible] Teve uma surpreza, ao vêr a m[illegible] metamorphoseada.

— Olha, Pedro, como essa to[illegible] lette lhe vae bem...

Foi feita para ella...

— E' verdade, respondeu o jo[illegible] ven, pensativamente.

Os seus olhos tiveram um clarão enternecido, como si a fada apparecida ali lhe causasse uma bôa impressão. Mas elle retomou o seu tom grave para dizer:

— Ah, sim! mademoiselle, quer explicar o que fazia atraz de meu automovel, contra o qual se lançou com tão pouca reflexão?

Lucette por pouco não chorou, deante de tal apostrophe.

— Não fales assim... interpoz-se a mãe... Deixa-a repousar... Ella nos vae contar o seu engano...

A joven lançou um olhar de reconhecimento para aquella que falava. Afinal, ella parecia uma boa mãe, e a idéa de que poderia ser uma bôa sogra, atravessou o cerebro de Lucette... Mas Pedro não parecia enternecido...

Calmamente, ella narrou o seu erro. Quando terminou, a amavel senhora exclamou:

— Mas o seu pae deve estar muito inquieto.

Lucette a melhor coisa que fez foi desatar em soluços.

— Vamos! Não chore! Depois do jantar, Pedro irá a procura de seu pae... Elle não deve ter ido a Caen, sem a senhorita.

O CAMINHO DO AMOR

(Conclusão)

Essas palavras reconfortaram a alma da joven. Pedro não dizia nada. Lucette achou que elle não tinha coração. Mas si ella pudesse advinhar quanto elle se sentia feliz, entre sua mãe e ella, a joven desconhecida, certamente teria ficado radiante.

Terminada a refeição elle subiu para o seu auto, e as duas mulheres ficaram sós. Confiando inteiramente na senhora, Lucette deu todos os detalhes de sua vida. Filha unica, pae e mãe ainda jovens. O sr. Galoy possuia usinas importantes.

— E eu sou a baroneza de Gassy... Estamos aqui com meu filho para endireitar a fazenda... Moramos em Paris... durante o inverno...

Lucette estava um pouco decepcionada comsigo mesmo. No mundo industrial em que ella vivia, não se frequentava a aristocracia e o seu sonho de se fazer amar lhe pareceu uma loucura.

— Não fala, mademoiselle?

— Penso no meu papá... confessou Lucette.

Depois, ella ajuntou:

— Eu sei que vim incom-dal-os, madame.

— Incommodar-nos? Foi um delicioso imprevisto... De modo... A senhorita é uma jo-encantadora, e eu tenho prazer em conhecel-a.

Uma trompa de automovel fez ouvir.

Mme. de Gassy ergueu-se da poltrona:

— E' Pedro...

Era elle e o sr. Galoy.

— Papae! gritou Lucette, a-rando-se aos seus braços.

Depois de uma grande inq-ção, o sr. Galoy ficou muito sur-prehendido de ver uma dama antiga, abraçal-o com tanto [illegible]

Mme. de Gassay pensava: é affectuosa, essa garôta... nora que eu desejaria de [illegible] Pedro olhou-a com alegria.

As apresentações foram f- com todos os detalhes e for-dades. As duas familias vie- para Paris e Lucette achou natural chamar-se Mme. de Gas-

---

SONHO

De FERNANDO LONGUET

— Não sei si foram minhas palavras amaveis, ou esse algo que ponho em todos os meus actos e que desperta a sympathia, o que a moveu a acceitar meu offerecimento.

— Obrigada — disse-me.

Perguntou-me o motivo de minha gentileza. Procurei explicar-lho, mas não o consegui. Por affinidade, por sua pessoa e por sua graça, porque meu espirito me havia dito que seu pensamento e sua alma eram iguaes aos meus.

— Como se chama?

— Flora. Florita.

E sua voz era doce como seu olhar. Existia entre sua voz e seu olhar uma estranha e visivel sympathia. Que mysteriosa relação tinham seus olhos e sua voz, que eram assim tão bellos?

Separamo-nos logo, e foi com a alegria e a esperança de ver-nos no dia seguinte.

O presentimento de meu espirito foi certo e depressa nos tornamos muito amigos. Sahiamos alguns dias e iamos passear longe. Iamos a esses povoados tristes e monotonos, mas sempre bellos em seu silencio. A esses povoados onde os homens simples escondem sua melancolia em meio da natureza loquaz, viva e formosa. Nossos espiritos eram romanticos e sans nossas mentes. As flores, as arvores e os passaros, na solidão interminavel dos caminhos, nos attrahiam.

— Oh, as flores! — dizia-me ella. — São passaros alados que sabem trazer-nos a belleza do formoso.

Assim iamos caminhando, de mãos dadas, [illegible]xando em cada passo o encanto sublime de [illegible] vida livre desses momentos.

Em nossos passeios, uma inconstancia volupt[illegible] invadia nossos actos, avivando-nos a memoria.

— Por que estamos aqui? Voltaremos ama[illegible] Como é estranha a vida!

Só o rumor do vento lhe respondia.

De quando em quando, ouvia-se o ladrar [illegible] algum cão vagabundo. O apitar do trem costu[illegible] ás vezes, trazer-nos á realidade. Eu escutava em silencio, extasiado.

Ella colhia flores, e ás vezes se aproximava [illegible] beira do rio, que tranquillo repousava. Jamais [illegible] uma figura tão simples e ideal como a della. L[illegible] e delicadas as linhas de sua cadeira lhe dava[illegible] elegancia e a esbeltez de um lirio joven. Sua cab[illegible] meúda e redonda, adornada por um cabello c[illegible] e negro, parecia feita para ser modelada em [illegible] Sua bocca, entreaberta pela fadiga da procura, [illegible] a illusão de uma fructa partida em duas. E [illegible] olhos. Oh, seus olhos! Eram toda uma evoc[illegible] mystica e ardente, ao mesmo tempo que recorda[illegible] todo o bello e ideal que existem na vida do hom[illegible]

Quieta e apaixonada como uma odalisca, era [illegible] voz que fluia suave, doce...

Mas ao sonho da vida simples e pura, com[illegible] nossa, se oppõe, sempre, o empecilho da mise[illegible] A vida della era uma dôr de pobreza e mais p[illegible] ainda era eu.

Vivemos assim de illusão e de sonho, du[illegible] todo um anno. Eu lia e lia para ella, olhava p[illegible] ver por ella, e vivia por sua vida mesma... [illegible]riamo-nos tanto, que nunca chegariamos á reali[illegible] do casamento sem matar todas as nossas illus[illegible]

Por isso, só nos ficou de então a recordação. [illegible] recordação triste, cheia de dor, que cresce e [au]gmenta com os annos...

O Desastre de aviação

PRECISAMENTE na noite em que o impressionante cometa Halley devia roçar o globo terrestre e fazêl-o em pedaços, nasceu, em um pequeno e triste povoado do sul, Aleixo Fedoroff.

Seu pae annunciou na manhã seguinte, ao resto da familia, o acontecimento, emquanto seus nobres e bons olhos castanhos diziam sua felicidade. Todos se congratularam. E não era para menos. Não só o temido cometa lhe havia poupado a vida, mas ainda os brindava com um novo irmão.

— Anna! Ouves-me? — dizia o bom esposo a sua mulher. — Foi uma sorte que haja nascido homem. Alem de produzir, os homens se casam sós, sem ajuda, ou não se casam, que é o melhor que pódem fazer.

— E' assim mesmo, Sergio. Foi uma grande sorte — ajuntou dona Anna.

No dia seguinte, no registo civil da localidade, se inscreveu o novo e loiro rebento: Aleixo Fedoroff.

O menino passou sua primeira infancia com a bocca entreaberta dia e noite. Respirava com difficuldade. O medico disse, um dia, ao pae:

— Sergio, teu filho tem carne de mais no nariz. Si não fôr operado, crescerá mal.

Anna, que era refractaria a tudo o que se relacionasse com os medicos e mais ainda com os cirurgiões, se oppoz tenazmente.

— Deus o criou assim — dizia, — e se dispoz que meu Aleixo tenha mais carne no nariz que os outros meninos, por alguma cousa será.

Aleixo continuou, pois, respirando mal e vivendo com a bocca aberta.

Aleixo Fedoroff aprendeu seus primeiros jogos mais tarde que seus companheiros, a quem nu poude ganhar nem uma unica linha.

Só aos sete annos, distrahi-mente como fazia tudo, Aleixo encaminhou para a escola. Em de março, dona Anna levanto mais cedo que de costume e pr parou devidamente seu filh Quando o menino partiu par torturante escola primaria — primeiro cárcere — longos e ros cachos pendiam de sua cab

Dois annos de agudos gri custou á senhora professora lhe tocára por sorte o ensinar a sommar. Embora Aleixo sou besse antes de entrar na esc que duas bolinhas mais duas linhas eram quatro bolinhas. comprehendia bem por que por dois eram tambem quatro. pobre mestra dizia que eram sas perfeitamente iguaes, e francamente, não o entendia as

Sempre um tanto atraza Aleixo continuou crescendo, que, aos quatorze annos, soff de repente, uma transforma tão radical, que em poucos me estava irreconhecivel. Pouco pois, vestia orgulhoso, calças c pridas, tinha annotados, em caderninho de propaganda, os contros semanaes e estud odontologia na Universidade Rio de Janeiro.

Apesar disso, Aleixo conti sendo um rapaz aprehensivo. dia chorou com toda alma por depois de ler um livro de um seus irmãos que estudava me cina — *Diagnostico precoce da berculose incipiente*, — se julg baciloso. Para cumulo de desgra nesse mesmo dia havia cusp sangue, e o facto acabou asse rando seu diagnostico fatal. Alei xo atirou-se, então, aos braços

seu pae e, entre soluços, lhe contou sua desgraça.

O medico teve que falar muito para convencel-o de que a hemorrhagia provinha de um dente cariado, e que seus pulmões eram fortes como os de um lutador.

* * *

GOZAVA-SE na casa de Sergio Fedoroff de um calido ambiente de lar. Era uma cordialidade tepida e sympathica, que se evidenciava mal se entrava nella, onde cada um fazia o que fosse necessario, sem incommodar o vizinho.

Sempre eram levadas á mesa as novidades. Então, cada um explicava seus negocios, suas duvidas e seus projectos. Os sonhos occupavam sempre, durante as refeições, bôa parte do tempo. E, por certo, que muitas vezes resultavam grandemente divertidos e interessantes.

Aleixo era, dos oito irmãos, o que mais se distinguia por seus sonhos. Havia variedade nelles, e havia, sobretudo, abundancia. Cada noite significava para Aleixo uma aventura rarissima ou um pesadello infernal.

Assim transcorriam mansamente os dias em casa de Sergio Fedoroff, o excellente pae dos sympathicos olhos castanhos.

* * *

HA justamente dois annos a familia se alarmou ás tres da madrugada. Ouviram sahir de um dos quartos dos rapazes grandes soluços e gemidos. Só uma ferida profunda poderia determinar tanta dôr. Todos se precipitaram para o aposento de onde partiam aquellas lamentações, e encontraram Aleixo com o rosto completamente congestionado, emquanto que grossas lagrimas lhe sulcavam as faces ardentes. O proprio Aleixo se encarregou de tranquillizar seus paes e irmãos: fôra um sonho.

Especialmente os meninos morriam de curiosidade no dia seguinte, para conhecer o sonho de Aleixo, que suppunham terrivelmente tragico. Elle o contou assim:

— Não sei como me encontrei, em dado momento, num avião a oito mil metros de altura. Tremi, como aquelle papel ao vento, ao perceber minha situação. Receiei uma catastrophe, e ella se produziu. Dando tombo terrivelmente diabolicos, o aeroplano chegou ao sólo, depois de uma carreira mais rapida que a luz através do espaço. O apparelho ficou inutilizado, e eu, debaixo delle, feito em pedaços, sem um só osso são. Ai, como soffri vendo-me morto e desfeito! Que dor angustiante senti no coração, quando verifiquei que meu sangue tingia de vermelho a terra negra e fertil!

Desde aquelle dia — faz justamente dois annos —, Aleixo não conta mais sonhos. Limita-se, agora, a ouvir os de seus irmãos. Porque elle, Aleixo Fedoroff morreu em um desastre de aviação, no sonho de 2 de junho de 1926. Desde então, sua passiva actividade mental nocturna deixou de existir. A vida dos sonhos, com sua estranha personalidade, não tem nada a ver com Aleixo Fedoroff, que cada noite dorme como um lenho.

Convencido, depois de tanto esperar, que, decididamente havia morrido sua inconsciente personalidade nocturna, o rapaz collocou á parede, junto de sua cama, o seguinte epitaphio, que elle mesmo escreveu com grossos caracteres gothicos:

ALEIXO FEDOROFF

Falleceu para os sonhos, na noite de 2 de junho de 1926.

VICTIMA DE UM DESASTRE DE AVIAÇÃO.

(Illustrações de Marcelo Roberto)

CONTO DE MARIO WEISSMANN

A estréa de Lafayette

(Conde L. Philippe de Ségur)

(1753 — 1830)

OS tres primeiros francezes, em destaque por sua posição na côrte, que offereceram o auxilio de suas espadas aos americanos, foram o marquez de Lafayette, o visconde de Noailles e eu. Tinhamo-nos ligado havia muito por amizade, e ainda por uma grande conformidade de sentimentos, e mais tarde mais unidos ficamos pelos laços de familia.

Lafayette e o visconde de Noailles desposaram duas filhas do duque de Noailles, então duque d'Ayen; a mãe deste, a duqueza d'Ayen, era filha do primeiro matrimonio de M. d'Aguesseau, conselheiro de Estado e filho do chanceller d'Aguesseau. Elle tivéra, de um segundo casamento, vinte annos depois, varios filhos, de que um era M. d'Aguesseau, par de França; uma filha casada com M. de Saron, primeiro presidente do Parlamento de Paris, e, emfim, uma outra filha que eu desposei na primavera do anno de 1777; de sorte que, com esta alliança, me tornei tio de meus dois amigos.

Promettemo-nos todos tres o segredo a respeito dos planos com os delegados americanos, afim de termos tempo de sondar as disposições de nossa côrte e accumular os meios necessarios para a execução de nossos projectos. A conformidade de sentimentos, de opiniões e desejos, não existia infelizmente em relação á fortuna: o visconde de Noailles e eu dependiamos de nossos paes, e não fruiamos senão a pensão que delles recebiamos. Lafayette, ao contrario, ainda que mais joven e em logar de menor destaque, encontrava-se, por um singular acaso, senhor de seus bens aos dezenove annos, dono de si mesmo, possuidor independente de cem mil libras de renda.

O nosso enthusiasmo era muito vivo para ser por muito tempo discreto; confiamos os nossos designios a alguns jovens que esperavam empenhar na empresa. A côrte teve de tudo conhecimento, e o ministerio que temia a partida para a America de voluntarios de destaque social, que ninguem acreditaria possivel sem sua autorização, não descobriu aos olhos dos inglezes os intentos que ainda desejava occultar e nos impoz formalmente a renunciar ao nosso projecto.

Nossos paes, que tudo ignoravam até ahi, alarmaram-se e censuraram vivamente nossa aventurosa imprudencia.

A surpreza demonstrada pela familia de Lafayette foi o que me impressionou sobretudo, pareceu-me tanto mais divertida quanto me veio mostrar a que ponto seus velhos parentes tinham, até então, julgado mal e mal conhecido o seu caracter.

Lafayette teve em todos os tempos, e principalmente quando era moço, uma fria e grave compostura, e que dava mesmo muito falsamente uma impressão de embaraços e de timidez. Esse exterior frio e o pouco empenho que tinha em fallar contrastavam de um modo singular com a petulancia, a precipitação e a loquacidade brilhante das pessoas de sua idade; mas esse envolucro, tão glacial aos olhares, occultava o mais activo dos espiritos, o mais firme dos caracteres e a mais ardente das almas.

Eu melhor que ninguem estava em condições de aprecial-o; por que no inverno precedente, enamorado de uma dama tão amavel quanto bella, acreditara-me sem razão seu rival, e, máo grado nossa amizade, um accesso de ciume, passara quasi uma noite inteira em minha casa procurando persuadir-me de disputar contra elle, com a espada na mão, o coração de uma formusura sobre que eu não tinha a menor pretenção.

Alguns dias depois de nossa pendencia e de nossa reconciliação, não pude deixar de rir ao ouvir que o marechal de Noailles e outras pessoas da familia me pediam usar de minha influencia sobre elle para aquecer aquella gelidez, para despertal-o de sua indolencia, e para communicar um pouco de animação a oseu caracter. Imaginem agora qual deveria ter sido o espanto de todos quando souberam de chofre que esse joven sensato de dezenove annos, tão frio e tão apathico, arrastado pela paixão da gloria e dos perigos, queria atravessar o Oceano para combater em favor da liberdade americana!

Demais, a prohibição que recebemos de tentar essa grande aventura produziu naturalmente sobre nós effeitos muito differentes: constrangeu o visconde de Noailles e a mim, porque nos tirava absolutamente toda a liberdade e todo meio de agir, e irritou a Lafayette, que, resolvido a infringil-a, assegurou não faltarem meios necessarios para a realização de seu anhelo.

Entretanto, dissimulou, e pareceu então obedecer como nós á ordem recebida. Mas, dois mezes depois, ás sete horas da manhã, entra bruscamente em meu quarto, fecha hermeticamente a porta, e, assentando-se ao meu leito, diz:

— Parto para a America. Todo mundo o ignora, mas estimo-te demasiado para ter querido partir sem confiar-te o meu segredo.

— E que meio — perguntei-lhe — encontraste para assegurar teu embarque?

Soube então delle que tendo, sob um pretexto plausivel, feito uma viagem fóra da França, comprara um navio que devia esperal-o num porto da Hespanha; tinha-o armado procurava uma bôa equipagem, e enchêra o dito navio, não somente de armas e de munições, mas ainda de um grande numero de officiaes que tinham consentido em partilhar de sua sorte. Entre os mesmos officiaes encontravam-se M. de Ternan, militar bravo e instruido, e M. de Valfort, recommendavel por sua longa experiencia, pela probidade severa e profundos estudos. Depois, seu pae confiou-lhe a guarda da Escola militar, de sorte que veio a ser o principal preceptor de Napoleão Bonaparte. Esses dois officiaes foram indicados a Lafayette pelo conde de Broglie, ao qual confiara o seu projecto.

Não precisei exprimir longamente a meu amigo o pesar que tinha por não poder acompanhal-o; elle o sentia tão vivamente como eu. Mas conservava-mos a esperança de que a guerra arrebentaria dentro em pouco entre a Inglaterra e a França e que então nada se opporia a nossa reunião.

Lafayette, depois de ter feito a mesma confidencia ao visconde de Noailles, afastou-se promptamente de Paris.

Sua partida lançou na afflicção a familia, que o via, com dôr extensa, não somente correr perigos de todo genero, mas ainda sacrificar, pela causa de um paiz tão distante, uma grande parte da fortuna.

Somente sua mulher, ainda que a mais angustiada, amava-o muito para não partilhar de seus sentimentos e approvar sua generosa resolução.

A côrte, de prompto informada de sua desobediencia, enviou ordens para prendel-o, ordens que foram executadas.

Assim, meu infeliz amigo, depois de tantos sacrificios, viu-se privado de sua liberdade, no momento em que partia para defender a liberdade de um outro hemispherio.

Felizmente, poucos dias depois, tendo illudido a vigilancia dos guardas, escapou-se; atravessou os Pyrineus, e encontrou na costa hespanhola seu navio assim como os companheiros de armas, que já desesperavam de revel-o.

Fez-se á vela, chegou sem accidente á America e recebeu o acolhimento que merecia sua nobre e generosa audacia.

O Recato

(Conto Napolitano)

POR motivo de haver sido annunciada a realizaç[ão] de uma grande procissão em honra da venera[da] da *Madonna*, o bairro de Napoles, onde morava o pequeno Micio, fervia a febre religiosa.

Havia mais de uma semana que sobre as mes[mas] sogas atravessadas nos beccos onde as mulheres do bairro estendiam suas roupas a seccar, pendiam es[tandartes], bandeirinhas e galhardetes. Ante as cap[el]linhas installadas á frente de algumas casas, as vel[as] tilitavam, e em todos os lares, por mais pobres que fossem, ou por maiores idéas revolucionárias que pro[fessassem] seus moradores, a lampada que ardia sobre a commoda, deante da imagem da Virgem ou aos pés do Crucificado, fôra alvo de esmerado polimento; as flores de papel dourado, renovadas e despojadas do pó que as ennegrecia, e as impertinencias das mosca[s] deixadas sobre os vidros ou molduras dos quadros cuidadosamente eliminadas.

Muito antes da data assignalada para a realização de tão solemne acto, o cura da parochia havia feito pregar nas paredes das casas habitadas por seus pa[rochianos] grandes cartazes, nos quaes annunciava com phrases retumbantes, que a venerada *Madonna*, depois de uma reclusão de mais de dez annos e de ter s[offr]ido invectivas e injurias de toda ordem, ia novamente, reverenciada em andores pelas ruas da lo[calidade] e com a perfeita convicção de que seria mais honrada, venerada e amada do que o fôra outr'ora, [na] época em que eram mais religiosas as autoridades que mandavam ali.

Na parede que separava a carvoaria da quitanda que possuia a mãe de Micio, um cartaz de fundo color[ido] impresso com grandes caracteres negros, cobria pelo meio os que nas eleições passadas ali fizera collocar o candidato communista derrotado: "*Votate compa[gno] professore Tronchito*".

O pequeno Micio, segundo o costume dos menin[os] napolitanos, era dotado de uma alma piedosa e my[s]tica. Sabendo, pelas explicações que se dignara dar-lhe sua progenitora, que o tal professor Tronchito era um inimigo de Deus e de Santo Antonio, lembrou-se de procurar desfigural-o, e para isso atirou, uma noite sobre sua effigie, um punhado de barro recolhido no arroio. E si o *professore Tronchito* tivesse tido a idéa de passar algum dia por aquelle logar, poderia con[templar] seu rosto adornado com um enorme luar negro sobre a face esquerda.

Orgulhoso daquella acção, ignorada de seus parentes Micio esperava ansiosamente a chegada do domingo. E tal espectativa obedecia a varias razões: em pri[meiro] logar, porque o levariam á missa, e, depois, por que nesse dia, como em todos os outros feriados do anno, e á semelhança dos meninos ricos e dos hom[ens]

De

Edouard de Keyser

do bairro, cobriria sua habitual nudez com camisa, sapatos, gorro e roupa de brim.

Avisado uma hora antes da fixada para a partida, Micio experimentou uma forte impressão quando contemplou sua progenitora, tão grossa e tão orgulhosa, sob sua mantilha verde agua e seu vestido de seda alaranjada, adornado com grandes franjas de ponta. Ah! O senhor cura podia, em verdade, considerar-se, feliz e honrado de possuir semelhantes parochianos.

Antes de sahir, deteve-se a senhora ante um espelho, onde passou uma rapida inspecção. Satisfeita de sua indumentaria, lançou sobre si mesma um olhar complacente, e, tomando seu filho pela mão, foi buscar a mulher do carvoeiro, que tinha a mania de vestir-se sempre de branco, apesar de convir-lhe mais o contrario, pela condição de seu negocio.

Ao dirigir-se para a egreja pelas ruas estreitas e sombrias, as duas mulheres trocaram idéas a respeito da procissão da tarde, thema gratissimo para preparar sua alma ao necessario recolhimento. Micio, conbora parecesse escutar attentamente, só estava preoccupado em espiar os olhares dos transeuntes, procurando adivinhar si sua pessoinha suscitava nelles gestos de admiração ou de inveja.

Já no patamar da egreja e antes de afastar a espessa cortina vermelha que uma grossa barra de ferro tornava mais pesada, os fieis liam e depois commentavam um cartaz no qual, por ordem do arcebispado, a curia dirigia um convite ás mulheres, incitando-as a observar maior decencia, pois, devido ás modas actuaes, o recato corria perigo de perder-se por completo. Terminava annunciando que o Santissimo Sacramento da Eucharistia seria implacavelmente negado a todas aquellas fieis que se apresentassem ante o Santo Tribunal da Penitencia ostentando seu pescoço e seus braços nús.

— Santa Madonna! Que acertada resolução! — exclamou a mãe de Micio, com essa soberba voz de baixo que a natureza lhe havia dado e que causaria inveja a todos os trahidores de melodramas.

Penetraram na egreja, e durante todo o officio religioso Micio reflectia acerca do que acabava de ouvir. Não havia duvida que si uma autoridade tão alta como monsenhor resolvia prohibir as mulheres com o pescoço e os braços nús, era porque isso constituia um crime...

Quem o havia pensado! ...

Sentia vivos desejos de informar-se sem demora sobre o assumpto e de interrogar sua mãe. Esta, porém, se achava tão digna e ostentosamente erguida no centro da nave, que elle não se atrevia a incommodal-a. A' sahida seria outra cousa!

Interrompendo sem reparo uma erudita divagação

O REGATO

(Conclusão)

da carvoeira acerca da inconveniencia dos bustos largos e das saias curtas, ousou puxar a saia de sua mãe, e falar-lhe assim:

— Mamãe!...

— Que queres ainda? Se pretendes pedir-me permissão para correr na praça, é inutil que fales. Tens que ajudar-me... — acrescentou ella, impaciente. ....

— Não, mamãe... Eu queria saber... — insistiu o menino.

— Que? Está vendo, senhora? São ou não são fastidiosas as crianças?

— Eu queria saber, mamãe, por que o cura não quer dar a communhão ás que se apresentarem com os braços e o pescoço nús.

— Para que observem as regras impostas pelo pudor — disse, intervindo, a branca carvoeira.

— Então, é grave peccado mostrar nús o pescoço e os braços?

— Sem duvida — confirmou a mãe, num tom que punha termo á escabrosa conversação.

Chegada a noite, não foi com mão inconsciente que Micio enxugou os pratos, e mais de um conservou signaes vermelhos da salada de tomate.

Ignorante dos euphemismos que continha a circular arcebispal, Micio tomava a ordem ao pé da letra e sentia-se estremecer ao pensar em todos os peccados que se lhe haviam accumulado desde os seis annos que andava despido. Sem se atrever a dizel-o, tremia tambem pela salvação da mãe, que o obrigára a andar assim.

— Nunca cobri nem meu pescoço nem meus braços — reflectia amargamente. — Talvez não soubesse o mal que fazia!

Depois de deitado, demorou mais de dez minutos em conciliar o somno, e seu cerebro dava voltas e revoltas á questão.

O problema, no emtanto, se lhe afigurava simples: dadas as regras da decencia recordadas no aviso do patamar da egreja, era necessario observal-as dahi por deante. Mas, como?

E' de presumir que, si Micio chegou a adormecer profundamente, é porque havia dado na tecla.

Effectivamente, no dia seguinte os vizinhos do bairro viram apparecer no humbral da *trattoria* o menino nú, o que não lhes chamou a attenção, já que era costume inveterado. Mas, o que lhes causou estranheza foi ver que o pescoço de Micio desapparecia sob um velho panno de côr, e que seus braços procuravam subtrahir-se aos olhares indiscretos envolvendo-se em punhos de papelão habilmente cortados e amarrados...

O Medico

O medico é o discipulo amado de Jesus.

O medico exerce, elle só, uma pleiade de missões honrosas, arduas e constantes.

O medico é abnegado, até mesmo quando zela pela sua propria saude e bem estar, porque sem isso não poderia bem desempenhar sua missão sublime.

O medico reune em si todas as profissões nobres e heroicas.

O medico é civil e é militar.

Como militar, é um bravo que combate sem treguas, expondo a propria vida, desprezando todas as alegrias do mundo, a bem dos seus semelhantes, e, vencedor ou vencido, não desanima nunca e nunca se ensoberbece.

Como civil, o medico é o engenheiro do corpo humano e o advogado apaixonado do doente.

O medico é poeta, porque vê os doente um ser fragil e seductor, que faz do enfermo uma amoravel criança, uma linda esperança, seja qual fôr a sua edade.

O medico é poeta, porque sonha os mais humanos e lindos sonhos...

E' medico e é enfermeiro.

E' a justiça e é o perdão.

E' suave senhor e humilde criado.

Manda e pede.

Ordena e supplica.

E' rude como um tyranno e manso, delicado, doce, como um Christo.

Faz soffrer, soffrendo estoicamente.

O medico é o riso e a lagrima do doente.

E' o palhaço heroico que o diverte e é o carrasco martyrizado que o tortura para mais tarde allivial-o.

O medico é o raio de sol dos hospitaes e dos quartos dos enfermos.

O medico é a grande esperança dos que soffrem e dos que vêem soffrer, mas é tambem a victima indefesa da revolta dos inconscientes.

O medico é responsavel pelo bem que faz, tanto quanto pelo mal que não fez.

A presença do medico é tão necessaria ao doente como o remedio que o ha de curar.

O medico é o mais sincero dos religiosos, porque appella para Deus, pensando apenas nos que necessitam a protecção divina, e que se acham sob a sua guarda.

O medico é o mais amoroso e o mais apaixonado dos homens, porque é o apostolo de um sagrado amor e a sua causa é santa.

E' o mais divino paradoxo humano.

Bemdito seja o medico!

BARONEZA DE BRANCOTON.

7139

MISS ATLANTICO (Capital) — Ora viva! Eu não havia de passar este Natal sem receber uma cartinha sua. E mais do que isto: um presente.

A carta merece ser lida. Lá vae:

"Yves. Nunca Papae Noel me deu um presente que me alegrasse tanto: um elogio teu.

O Yves, a me elogiar, a me desejar felicidades e muitos annos de vida! O meu coração vibra de alegria, e a minha gratidão envia-te este copo. Só peço a Deus que te dê a ti tantos annos de vida quanto a mim, para que velhinhos, novo Mathusalem e nova Ninon de Lenclos, possamos ser

Duas almas tranquillas e amo-
[rosas!
Eu e tu! Vida... Amor... Sere
[nidade...

Miss Atlantico."

Salve! 24-12-929.

Agora, o commentario sobre o presente. O presente é um copo azul, com douradinhos, etc. Um copo que não me ha de servir para beber com elle na fonte de Castalia, mas onde poderei beber o "champagne" da minha sympathia á sua saude preciosa, desejando (perdôe o burguezismo das expressões) que os seus 38 annos actuaes se prolonguem, se centupliquem. De hoje por deante, todos os Nataes me darão ensejo de recordar que, "Miss Atlantico", oceano de intelligencia, princeza do bom gosto, exemplo de prodigalidade me offereceu um copo de vidro azul...

Até me lembra aquelle trocadilho: "Un ver vert dans un verre de verre vert..."

Gostou?

SAMPAIO (Bahia) — Si o sr. não me tivesse feito tão rasgados elogios, certamente eu me sentiria mais á vontade para attender o seu pedido.

Graphologia! Em todo caso, — vá lá o seu estudo. De outra vez espero que não diga de mim aquellas coisas patheticas e captivantes que vêm na sua missiva...

Comecemos.

A sua letra me põe deante de um homem precipitado, material, dedicado, mas com pouco idealismo.

A sua vontade é tenaz, perseverante e continuada. O sr. não é muito prodigo; não é nada liberal, no sentido economico. E' de maneiras simples, mas um tanto violento. A sua intelligencia é deductiva, assimiladora. Emotivo, é capaz de amar com enthusiasmo e sinceridade. E' um pouco prepotente, rispido, arenoso.

E só.

ATALÁ CINTRA (Capital) — Aqui está: Uma folha de papel é mais interessante, pelo material que a vehicúla do que pela sua propria essencia literaria.

Aqui está: Uma folha de papel almasso. A seguir, uma narrativa a que dá o titulo de conto. Mas o interessante é que não se sabe, si a sua epistola é um conto... da carochinha, ou si o seu conto... é uma carta... literaria...

Mas as leitoras intelligentes saberão classificar esse androgynismo litterario.

Lá vae:

"Saudações. Peço-lhes a fineza de publicar este conto "A beira Mar".

Por Atalá Cintra.

Ao romper da manhã, o sol vinha surgindo no horizonte, o mar estava sereno e calmo, com suas praias prateadas. As arvores ao soprar da brisa oscillavam as suas ramas, e os passaros cantavam maviosos hymnos; emfim só Deus é que póde prodigalizar essa belleza monumental, e o espectaculo radiante que offerece a natureza. Eu contente a contemplar esse esplendôr, ouvi longe estas palavras: está ali quem eu amo. Olhei extasiada, porém nada pouде enxergar, e assim continuei sentada a beira da praia fitando as aguas que corriam como correntes de pratas. Meu Deus! quem me chama? Escutei a voz outra vez que me dizia: amo-te, então lhe respondi: tambem te amo. Nesta occasião passava um pescador e disse-me: menina saia dahi, nada pódes descobrir pois é um mysterio. Tomei o seu conselho e segui para casa. A' noite ao deitar-me em minha rêde sedosa chorava e soluçava; afinal consegui dormir; accordei sonhando com aquella linda voz. Desde este dia amei tanto a linda voz que escutára a beira mar.

Desde já sou-lhe muito grata".

ISABELLA (S. Paulo) — Uma cartinha beige. Um pouco de perfume. "Sic transit gloria mundi..." Antigamente, as cartas das consulentes paulistas se caracterisavam pela presença dos perfumes caros, de preço e o papel de linho, com monogrammas complicados, etc., etc. Hoje — apenas uma sombra suave de perfume. Effeitos da desvalorisação do café?

Escreve V. Ex.:

"Illmo. Sr. Quero dirigir-me ao poeta suave do "Suave Enlevo", pois, si é grande minha admiração pelo primeiro, é minima pelo segundo.

Espero que, analysando estas linhas, deixe transparecer a sinceridade, a despretenção, até mesmo a doçura que caracterisam a personalidade revelada em seus versos, e não a mordacidade e ironia que o mascaram, quando se phantasia de Yves.

Reconheço parecer incoherente, pelo facto de se tratar do mesmo pseudonymo de uma mesma pessoa; mas eu quero dizer que ha affinidade espiritual entre o poeta sensivel e o Yves do FON.

Sei perfeitamente que serei talvez a unica que se lhe dirija n'estes termos; o meu fito, entretanto, é apenas preencher as minhas precisas para o estudo graphologico, o qual eu lhe peço a fineza de fazer.

Esperando vêr divulgados os pontos predominantes do meu caracter, subscreve-me:

Isabella".

POVERO FIORE (Capital) — Não a posso entender. Ora, V. Ex. diz *sim*; ora, *não*. E no fim não sabe o que deseja. Conhece o pensamento de Alfred de Musset, o poeta que foi traido pela leviana George Sand: "La femme qui veut réellement refuser se contente de dire: Non. Elle qui se explique veut être convaincue".

Ta tres annos que V. Ex. escreve para esta secção. De vez em vez telephona. A's vezes é encantadora pela distincção de maneiras; outras surprehende com a violencia das suas attitudes. A sua ultima carta foi um ataque feroz á minha pessoa. Qual o motivo? Não tenho nenhum. V. Ex. não tinha o que fazer. Tomou da penna e — zás — toma descompostura. No entanto, agora, pelo Natal, V. Ex., com a mesma alma, talvez com o mesmo coração (si é que o possue) me dirige este telegramma na doce lingua de D'Annuzio: "Ogni gioia ventura, eco tutti che considero in questo nuovo anno arriva — Povero Fiore".

E' extraordinario!

Mulher! — Perfida como as ondas. Mulher! — Volúvel como as nuvens!

La donna é mobile
qual piuma al vento...

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

LIS (S. Paulo) — Lis... Uma cartinha pallida, perfumada. E que excellente perfume!

Ao chegar á redacção, hoje, sabbado, 4 de janeiro, encontrei a sua missiva sobre a minha banca.

Li-a, e della me ficou uma doce impressão de ternura a que já estou desacostumado.

Para lhe definir melhor essa impressão devo dizer... Mas dizer o quê? Imagine que alguem, cuja luta com a materialidade da vida, é perpetuo conflicto, a lhe destruir os sentimentos de belleza, dia a dia, entrasse, por acaso, num salão deserto e sumptuoso, onde tudo fosse suavidade e encanto. Foi essa a impressão que me deu sua carta. Ella me dá bem a idéa de um ambiente de luxo requintado. Tapetes de Smyrna. Cortinas de renda. Jarras transbordantes de rosas. A um canto, o piano. Pelas paredes, de um *grenat* avelludado, retratos de physionomias antigas, onde reconhecemos os nossos antepassados, em poses graves e com uma indumentaria antiquada, que nos dá a sensação exacta de épocas remotas e amaveis. Ha um mobiliario de estofo rubro, em damasco. Ali repousaram os nossos avós, na quietude dos idyllios, cheios de suave lyrismo. No ar, dorme, somnambulicamente, a emanação de um perfume de coisas antigas. Sobre o piano, velado pela penumbra rosada do *abat-jour*, que arde como a agonia de saudade, ha um retrato de mulher, em cujo rosto sonham dois olhos pensativos e se rasgue o frisso curto de uma bocca feita para beijos... Quem será ella? Será aquella que tem o nome de uma santa? Agora, os nossos olhos descobrem, no salão ermo, esta nota de candidez e frescura: um ramo de violetas...

Essa a impressão que a sua missiva me transmitte. A mim, que sou o alguem, affeito aos conflictos da vida e que entra, por engano, nesse salão ermo e evocador de coisas remotas e fugitivas...

Nesse salão que tem muito de amor, de belleza e poesia para ser um santuario, e é puro de mais para ser apenas um salão.

A sua carta, mlle. Lis, é um milagre de encanto, de ternura, de caricia e... mentiras...

Quanto ao seu delicado presente de Natal, — oh! muito obrigado.

Sabe que desejo retribuil-o? Não são dos que rezam pela cartilha do "venha a nós. A vosso reino — nada".

Costumo retribuir os mimos que me offerecem — para ter o direito de falar desses egoistas que tudo esperam merecer de nós, sem nunca terem a amabilidade de um "muito obrigado".

E' logico, não é?

Mas, emfim, como é que devo corresponder á sua gentileza?

JOHN SOMAR (Capital) — Os seus versos vão ser publicados.

MISS ATLANTICO (Capital) — Ah, eu bem sabia que V. Ex. não havia de faltar n'este começo de anno.

Continúo a pedir a todos os santos que lhe prolonguem os seus 35 annos... por muitos seculos — Amen. Porque, como já disse, V. Ex. é necessaria a esta pagina... com a sua intelligencia... — Ora pro nobis.

Já estou tão habituado com a sua pessoa, isto é, com a sua imagem, (pois que não a conheço) que, muitas vezes, eu me ponho aqui, a *vel-a* com a imaginação. Vejo-a com o seu vestido cor de abobora, os seus sapatos verdes *tressées*, as suas meias cor de cinza e o seu collar (Sloper, 5$500 a duzia) de contas de vidro vermelho...

Fico encantado, em contemplar (com a mente, já se vê) o seu lindo estrabismo (!!) e o seu nariz á Cleopatra. Admiro os seus pesinhos de sapato 38 e a sua gordura de 110 kilos, o que me fascina tanto quanto esse espesso buço e essas sobrancelhas compactas que lhe dão um sympathico ar de sogra ou titia... que pega nos sobrinhos...

Emfim, Miss Atlantico, V. Ex. é uma creatura ideal até mesmo na escolha dos seus presentes. Suppõe que não me commoveu profundamente com a lembrança que teve, de me offerecer aquella folhinha (para 1930) de 1$500 a grosa? Pois está enganada! Para mim, o valor está é na lembrança como dizia o conselheiro Accacio: e não no mimo que se offerece.

Em troca, desejo que entre no reino do céo... — E que louvado seja o nome de Nosso Senhor Jesus Christo... pela soberba intelligencia que lhe concedeu...

Adeusinho, sim, Miss Atlantico?

LUCILA HERMANN (S. Paulo) — Agradeço e retribúo os votos de bôas festas e feliz anno novo.

LILIA (?) — Ora os olhos negros! A gente começa gostando da mulher, pelo seu conjuncto, sem se aperceber de que ella tem olhos negros ou azues. Depois é que se aprehendem os detalhes. Então, nesses casos, a gente ama os olhos "daquella creatuda" — sejam negros ou azues.

O principal é que elles possuem essa força hypnotica, potente, que domina e escraviza as affeições mais rebeldes. Ha em toda mulher seductora, que se faz amar, um pouco daquella *Carmen*, de Bizet...

Diga-me o endereço que me dá é para que lhe escreva, revelando o que esta secção não me permitte, ou é só para a remessa da photographia?

Um pouco mais de clareza. Póde ser?

ONDA (S. Paulo) — Muito obrigado pelo offerecimento que me faz da sua bella chacara, da capital paulista. Quando visitar a Paulicéa, irei, jantar com V. Ex.... Assustou-se? Estou brincando. Não tenha medo. Sei bem que o paulista não convida pessoa alguma para jantar. Principalmente agora com a desvalorisação do café.

Relativamente á graphologia, devo dizer a V. Ex. que não é possivel fazel-a. Não desejo que tenha uma syncope. V. Ex. bem póde ser cardiaca.

Escreve V. Ex.: "Yves, você tem o grande dom de prender os corações..." Mas os corações femininos só se prendem com *cheques*. (Não tome um *choque*... o que poderia resultar num *achaque* e ficar muito feio para uma mulher... *chic*). De resto, não sou gomma arabica, nem colla-tudo, para prender corações de papel... de carta...

Aos nossos leitores. — *Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.*

• • •

GRAPHOLOGIA — *Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2. — O assimpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3.º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone

Central 4136

***FON-FON* — 11-930**

Data da consulta..................

Nome do consulente..................

....

O Agente de Propriedades

De RICHARD ROCHE

JAYME estava em seu escriptorio, de pessimo humor, reflectindo sobre a farça banal, a estupida irrisão disso que commummente chamamos vida. Pela primeira vez verificou a inexplicavel futilidade que implica o descobrir diariamente as conveniencias de tal ou qual cousa, o tamanho de seu jardim, a bondade de sua situação, seu preço reduzido, seu grande futuro e só Deus sabe quantas qualidades mais.

Jayme era um agente de propriedades, e, por conseguinte, muito acostumado e tambem despreoccupado quanto á descripção e á ponderação de casas, jardins, appartamentos e quanto edificio lhe incumbia procurar alugar ou vender. De maneira que, si agora isso o aborrecia e contrariava de tal fórma, só podia para isso haver duas razões: ou que estivesse soffrendo de indigestão ou de algum desengano amoroso. Agora, quanto á sua digestão, era esta perfeita. O mesmo não podia dizer no terreno amoroso.

Dizer que se surprehendeu ao ver que se abria a porta de seu escriptorio e que entrava Betty em pessoa, com seu andar elegante e seu porte de princeza, seria não expôr o caso justiceiramente, pois na realidade experimentou o espanto mais enorme de sua vida.

Era Betty a ultima pessoa que esperava ver ali. Tinha poderosas razões para assim pensar. Fazia apenas uma semana que haviam desfeito seu noivado, separando-se cada qual mais indignado, e manifestando o mutuo desejo de se não tornarem a ver na vida, e que si isso chegasse a acontecer — para o desagrado e infortunio de ambos — se tratariam e falariam como si nunca se houvessem conhecido, como pessoas inteiramente estranhas uma á outra.

E agora entrava Betty em seu escriptorio, com uma calma tranquillidade, como si nada houvesse occorrido entre elles!

Como havia poucos minutos que Jayme estivera fazendo amargas reflexões sobre a inutilidade e a estupidez da vida, em geral, e da de um agente de propriedades, em particular, não se encontrava muito disposto a transigir com ninguem.

"Possivelmente — reflectiu — Betty se cansou de estar zangada e tem a impressão de que lhe será facil reconquistar meu amor. Talvez pense que, mal a veja eu, minhas iras se aplacarão... Hei de lhe demonstrar que se engana, que não sou nenhum individuo sem energia, e que sei manter minha palavra."

Ah!... Jayme estava extremamente aborrecido. Fôra *ella* quem havia insinuado que dali por deante se tratariam como estranhos... E assim seria!

Jayme levantou-se de sua cadeira, e inclinou-se da maneira mais correcta, como convem a um educado agente de propriedades.

— Muito bom dia, senhora — disse cerimoniosamente, fixando seu olhar, não nos lindos olhos verdes da joven que acabava de entrar, mas a tres pollegadas, mais acima de seu elegante chapéo. — Em que poderia ter o prazer de ser-lhe util?

Betty olhou-o firmemente por um instante, e si elle houvesse olhado seu rosto em vez de tres pollegadas mais acima, teria podido observar que o principio de um sorriso desapparecia de seus olhos, que ella corára ligeiramente e que mordia os labios. Um minuto depois, era ella quem olhava a tres pollegadas mais acima da cabeça de Jayme.

— Bom dia, senhor — exclamou ella, com muita reserva. — Desejo ver algumas casas.

— Perfeitamente, senhora. Que tamanho de casa mais ou menos deseja?

— Oh!... De um tamanho regular... Para duas pessoas, por exemplo.

Jayme quasi cahiu de espanto.

— Para duas... pessoas?!... — exclamou, perturbado.

— Parece estranhar-lhe isso? — falou Betty, friamente.

— Perdão, senhora! Não... Não... Absolutamente não... V. ex. dizia uma casa para... para...

— Para dois — concluiu Betty, como que espantada.

— Muito bem. Temos, justamente, á sua disposição alguma cousa bem conveniente... Uma casinha chic para... dois...

— Para meu marido e para mim.

Jayme retrocedeu dois passos e seus modos cerimoniosos se esfumaram como por encanto.

— Seu... marido!? — gritou, completamente desorientado.

Betty mediu-o com um olhar de fria surpresa.

— Certamente — respondeu, com voz gelada. — É muito natural que more na mesma casa onde resida meu marido.

— Casou-se, então?

— Ainda não — disse Betty, — mas o farei dentro em breve. Aliás, não comprehendo em que possa isto interessal-o.

• • •

Jayme esqueceu por completo o facto de que era um agente de propriedades. Sabia, certamente, de quem se tratava! Não podia ser sinão daquelle condemnado typo que sempre rondava em torno de Betty, antes de ella se comprometter com elle.

— Supponho que será com aquelle idiota que se chama Greening... — disse, em tom furioso. — Não é assim?

Betty não o negou. Apenas disse, um pouco desapontada:

— Verdadeiramente... nunca chegaria a imaginar que um agente de propriedades se immiscuisse em negocios que nada têm a ver com elle...

— Ao diabo com o agente de propriedades! Neste momento não o sou. Sou apenas...

— Oh! Então — interrompeu-o suavemente Betty — devo pedir-lhe desculpas... Pois eu suppunha que o fosse. Lamento muito ter-lhe feito perder seu tempo. Agora mesmo irei a um agente de propriedades, porque, veja o senhor, preciso de um cartão para poder ver o "chalet" Ashdown.

Jayme experimentou um novo choque. O "chalet" de Ashdown era precisamente o que elle e Betty haviam pensado occupar, quando se casassem!... Era um chalezinho ideal. Justamente para dois recem-casados.

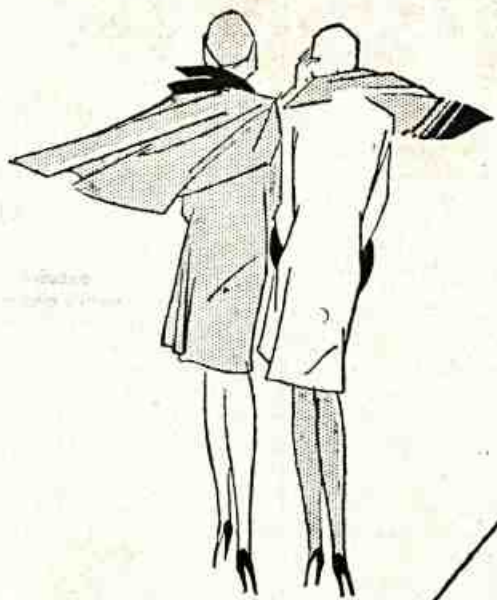
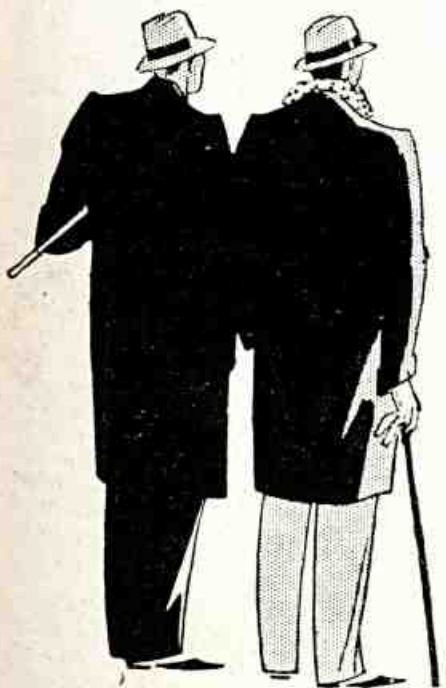
Só em pensar que Betty pudesse viver nelle com qualquer outro homem, Jayme sentia que o assaltavam idéas assassinas... Verdadeiros ataques de furor... No emtanto, supplicou, com voz desfallecente:

— Escute... Por favor, não vá...

Betty se encaminhou para a porta, e perguntou:

— E' o senhor um agente de propriedades? E' ou não é?

— Sim, o sou — respondeu elle, submisso.

— Muito bem. Então tenha a bondade de entrar

BIBLIOTHECAS ROTARYANAS

De GUSTAVO BARROSO

"Mestres mudos". Assim denominou Calvino os seus livros, quando andava pelos cantões da Suissa, banido e solitario. Os egypcios foram, para os livros, mais expressivos do que o chefe protestante: um explorador das ruinas do Nilo encontrou á entrada de uma bibliotheca pharaonica este letreiro — PHARMACIA DAS ALMAS.

Ajuntae os remedios e tereis a botica. Convocae os mestres e reunireis um concilio. Eis por que Gabriel Hanotaux póde afirmar que cada bibliotheca é um mundo — o mundo dos ausentes e dos mortos, mas dos mortos e ausentes que se não esquecem, que se não podem esquecer e continuam a gosar de nossa intimidade. E acrescentou de modo solenne: "Pelo livro o fio de nossos dias se liga aos seculos".

Um philosopho norte-americano, falando de livros, disse que alguns tomam logar na nossa vida como pessoas da familia, sendo difficil comprehender a existencia sem elles.

A experiencia dos seculos e a lição dos grandes homens ensinaram desta sorte ao Rotary Club do Rio de Janeiro a dar valor aos livros, a sentir a necessidade de incutir o amor dos mesmos no coração malleavel das crianças e a compenetrar-se dos beneficios que são capazes de espalhar, embora a sua inercia e a sua mudez. Sua bella iniciativa, offertando ás escolas municipaes pequenas e escolhidas bibliothecas é um valioso gesto a prol da educação de nossa infancia. Si os Rotarys dos Estados seguirem este exemplo, ter-se-á feito alguma coisa pelo grande e grave problema da instrucção publica no Brasil.

Que representarão essas bibliothecas nos estabelecimentos escolares? Aquillo que Emerson assignalava e definia nestes periodos: "Uma pequena bibliotheca bem escolhida é uma sociedade formada pelos homens mais sabios e mais intelligentes apparecidos num millenio, em todos os paizes civilizados, e que fixaram da melhor maneira os resultados de seu saber e experiencia. Esses homens, embora tivessem vivido escondidos, inaccessiveis, solitarios, inimigos de qualquer perturbação, ou protegidos pela etiqueta, seu pensamento mais occulto deixaram nesses livros, em letras claras, para que o entendamos e commentemos, nós, estrangeiros de outro seculo."

Emerson encontra-se deste modo com Hanotaux e tacitamente reconhece que o livro liga o presente ao passado. E, quando faz afirmações desta natureza: "Os livros communicam ás forças moraes uma actividade sympathica... Lêde Plutarcho e o mundo vos parecerá nobre, cheio de heróes e semi-deuses", dá, necessariamente, a mão, atravez das decadas de centenarios ao escriba dos pharaós, que gravou no portico da livraria o titulo achado, traduzido e commentado por Maspero: PHARMACIA DAS ALMAS.

Pelo livro se perpetua o pensamento humano, cuja destruição é um dos peores flagellos da humanidade; se perpetua tanto quanto é possivel perpetuar-se. E muitas vezes onde nada mais resta da fortaleza, da muralha roqueira e da ameia, do paço faulhante, do labyrintho mysterioso ou do templo imponente, o livro, escripto no barro cozido, na lapide de marmore, no couro do animal, na folha das plantas aquaticas, nas cordas de nós ou nos pannos de linho, transmite, embora pela destruição do tempo e do barbaro, atesta a grandeza da civilização que alli se sepultou.

O Rotary Club do Rio de Janeiro offerecendo ás escolas do Districto Federal pequenas bibliothecas escolhidas com o melhor criterio, a cada um desses estabelecimentos, uma doação de alto valor moral e educativo, embora de pequeno valor material. E' um exemplo de que reconhece a alta valia dos livros e é uma lição de que elles contribuem para a formação das almas jovens. E' o presente duma congregação de mestres mudos; é a offerta de excellentes remedios moraes, que não somente curam, porém enriquecem a alma, no claro dizer de Montaigne.

Si com essa activa e benefica propaganda o Rotary Club do Rio de Janeiro conseguir que os livros de sua escolha — expressões de consciencias — sejam amados pelas crianças e lhes tonifiquem as almas, terá conquistado a maior gloria a que aspira com o seu gesto de interesse pela cultura de nosso ...

O Agente de Propriedades

(CONCLUSÃO)

me immediatamente uma ordem de vista para o "chalet" de Ashrown.

— Acho que elle não lhe agradará — disse Jayme, num ultimo esforço para dissuadil-a. — E'... é um edificio velho...

— Pois eu gosto muito das cousas velhas — objectou Betty. — Além disso, elle poderá ser reformado.

— Duvido-o... — disse Jayme, apesar de all, sobre sua mesa-secretária, se encontrar o plano para a ligeira reforma de que precisaria aquelle "chalet".

— E, depois, esse *hall* tão grande... — continuou Jayme, enumerando os inconvenientes da casa.

— Oh! Tem um grande *hall*? — exclamou Betty, como no cumulo da satisfação. — Adoro os *halls* grandes!

— Mas esse não lhe agradará... E' muito escuro — insistiu Jayme, com voz opaca.

— Mas, se lhe poderia pôr uma claraboia — proseguia Betty, afastando as difficuldades. — Isso lhe daria mais luz.

— Tem uma claraboia — admittiu Jayme. — Mas tem outro inconveniente. Este: a chaminé, que é muito aberta e bastante antiga.

— Ah! Mas que sorte... São justamente dessas minés que eu gosto!

Jayme, agora, se limitou a resmungar alguma entre dentes.

— Tenha a bondade, senhor, de facilitar-me diatamente o cartão para que eu possa ir ver o "chalet" — disse Betty. — pois me parece que é exactamente o que procuramos.

Jayme cessou em seu empenho de dissuadil-a e com aquella casa. Deu-se por vencido, e lugubremente perguntou:

— O que procuram você e Greenig, não é assim?

Betty esboçou um movimento de surpresa e muito seus lindos olhos verdes.

— Greenig! — exclamou. E que tem a ver Greenig com tudo isto?

— Não é com elle que se vae casar você?

— Nunca pensei nisso... Você é que se lembrou tão absurda idéa.

— Então... com quem?...

— Já lh'o poderia ter dito antes — respondeu Betty com um olhar de reprovação. — Mas, quando parecia você tão horrorizado...

— Com quem?... Com quem?... — repetia Jayme ansioso.

— Comtigo! ... — concluiu Betty, muito tranquilla.

Concurso Sabonete EUCALOL

(Menção Honrosa)

Da alva espuma do mar surgiu um dia
Venus, maravilhosa em pleno sól:
Mas a Venus, moderna que extasia
Vem da espuma que a cutis lhe amacia
Da redolente espuma do "EUCALOL".

Maria Helena Corrêa.

Rua General Camara 438 — Santos — S. Paulo

VIDA DOS CAMPOS

NOTICIAS DE TODA A PARTE

INFORMAÇÕES FORNECIDAS PELO DEPARTAMENTO D
PUBLICIDADE DA SOCIEDADE RURAL BRASILEIR

Sala de projecções cinematographicas e pequenas conferencias illustradas com films.

CONSELHOS

A polycultura, a mechanização e a cultura intensiva são os tres problemas capitaes do momento.

* * *

Por que?

Porque polycultivar é dar ao paiz os meios de evitar a emigração do ouro. Si o Brasil produzir de tudo, importará menos e por conseguinte a balança commercial penderá mais para o seu lado.

* * *

A polycultura completa-se com a mechanização. Ha culturas que, sem a machina, não darão bom resultado.

* * *

Portanto mechanizar e introduzir machinas agricolas na preparação do solo, cultivo e colheita dos fructos. Ha machinas para todos os preços. Nos Estados Unidos, onde a mechanização é uma realidade, encontram-se os machinismos necessarios para todas as lavouras, por todos os preços e para todas as finalidades. Lá, as menores operações agricolas são feitas com machinas. Desde o destocamento até o acondicionamento.

* * *

Onde se póde verificar o extraordinario effeito da mechanização é na fructicultura. Fructa mal colhida, mal encaixotada, é fructa sem valor, de preço infimo.

Vejamos a ultima questão: a cultura intensiva. Que será isso?

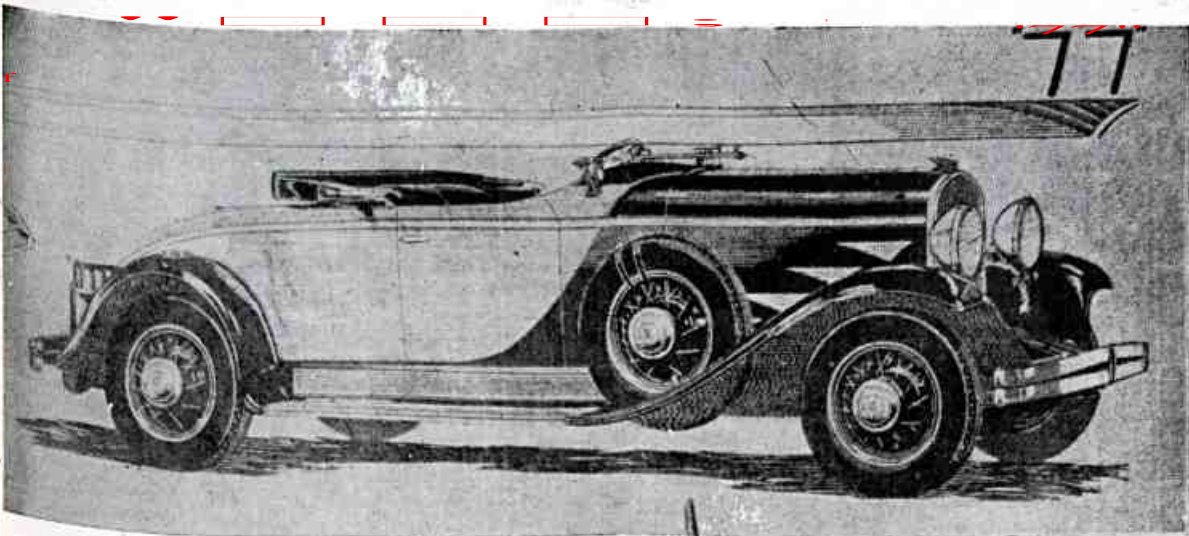
* * *

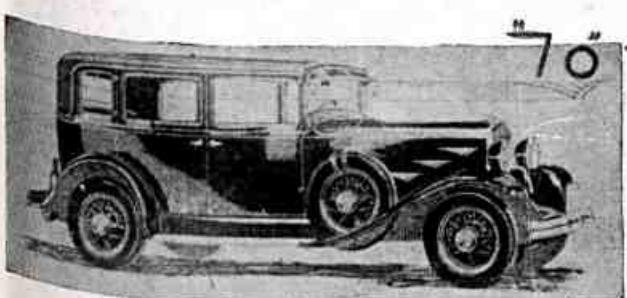
Cultura intensiva consiste em se aproveitar as terras todas. Não ha propriedades formadas exclusivamente em terras bôas. Em qualquer u dellas se encontram sempre terras bôas ruins. Cultivar intensi mente, portanto, — co já diz o termo — é ap veitar o que é bom, poupar o terreno presta.

* * *

Uma terra bôa dá tudo. A cultura in va ensina-nos, pois, devemos nas terras (desprezadas as rui plantar, plantar, sem crupulos...

* * *

Ha fazendeiros que plantam laranja.

VIDA DOS CAMPOS

(Conclusão)

Ao lado da laranja, aconselha-se que plante o milho, o trigo. Quando o mercado da laranja cahir, terá elle os demais productos para custear sua propriedade.

* * *

O lavrador que polycultivar, introduzir machinas na sua lavoura e cultivar intensivamente, aproveitando só as terras boas, terá seguido os conselhos de Salomão e assegurado o seu futuro.

CINCINATO

EM PROL DA TRIGOCULTURA

Dentro de poucos dias, São Paulo vae ter occasião de admirar um certame, cujo elevado escopo deve merecer toda nossa attenção. Trata-se da "Primeira Exposição de Trigo Paulista". A Secretaria da Agricultura, que vem desenvolvendo seria campanha em prol da polycultura e que é a sua patrocinadora, promette alcançar mais um louro, pois muito é de se esperar de uma Exposição bem organizada, quanto ao ponto de vista do incentivo e do estimulo.

A "Primeira Exposição de Trigo Paulista" terá lugar no recinto da Directoria de Industria Animal, á avenida Agua Branca, onde vão ser feitas varias experiencias, não só de plantação de trigo, preparação do terreno, mas tambem da panificação. Teremos, portanto, occasião de saborear o pão genuinamente paulista, fabricado com trigo de excellentes qualidades nutritivas, sendo certo ainda que, segundo entendidos no assumpto, o pão paulista é superior aos congeneres fabricados com trigo estrangeiro, dadas as excellentes qualidades do nosso producto.

E' de se esperar que o incentivo a que procura dar á Primeira Exposição de Trigo Paulista, encontre a maior repercussão entre os lavradores do Estado. Urge que, da bôa comprehensão dos fins do importantissimo certame, advenham iniciativas promptas, no sentido de um rapido desenvolvimento da trigocultura entre nós.

CARLOS MENDES.

> ***FAZENDEIRO!***
>
> Um paiz sem trigo é um paiz pobre. Ha para cima de 33 especies de trigo. Uma dellas fatalmente vingará na sua propriedade. Por que não experimentar a sua cultura? O brasileiro é menos forte porque come pouco pão. Sejamos patriotas plantando trigo.

O MORCEGO PROTECTOR DA FRUCTICULTURA

Os pomares perdem muitos annos grande parte dos fructos devido ás invasões de pragas e insectos que os destróem.

Parte desses damnos attenuam-se com repetidas pulverizações de soluções insecticidas. Isso, porém, não basta.

Em experiencias realizadas, verificou-se que a installação de ninhos de morcegos nas regiões pantanosas e nos locaes fructicolas não só attenuam consideravelmente as epidemias palndicas, tambem as invasões periodicas das pragas, chegando mesmo em alguns logares ao desapparecimento completo destas.

A efficacia dos morcegos contra os insectos, principalmente os nucturnos, parace justificada por serem devoradores insaciaveis de tão damninhos animaes. Os fructicultores devem promover a propagação do morcego para protecção das suas plantações, assim como todos os agricultores devem tambem fazer para o saneamento de suas propriedades e culturas.

DESTRUIÇÃO DE PARASITAS DOS GALLINHEIROS E GALLINHAS

Um avicultor affirma que um meio radical para despovoar os gallinheiros e as aves de piolhos e outros insectos consiste no emprego do sulfureto de potassa.

A limpeza do gallinheiro impõe, como medida preliminar, limpar as aves, submettendo-as ao banho de Bareges, que se prepara com sulfureto de potassa. Este procedimento, empregado ha 30 annos em gallinhas e cães, é considerado perfeito por todos, sempre que se utilize a referida droga de primeira qualidade.

O sulfureto de potassa deve ser fresco e que não se haja evaporado. Esses banhos são tambem usados por pessoas que teem doenças da pelle. Tanto nas pessoas como nos animaes, a efficacia dos banhos está em relação com o frescor do producto usado. E' completa si o sulfureto conserva todas as suas qualidades, porém resulta inteiramente nulla si o producto se evapora. Deve, portanto, usar-se sómente o que reuna aquellas condições e renoval-o a cada operação.

Para as gallinhas adultas, empregam-se grammas por litro de agua; 20 grammas para os pintos de 3 a 5 vezes e de 16 a 18 grammas para os menores.

E' frisante o exemplo de um cachorro que, invadido completamente, ficou limpo de parasitas depois de um banho de 10 minutos, preparado com 30 grammas de sulfureto de potassa por litro de agua.

Para gallinhas, um minuto de immersão, fazendo com que o liquido chegue até as orelhas, levantando as pennas e procurando com as mãos que estas fiquem bem molhadas, é sufficiente.

Depois do banho, secca-se cada ave com um panno e expõe-se ao sol para que a humidade desappareça completamente. Si se opera em tempo frio, colloca-se a ave, depois do banho, em uma caixa approximando-a do fogo depois de havel-as enxugado ligeiramente.

> O problema da alimentação na Europa está se tornando, dia a dia, mais serio. E os paizes do Velho Mundo voltam os seus olhos para nós. O Brasil, com os seus 8 milhões e tanto de kilometros quadrados, é um emporio inegualavel. Preparemo-nos, pois, para attender aos pedidos que nos irão fazer, abastecendo-nos.

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 2

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 11 de Janeiro de 1930

Um Throno por um Amor...

DAS côrtes européas, a da Rumania é a que maior evidencia tem tido, nestes ultimos annos, — graças ao esplendor de legenda que a envolve, num halo de magnifica belleza.

Não possuisse ella a tradição dessa nobre figura que foi Carmen Sylva, a rainha e escriptora notavel que vive nas paginas fascinantes de "L'Exilée", do estranho e admiravel Loti, Pierre Loti...

Não contasse ella entre os seus membros, essa outra rainha e escriptora — a rainha Maria, viuva de Fernando I, e que é tambem a mulher mais elegante do mundo.

E o principe Carol?

Falando da familia real da Rumania, é preciso não esquecer esse personagem singular de novella romantica.

O principe Carol!

Durante muito tempo, S. A. viveu no noticiario dos jornaes. Não como um authentico fidalgo, mas encarnando a figura seductora desses "princes charmants", que, ainda hoje, apezar dos Ramon Novarro, dos Adolphe Menjou e John Gilbert — constituem o sonho azul das "jeunes filles" fantasistas, que lêem os romances da "Bibliothèque de Ma fille".

O principe Carol é, na verdade, uma figura de fascinante legenda.

Basta notar que, num seculo de utilitarismo alarmante, de concretizações mercenarias, e immediatismos revoltantes, esse ex-herdeiro da corôa rumena mandou ás ortigas o throno que lhe pertencia — em troca de uns bellos olhos de mulher.

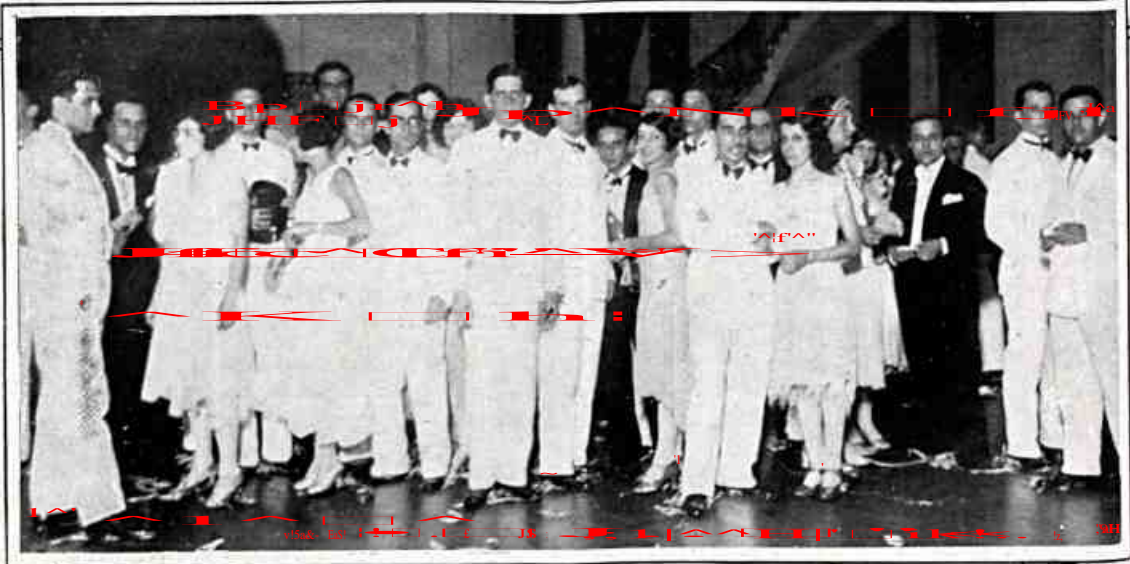
Sim. Por causa de uma mulher bonita — que não era da sua estirpe, que não possuia brazões — um principe perde um sceptro de rei.

Quanta belleza nesse gesto de desprendimento!

No emtanto, esse principe está desvirtuando a belleza da sua attitude magnifica.

Tendo perdido a formosa mulher em cujo coração ella lhe erguera um throno de amor, o principe Carol está dando cuidados á policia do seu paiz, por ter S. A. manifestado desejo de reconquistar a corôa a que abdicara.

Para mim, o principe rumeno perdeu muito da sua aureola de legenda. De encantadora legenda...

BASTOS PORTELLA

Realizaram-se nesta capital varias festas commemorativas da passagem do anno, e que constituiram a nota elegante da ultima noite de 1929. Esta pagina fixa aspectos dos bailes que, por esse motivo, o Atlantico Club, o Fluminense F. C. e o Club dos Bandeirantes offereceram á sociedade carioca.

O Botafogo F. C. também festejou a passagem do anno com um grande «reveillon», que reuniu, no palacio colonial da avenida Wenceslau Braz, a «elite» da nossa sociedade.

Da mulher, do casamento e do amor

Certos casaes que passam por mim na rua ou ao meu lado se sentam nos vehiculos e casas publicas fazem-me sorrir. E' que eu penso na dame propriétaire de que nos fala Michelet...

* * *

Ao mesmo tempo, deante de certas mulheres delicadas, finas, fidalgas na linha, no porte, na attitude, no gesto, outro pensamento de Michelet me vem á lembrança: "On ne sait pas combien les femmes sont une aristocratie."

* * *

A libertação da mulher de todos os tabús sociaes que lhe entravam a vida devia ser uma questão masculina e não feminina. Porque essa libertação traz dentro de si a libertação total do homem, o que elle parece ignorar

* * *

As disputas entre os dois sexos são duma tolice revoltante. A mulher não pode viver sem o homem nem o homem sem a mulher. Por que, então, não se auxiliarem mutuamente para a melhoria da existencia de ambos Alliados, não pelo amor que os funde, mas pela comprehensão mutua que os liga sem despersonalizal-os, elles fariam tudo o que não têm conseguido como inimigos.

* * *

A mulher é superior ao homem na affeição. A synthese do seu affecto é tão grande que cabe num berço. O do homem espalha-se como o azeite, sem profundidade...

* * *

O amor deve ser antes de tudo espiritual para ser, de verdade, amor. Não só entre mãe e filho, entre membros da mesma familia, entre os similhantes como quer a religião. Mas o amor entre os que se amam no sentido vulgar desta expressão. O homem que no seu amor por uma mulher nada põe de espiritual não a ama, deseja-a, o que é differente e está ao alcance de qualquer animal.

* * *

No Oriente, a mulher é uma criança astuciosa com quem se casa aos dez annos e que se atira na agua cosida num sacco. No Occidente, a mulher é desde a esposa grega e a matrona romana até a virgem christã e a suffragista moderna, uma força social com que se tem fatalmente de contar.

* * *

A complicação de caracter das mulheres não será mera simplicidade que ainda não puderam os homens comprehender?

* * *

Houve uma mulher que chamou o casamento divorcio. União dos corpos e separação das almas talvez tivesse querido dizer...

* * *

Por que somente o homem ha de ter o direito de variar para não soçobrar no tédio? E toda a legislação social sobre a mulher está baseada nesse pseudo direito, que se não confessa.

* * *

Stendhal fala-nos do ramo que se mergulha nas fontes salitrosas de Salsburgo e que se retira, depois, ornado de crystallizações maravilhosas. Parece uma joia. O mesmo — diz o autor da Cartuxa de Pavia — faz ao amor a imaginação. Entretanto, parece que é o amor que produz a imaginação ou que pelo menos a exalta. E não consta que o galho seja quem torne salitrosas as aguas de Salsburgo...

* * *

A mulher de hoje, para combater a ignorancia do passado, que a martyrizou, tem de appellar para a sabedoria do futuro, através das lutas do presente.

* * *

O amor verdadeiro augmenta com a convivencia. O desejo morre antes de chegar a ella.

* * *

Nem todos os que estão casados vivem casados. Ha entre elles muitos divorciados, muitos viúvos e muitos que nunca deixaram de ser solteiros...

* * *

Disse um escriptor francês: "Il n'est pas aisé à deux ames de s'atteindre au fond et de se méler." E outro declarou: "On se brise l'un contre l'autre, on ne se méle pas."

A difficil mistura das almas, pois, é que é o verdadeiro amor.

* * *

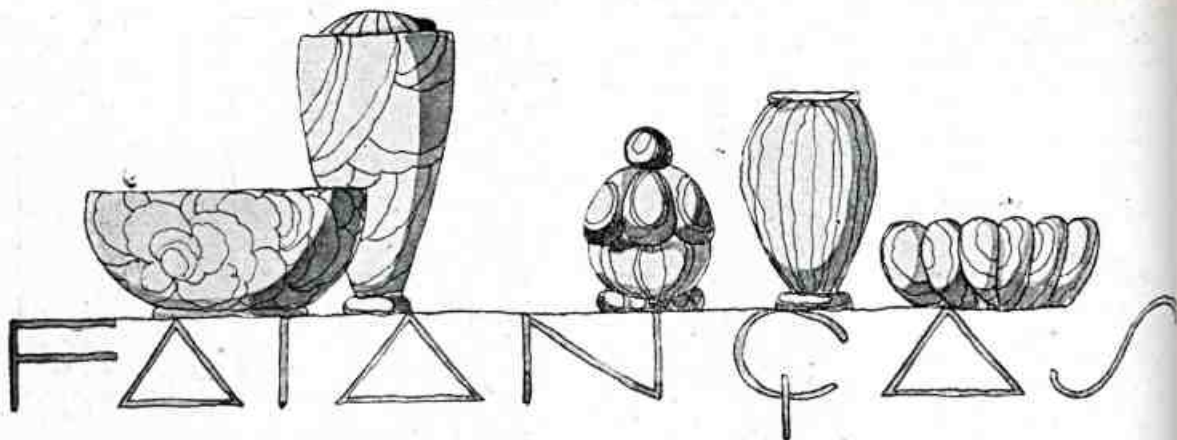
Um grande espirito affirmou: "A mulher é toda amor." Até hoje nenhum grande espirito ousou affirmar que o homem seja todo amor...

O commandante e officialidade do navio-escola hespanhol «Juan Sebastian Elcano», que esteve alguns dias ancorado em nosso porto, receberam nesta capital varias homenagens dos seus compatriotas aqui residentes e dos seus collegas da Marinha de Guerra Brasileira. Entre essas homenagens, sobresahiu, pelo brilho mundano que a caracterizou, a recepção de domingo passado, no Club Naval, offerecido pelo sr. ministro da Marinha, almirante Pinto da Luz.

FILIGRANAS

Deante das más noticias, recordo o que disse um poeta arabe: "Não deixei transparecer a perturbação que me causou essa noticia. Ainda mais, consegui fazer rir o amigo que m'o trouxera, o amigo que se entristecera commigo. E estou certo que elle não suspeitou que o meu coração se despedaçára." Lembra-te destas palavras, ó leitor amigo! e conserva sobre a face a mascara impassivel que te defende da curiosidade e da maldade dos homens.

O sr. ministro Pinto da Luz com o commandante e officialidade do navio-escola «Juan Sebastian Elcano», na festa de domingo, no Club Naval.

FAIANÇAS

Scenas da vida carioca

A morena — uma dessas morenas cariocas, rebolantes, nervosas, diaphanas — passou pela Avenida, no seu passinho de Clara Bow. Della uma espira de perfume de Gabilla fugiu pelo ar morno da tarde. Um "frou-frou" de pennas, como diria o poeta Adelmar Tavares, ficou sussurrando á sua passagem, tal um enxame de coisas leves, subtis e imponderaveis.

Era um lindo typo. Franzina, elegante, olhos negros, o rosto oval como o das madonnas de Murillo, as mãos de duqueza, ella tinha os labios entreabertos, como um passaro martyrizado pela canicula...

Ella passou por mim. Fiquei quieto. Mas dentro da minha alma a lava de um desejo cresceu — como si saisse da cratéra de um vulcão.

Ella passou por um velhote, incorrigivel *mirone*. O velhote fixou-lhe o monoculo e suspirou, silenciosamente.

Passou por um almofada. Este lhe disse uma phrase banal:

— E's uma "novidade".

Por toda resposta, ella o repelliu com ar insolente:

— Não se enxerga?

O almofada ficou. Ella proseguiu o seu caminho. Adeante, abriu a bolsa de oleado, fingindo couro de jacaré (ultima moda).

Olhou-se ao espelho, e sorriu satisfeita. Em frente a uma vitrine, corrigiu os folhos do vestido vaporoso. E sem duvida, deve ter dito comsigo: "Adoravel aquelle almofadinha! Eu sou, evidentemente, uma "novidade".

E' fatal! A carioca finge repellir os galanteios da rua. Mas não os deixa de colleccionar, satisfeita, convencida de que todos elles são verdadeiros...

Entre os altos nomes da literatura feminina do Brasil Henriquete Lisboa, a sensitiva de arte principesca, deve e tem o direito de occupar um logar de proeminencia. Da sua penna — penna de ouro embebida nas tintas do arco-iris — brotam os rythmos mais lindos, mais suaves, mas palpitantes de ingenuo e delicado lyrismo. Ha, além do mais, um accento de tão sincera e espontanea poesia, em todos os seus poemas, que, depois de lel-os, a nossa imaginação se perde num paiz de bellezas novas e sempre surprehendentes. E tudo isso é o que se sente nas paginas emocionaes do seu ultimo livro — «Enternecimento». Tudo nelle encanta e enternece.

A eternidade d... amo...

— O sr. já fez um ... paro?

— Qual?

— No Rio entra ... sae anno, e só se fala ... duas coisas: amor e ... nheiro.

— Amor e dinhe... repeti.

— Não é estran... — disse Helena.

Helena é uma creatu... simples. Curiosa, por... gosta de esmerilha... fundo das coisas e ... amago das almas.

— Não é exquisito, ... insistiu ella — que s... fale em amor e dinhei...

— Não, — discordei. O dinheiro e o amor ... os assumptos eternos ... vida.

O primeiro, por ser ... mola do mundo, no di... dos repetidores de phr... ses feitas. O segundo...

— Perdão! Mas o am... não é eterno. Ou por ou... tra: só o é, no juizo p... ril dos poetas...

— Pode ser que te... razão. Mas a verdade ... que se pode justificar ... logica desse juizo lyric...

— Exemplo...

— Um exemplo? Ve... mos. Uma mulher ... dá o seu coração a ... homem.

— E amanhã?

— Amanhã ella o ... outro. Ora, o que ha ... apenas a mudança ... objecto. Da pessôa am... da. A eternidade do a... subsiste. Perpetua-se ... seu fluido magnetico, ... sua scentelha divina, ... emanação do seu per... me ideal, na attrac... mysteriosa das almas...

Já leu Buffon? Ve...

que elle diz: "Amour! désir inné! âme de la nature! principe inépuisable d'existence! puissance souveraine qui peut tout.."

Helena olhou o céo claro e quedou pensativa...

Para ser feliz...

Alegria!

Não, meus senhores, eu cá não sou um cavalheiro alegre. Sou triste. Fundamentalmente triste. Mas, comprehendo, com Maeterlinck, que é necessario, ao desgraçado, falar e pensar na alegria, — na felicidade.

Para se ser feliz, é imprescindivel um pouco de suggestão. Do mesmo modo que podemos adquirir uma enfermidade, á força de pensar nella, tambem nos é possivel ser feliz, só de pensar, constantemente, na felicidade.

O que é preciso é não nos viciarmos com essa idéa. A felicidade póde viciar como um entorpecente. E no dia em que ella nos falta como a cocaina, a morphina, o opio, etc., é claro que o nosso desespero é maior do que antes de conhecel-a.

A felicidade pode affectar uma diversidade de fórmas. Oh, sim, meus senhores, ha tantas formas de ventura!

Pudéra! Si ella é o producto da nossa imaginação...

Convem adoptar uma fórma simples, immutavel, afim de que não nos cause certas decepções.

E' ainda Maeterlinck quem nos assegura: "Le plus heureux des hommes est celui qui connait le mieux son bonheur; et celui qui le connait le mieux est celui qui sait le plus profundément que lhe bonheur n'est séparé de la détresse que par une idée haut, infatigable, humaine et courageuse".

Desculpem, meus senhores esta nota sombria. E' effeito do calor...

Deusa

Sainte Beuve, recordando a figura de Mme. Récamier, na época do Consulado, definiu esse momento de sua vida como sendo "l'époque mythologique oú elle nous apparait de loin telle qu'une jeune déesse sur les nuées".

Ella, a estonteadora morena, quando entrou no salão esmaltado de luzes e frocádo de rosas e hortencias, me trouxe á imaginação a phrase de Sainte Beuve.

Sendo bella, vaidosa e irrequieta, ella tinha, paradoxalmente, aquella attitude de anjo, "que sourlait au-dessus du tabernacle", — no dizer de Edouard Herriot.

Todos os olhares convergiram para ella que se destacava das outras pelo seu vestido *vieux rose*, muito decotado e vaporoso como os véos de nevoa que corôam os morros da Tijuca.

Na rutilancia da sala, as figuras mundanas, todas ellas conhecidas, cirandavam, sem cessar, faiscando joias, exhibindo carnaturas de ambar e peitilhos lustrosos, no recorte angular das casacas estylizadas. No meio dessa multidão sumptuosa, Mme., com o seu sorriso de anjo, os seus olhos hypnotizadores, a sua bocca triste e vermelha, como uma orchidea, era bem uma estrella de primeira grandeza. Ou como disse Sainte Beuve: "une jeune déesse sur les nuées..."

O *jazz* estridulou um fox, no seu sacolejar de notas epilepticas.

Uma casaca se approxima della:

— Madame, não dança?

— Não, não danço.

Foi uma decepção.

Madame, a deusa da sala, a estrella de primeira grandeza, não dançava...

Mas então por que foi ella ao baile?

Cinco lindos sorrisos. Qual o mais eloquente?...

CARTA A UMA BANHISTA

Querida. Levantei-me ás seis e meia.
Tão cedo que era! e que calor fazia!
Não sei bem si acordei de cara feia.
Si eu te encontrasse, para uma girandola
(girandola de agua fria,
ondas que vêm, ondas que vão),
certo, eu nem sentiria
o calor que fazia,
o calor da estação.

Mas eu estava só e ainda eram seis e meia...
Banhos de mar, banhos de areia...
E, mesmo só, querida,
a gente gira na girandola da vida,
a gente roda, a gente gira
e o minuto faz goal com a eternidade,
e a mentira (não rias!), a mentira
acerta na roleta da verdade...

Cheguei ao mar tão cedo...
E só lá para as oito, mais ou menos,
quando apontou na esquina
o roupão creme-azul da Nazinha Azevedo,
murmurei em surdina:
— Felizmente, Neptuno
attrahiu uma Venus,
não do culto pagão,
mas uma Venus harmoniosa e pura,
cuja unica moldura
só póde ser, ou o mar, ou o meu coração.

Não te enciumes, querida,
Juno passou de moda.
Não sejas Juno,
nessa girandola da vida
em que a gente anda á roda.
Mas é tão elegante, tão perfeito
o collo da Nazinha, e tão pequenos
os pés, que, sem sentir, eu tomo o geito
de um pequeno Neptuno,
em face dessa pequena Venus.

A Clarinha Alvarenga com o Arthidóro
chegou tambem. O Léo, do Guanabara,
e a inglezinha do "Country" vêm chegando.
Elle é fino, finissimo, um espêque;
ella está, cada vez, mais reflorando
como uma rosa rara.
D. Zezé Castro Winz não veiu avec,
e o center-half Armando
está fumando,
talvez por isso.

Eu, pouco me demoro.
Mas vejo que a Clarinha está ficando
um feitiço...
E da mesma opinião é o Arthidoro.

Já ao dobrar da esquina,
mando um beijo á paizagem matutina,
e, vendo a aurora que irradia
sobre a curva graciosa da enseada,
penso naquella estrophe corrente
segundo a qual, mal nasce o dia,
o luminoso leque da Alvorada
abre o verão no azul da Fantasia.

Zene.

Didi Caillet, figura scintillante de graça, detentora do titulo de «Miss Paraná» e a quem se chamou «Miss Intelligencia», é uma fina cultora da arte de dizer. Os nossos salões, os nossos círculos de arte, conhecem-n'a sob esse aspecto intellectual e artístico. Vários têm sido os recitaes poéticos, nos quaes a gente culta e chic do Rio não tem regateado applausos á formosa «diseuse». Agora mesmo ella se prepara para realizar um desses festivaes de arte, no Casino Beira Mar, em beneficio dos cofres da Basílica Santa Therezinha do Menino Jesus e Asylo de S. Luiz, do Paraná, no proximo dia 14, ás 17 horas.

Minha Rosa Vermelha

Vi-te na Avenida, em meio ao esplendor magnifico da tarde que deslumbrava a cidade com o festivo sorriso de seu sol tropical.

Vi-te e parei para te contemplar, longa, demoradamente, com meus olhos ébrios de fascinação, no extase do encantamento com que os enfeitiçaste.

Teu corpo flexuoso e mignon, envolto no sangue do grénard vaporoso que te vestiam, davam-me a impressão de que fosses uma rosa vermelha, cahida dos jardins suspensos do céo, para deslumbramento dos homens.

Mas, não. Tu eras, tambem, uma rosa da terra, porque de ti se desprendia uma fragrancia de peccado.

E o voluptuoso perfume de peccado do teu corpo cheiroso accendeu em mim, nos meus olhos, fascinados, a chamma sagrada da tentação. Meu sangue sadio e quente correu-me pelas veias estuantes e tumidas, a cantar, num rythmo agudo, de cigarras amorosas, a canção tropical da sua exaltação.

E, ao redor da rosa vermelha de teus labios, abertos num sorriso de volupia, as azas inquietas da abelha do meu beijo zumbiam, zumbiam, sem que eu pudesse conter a ansia de sorver o mel de tua bocca.

Rosa vermelha desta tarde illuminada e azul que se derrama sobre a terra para a festa glorificadora de teu ser esplendente, tu és a amphora de todos os desejos, de toda exaltação voluptuosa da vida.

As azas inquietas do meu beijo volitam, dansam em derredor de ti, das petalas rubras de tua bocca pequenina, o bailado do meu desejo, da minha caricia, da ansia de sorver todo o teu ser bizarro com quem sorve um vinho generoso e confortante.

Rosa vermelha, vou dizer-te ao ouvido, em surdina, como o poeta: "Je vais te cueillir petite rouge."

Mas, tu, ainda tentadora, desafios-sorrir, o meu desejo, respondes-me: "Et j vais te piquer, et tu serás á moi éter-nellement."

Petite rose, petite rouge, tu és linda, bella, e fascinas e deslumbras com o esplendor da tua bocca com teu sorriso em com o perfume de mavera do teu ser ro e pequenino, mas é teu, nunca será meu amor — a real do meu amor — porque és e serás sempre a vermelha da minha são...

Ica...

A senhorita Ruth Stamile Gonçalves, joven pianista, alumna da professora Maria dos Santos Mello, acaba de conquistar, brilhantemente, o 1.º premio (Medalha de Ouro) do Instituto Nacional de Musica.

SOCIEDADE PIAUHYENSE

Senhoritas Zilda e Angélica da Costa Araújo, filhas do deputado Costa Araújo Filho, residentes em Therezina.

A MULHER CHIC

Vestido de velludo verde esmeralda.
Modelo Jean Patou.
Joias de Van Cleef & Arpels.

— Nunca poderia imaginar que fosse encontral-a assim, senhorita! Não se póde dizer que seja uma transformação radical, mas de tal modo me surprehendeu, ao encontral-a sob este aspecto, que custo a acreditar estar na presença da Fulanita, que conheci na minha terra e na minha infancia.

E os meus olhos, voltados para ella e para um trecho da praia movimentada, rememoravam, na tela da retina, os vinte annos de mutações profundas na minha e, principalmente, na vida agitada de Fulanita.

Via-a, então, despreoccupada e trefega criança de olhos sempre envoltos numa penumbra inexplicavel, como o sol escondido pelas nuvens num dia radiante de reverberações offuscadoras.

Ella nunca foi bonita, não o era absolutamente. Do seu corpo, arredondado, destacavam-se uns braços mirrados e muito curtos, para uma estatura alta de mulher nortista. O cabello escasso, cobrindo mal a cabeça desgraciosa, apresentava colorações varias, provocadas pelos tonicos e pelos cosmeticos. Uma vaga sympathia, entretanto, melhorava-lhe a apparencia e disfarçava-lhe os dotes physicos precarios, emprestados pela natureza áquella pobre alma de provinciana faceira.

— Fulanita não nasceu para viver nesta terra atrazada — dizia a mãe, uma bôa senhora, que via na filha qualidades raras de belleza e de intelligencia.

Como é incommensuravel a generosidade das mães!...

E pensando, seriamente, que assim o era, d. Alzira deixava-se ficar, sem se aperceber das horas que passavam, longo espaço de tempo a acompanhar os movimentos da filha, quando brincava em companhia de outras da sua edade. E ao approximar-se o dia de qualquer festa na cidade, d. Alzira não parava. Consultava todos os figurinos que mandava vir do Recife, com recommendações especiaes, por um portador destacado, exclusivamente, para tal fim.

— Veja bem, Fulanita não póde comparecer com qualquer vestido!

Chegava-se á pilha colorida de modelos elegantes, empunhando o lorgnon, e com elle passeava, longamente, sobre as ultimas novidades na arte de vestir com apuro.

O calor rôrejava-lhe a face adiposa, e as vestes, humedecidas pela transpiração abundante, colavam-se á carnadura exuberante daquelle corpo affeito, sómente, ao doce e preguiçoso balanço da rêde, suspensa nos galhos das acolhedoras mangueiras da terra natal. E quando algum modelo lograva ser adoptado, apesar de bem pouca a confecção, a costureira amaldiçoava o dia em que se compromettia com d. Alzira a desempenhar a obra.

Nesse ambiente, onde o exagero era um dogma, cresceu Fulanita, formando o seu espirito na escola do luxo, indifferente aos recursos do pae, um pobre bacharel, tendo como unico meio para fazer face ao viver faustoso da familia um emprego publico federal de certo destaque na sociedade local.

Comprehende-se, perfeitamente, a grande surpresa de que me fiquei possuido ao me deparar, inesperadamente, uma creatura do meu velho conhecimento completamente mudada physicamente, e de feia, que era, surgir radiosa e encantadora, como uma pintura de artista mediocre ao ser retocada pela mão magica de um genio na arte.

Não se lhe viam mais na face as manchas perversas das espinhas, pinceladas desleixadas numa tela de pouca valia. Não lhe pesavam, nas forças, as protuberancias ridiculas da gordura. Havia, então, um conjunto homogeneo de fôrmas provocadoras e bem contornadas, sustentando, na sua extremidade superior, um lindo rosto amorenado, de onde partia o brilho sinistro de duas lanternas diabolicas do peccado.

A minha exclamação era, pois, razoabilissima. Ella me veiu aos labios instinctivamente, deante da estupefacção que me dominava.

— Mudei muito — disse-me ella. — Que quer? Nesta maravilhosa cidade tudo se consegue. Veja como as flores daqui parecem que sorriem vaidosas da propria belleza. Repare no ar, na luz, no sol, nas estrellas. Ha em tudo isso, uma magia de esplendores e uma poesia serena e melancolica, que empolga a alma das gentes e das cousas.

— O senhor ainda não nos foi ver! Não se esqueça de que o queremos muito! Olhe, a nossa residencia fica proxima daqui. A dois passos da rua Copacabana. Quasi na esquina com Santa Clara. Uma casinha estylo colonial portuguez, onde papae terá um grande prazer em vel-o. Vá. Irá encontral-o nesse momento e que alegria!...

Fui. Uma curiosidade crescente arrastava-me para lá e, principalmente, uma vontade de rever conhecimentos da infancia, como a saudade de uma pagina que ha muito não se lê, orientava-me, de maneira singular, á residencia da familia Barbosa, onde eu tinha a certeza de ter um acolhimento festivo.

E não me enganava. Mal os meus passos pisavam a calçada do predio, cercado de bem cuidado jardim, onde as avencas e os cravos, as rosas e os resedás hirtos nas hastes, alongavam, vaidosos, o perfume verde, para a admiração dos transeuntes, a voz do dr. Barbosa, acolhedora e boa, convidava-me a entrar.

— Esta casa está em festas com a sua chegada, velho amigo! Por que demorou tanto a nos procurar? Não merecemos mais a sua visita?

(Continúa na pag.

Commemorando o dia de anno bom, o sr. embaixador de França deu, na séde da respectiva embaixada, quarta-feira penultima, recepção aos membros da colonia de seu paiz e da colonia syrio-libaneza desta capital.

A FESTA DO LENÇO

A "Cruzada Azul" está organizando uma tarde de arte, em beneficio da Maternidade Suburbana, estabelecimento este que irá prestar relevantes serviços á população dos suburbios. Denomina-se "A Festa do lenço" e, para ella, está sendo elaborado um excellente programma, no qual figurarão numeros de canto, musica, bailados e declamação.

Realizar-se-á no proximo dia 19 do corrente, ás 4 horas da tarde, no salão nobre do Instituto de Musica. E' promovida pela commissão executiva da Cruzada, a qual é composta das senhoritas Martha Michalsky, Ondina Chirsman e mme. Maria Pinheiro.

Entre os que tomarão parte no programma, figuram Horacio Cartier, que lerá uma pagina sua, e o nosso companheiro Bastos Portella, que fará a abertura da festa com uma ligeira palestra sobre o lenço.

Tambem por motivo da entrada do anno, o encarregado de negocios da Polonia, sr. Estanislau Gluski, recebeu, na séde da legação daquelle paiz, os seus compatriotas que foram levar-lhe cumprimentos a 1.º de janeiro corrente.

ENTRE os telegrammas e cartas de cumprimentos de anno novo que recebi, um me tocou profundamente a alma, a outra minha alma, que me deixou ainda um dia destes.

Porque, estou quasi convencido, de que a vida de um homem é trabalhada por uma successão de almas. Isso de unidade animica, nos tempos de hoje, já não existe. A velha alma, boa e simples, primitiva e una com que o homem appareceu no scenario da vida, de tanto modificar-se e tomar novas fórmas, de accordo com as exigencias da civilização e as necessidades dos ambientes novos a que se deveria adaptar, fragmentou-se, multiplicou-se e da sua antiga homogeneidade nada mais resta que a fatalidade atavica que a prende ao infinito do passado...

* * *

ESTAVA escripto, porém, que assim seria e, na vertigem trepidante dos dias que correm, o ser humano reflecte e exterioriza uma série, ás vezes, complicadissima, de almas.

E isso aconteceu desde que o amor deixou de ser o amor, ou, melhor, desde que um só amor já não foi bastante para encher a vida de um homem e de uma mulher, satisfazendo amplamente a suas necessidades affectivas e outras...

* * *

OUTRORA... Outrora é uma palavra que desperta, não sei por que, um perfume de saudade. Outrora... amor que, de menininhos acompanhava um par até á velhice... Outrora... fé, bondade, lealdade, idealidade... almas que se encontram e namoram e se fazem uma só... Almas, e corações e corpos...

Enlace Jeanne Simões-Harold Cox, realizado nesta capital.
(Photo De los Rios)

HOJE... Hoje, o amor já não tem a velar suavemente o peccado mortal da carne o encanto de duas almas que se encontram e confundem e que marcham pela vida de mãos dadas, sob a serenidade e a continuidade do mesmo rythmo largo e profundo, com que, um dia, pulsaram dois corações...

Um amor aqui, outro alli... Amores de um dia, de uma semana, de mezes, em que mais os corpos se attrahem do que as almas e os corações...

* * *

É esse amor vagabundo que dá ao homem moderno essa diversidade de alma, quando acontece que um beijo de mulher tem a virtude de lhe emprestar uma nova alma...

* * *

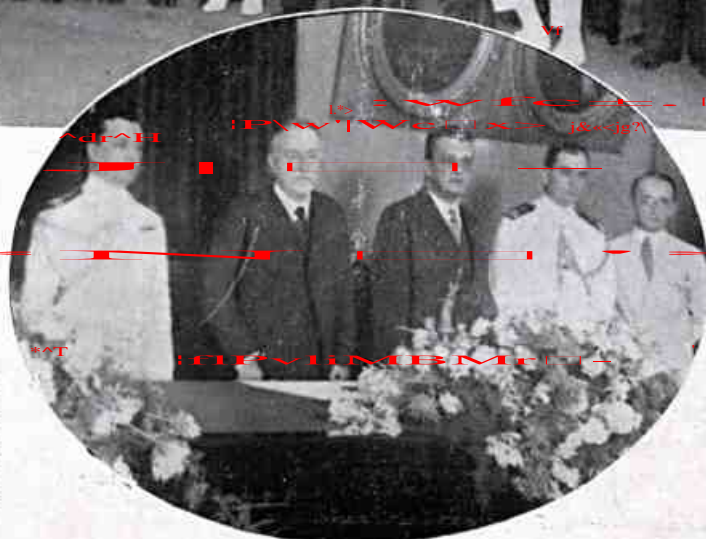
MINHA alma do anno passado, que eu quasi já havia esquecido, alguém — um lindo, pequenino e vaporoso vulto de mulher — veiu despertal-a, agora, com um simples telegramma, endereçado a Esaú & Jacob, por intermedio de MAX LINDER!

"Muitas felicidades no novo anno com toda a profunda saudade da que se foi — Melindre."

Melindrosa! Pobre e querida Melindre, minha alma do anno passado ainda vive no perfume do teu beijo, na caricia de teus olhos negros, no bistre de tuas sobrancelhas, no rouge de tuas faces maquillées, na tua bocca pequenina de romã entreaberta, ou sumida no teu collo de cegonha, perdida nas curvas de teu corpo inquieto e cheiroso...

A deste anno... eu ainda não encontrei. Quem m'a dará?

MAX LINDER

Os officiaes do Exercito que servem na guarnição desta capital foram, sexta-feira ultima, incorporados, levar cumprimentos ao sr. ministro da Guerra, por motivo da entrada do anno novo. A photogravura acima focaliza um aspecto dessa manifestação militar ao general Sezefredo dos Passos.

Ao reassumir o seu posto na direcção da Escola Polytechnica, o senador Paulo de Frontin foi alvo, no dia 2 do corrente, de expressiva manifestação de apreço por parte dos funccionarios daquelle estabelecimento. São aspectos dessa homenagem o que representam as nossas photographias.

OS DOIS DESTINOS

LAURITA sabia que Ernestina, sua amiga de infancia, morava naquella casa amarella com um jardinzinho na frente. O omnibus deslisava mansamente pelo asphalto luzidio da rua Conde de Bomfim. A tarde de setembro estava luminosa. Nem uma nuvem no céo. A primavéra esplendia no sol de oiro que vestia de [illegible]zio a serenidade da Tijuca.

Duas senhoras adiposas fizeram o vehiculo parar. E, penosamente, subiram, arrumando seus corpos alentados no primeiro banco vazio.

Laurita olhou a casa amarella. Reflectiu dois segundos. E desceu precipitadamente.

Um homem de terno claro e oculos escuros, que viajava a seu lado, por pouco não foi atirado ao solo pela inesperada celeridade da joven.

A alguns metros dali se erguia a casa de Ernestina. Bem no meio do quarteirão illuminado de sol. Era uma casa pequena, mas elegante e linda no seu bizarro estylo americano.

Laurita caminhou até o portão. Não se enganára. Lá estava a placa confirmadora: "Dr. Romualdo Pimenta, medico". Ernestina, sua amiga de infancia, era a senhora Romualdo Pimenta. Casára havia tres annos, e tinha já dois filhinhos.

Laurita era, tambem, casada. Havia um anno apenas. Seu marido, o dr. Gilberto Ferreira, engenheiro e homem de negocios, dera-lhe uma casa muito mais bonita do que a casa de Ernestina. Morava em Copacabana e sahira, áquella tarde, sem destino, para um passeio de distracção.

Apertou o botão da campainha. E, emquanto esperava, evocou a sua alegria de outr'ora, quando, em companhia de Ernestina, frequentava os salões mundanos, onde a sua belleza rutilava ao lado da belleza de sua amiga. As duas eram tão intimas, que só andavam juntas. Quando uma, por qualquer motivo, não podia sahir de casa, a outra desistia de qualquer passeio projectado. E assim iam vivendo a sua vida elegante, até que o destino, ou o casamento, as separou.

Uma velha criada appareceu na varanda coberta de trepadeiras em flor.

— Madame Pimenta está em casa? — perguntou Laurita.

— Está, sim, senhora — respondeu a criada, abrindo a porta á visitante que chegava.

* * *

UMA sala sobriamente mobiliada, tendo um piano escuro e um tapete já surrado cobrindo-lhe quasi todo o lustroso assoalho em xadrez. Laurita sentou-se no sofá. A criada entrou. Logo surgia Ernestina deante de Laurita. O encontro das duas teve essa expansão rumorosa dos encontros femininos.

— Você por aqui, Laurita!? Ha quanto tempo não a via...

— E' verdade. Vim fazer-lhe uma visitinha e sentir, de perto, um pouco de sua felicidade. Não é certo que você é muito feliz?

— Immensamente. Romualdo vive para mim e para os nossos filhinhos.

— Como lhe invejo essa felicidade, minha amiga!

— Mas, você não o é tambem? Seu marido é bom e gosta de você... E tem, além disso, o que não possue o meu: fortuna. Que mais deseja você?

Os olhos negros de Laurita fitaram os olhos castanhos de Ernestina. Fitaram-nos longamente, num silencio que era uma revelação dolorosa. Disseram, num relampejo de angustia, o que era a vida da senhora Gilberto Ferreira. Ernestina comprehendeu-o. Teve pena de sua amiga de tantos annos. Consolou-a com um olhar de piedade. Tomou-lhe as mãos tremulas. E, emocionada, exclamou:

— Então, você não é feliz, como parece, Laurita?

Laurita enxugou duas lagrimas que lhe sulcavam as faces carminadas. Baixou os olhos rutilantes. Suspirou tristemente. Mordeu os labios, para disfarçar o rictus de desespero que elles queriam revelar. E, com uma voz desolada e longinqua, respondeu:

— As apparencias enganam... Eu levo a vida que você vê. Sou rica. Meu marido dá-me tudo: palacete, automovel, vestidos luxuosos... Procura adivinhar-me os pensamentos. Cerca-me de um conforto que me deslumbra. Como o seu, vive tambem para mim. Tem todas as qualidades de um esposo exemplar. Mas...

Apertou as mãos da amiga. Suspirou de novo. Amargamente. Baixou mais os olhos. Hesitou. Reanimou-se. E concluiu:

— ... eu não o amo... Sim, Ernestina, eu não o amo, e sou infeliz por isso... E sou ainda mais desgraçada porque não tenho o direito de deixar de amal-o... Devo-lhe tanta cousa... Tanta... Não sei por que o coração se obstina em não querel-o... Elle é tão bom! Entretanto, tanto de mim... Como poderei fazer o mesmo? Aconselhe-me. Dê-me um pouco de sua felicidade. Ensine-me o segredo do amor. Console-me com a sua immensa ventura...

— O amor não tem segredo, Laurita. Nem nasce ao sabor da nossa vontade. Vem espontaneamente. Si você não gosta de seu marido, deve ao menos procurar corresponder á sua dedicação. Por que, então, você casou? Não sentia que não o amava?...

— Mamãe exigiu de mim esse sacrificio. E você sabe o quanto eu quero á mamãe... — respondeu Laurita.

Sua voz era cada vez mais desolada e mais triste. As palavras sahiam-lhe tremulas da bocca.

Ernestina procurou consolal-a. Tomou-lhe as mãos numa caricia de mulher para mulher.

— Agora não ha mais remedio, minha amiga. Você está casada ha um anno, e não tem motivos para se queixar da sorte. O destino lhe deu um marido cuja bondade você é a primeira a reconhecer. Não o ama. Seu coração repelle-o. E' natural. Seja forte, porém. Enfrente as circumstancias. Mostre aos outros que é feliz. Enfie no rosto a mascara dessa alegria fingida que a humanidade reclama dos que têm conforto. Você é rica...

— Mas a felicidade não se compra, Ernestina. Eu daria toda a minha fortuna, todo o meu bem estar material por um pouco da sua tranquillidade e da sua ventura. Ah, si eu pudesse querel-o como elle me quer! Sou uma desgraçada!

Laurita soluçava. Tirou da bolsa marron um lencinho bordado, perfumado a *Bal des Fleurs*, de Gueldy, e com elle enxugou as primeiras lagrimas do seu desabafo.

Vieram da sala de jantar cinco pancadas de um relogio antigo. Ernestina convidou a amiga para o seu *lunch*. Laurita agradeceu. Era tarde. Precisava voltar para casa. Sua sogra iria jantar com ella ás seis horas. Copacabana ficava longe. Despediu-se. Ernestina acompanhou-a até o portão. Consolou-a mais. Aconselhou-a a esperar o amor...

Ernestina [illegible] mais conformada da casa de sua amiga. [illegible] chorando. Afinal, não era tão feliz assim. Laurita, pelo menos, era rica. Tinha o confôrto da fortuna. E ella? Ella não tinha nada. Vivia pobremente. Sem poder ostentar, como sua amiga, aquelle luxo que tanto a seduzia. Sem poder alimentar a vaidade de mulher. Ah! como desejaria ser Laurita! O amor... Que valia o amor, quando não se possuia dinheiro? Ella daria toda a sua felicidade pela fortuna de sua amiga. Estava cansada de ser pobre...

Laurita, no omnibus, ia pensando, desolada, na sua pobreza sentimental. E' invejando a sorte de Ernestina. Como era feliz sua amiga! Ah, si ella pudesse trocar a sua situação pela outra! Que valia o dinheiro sem o amor?

Quando chegou em seu palacete de Copacabana, já se encontrava madame Ferreira, a mãe de seu esposo. Abraçaram-se. Beijaram-se.

— Fui fazer uma visitinha a uma velha amiga que havia muito não via — disse Laurita.

E, depois de uma pausa:

— Tambem estava tão só em casa... Gilberto sahiu cedo e só voltará para o jantar. Gosto tanto de meu marido, que quasi morro de saudade quando o tenho longe de mim. Foi por isso que sahi...

Madame Ferreira sorriu, contente, deante da nóra feliz... Laurita baixou os olhos, perturbada.

E retirou-se para seu aposento. Atirou-se no leito, vestida como estava, e começou a chorar...

(Do livro "Vertigem", a apparecer brevemente).

CONTO DE MARTINS CAPISTRANO

ILLUSTRADO POR MARCELO ROBERTO

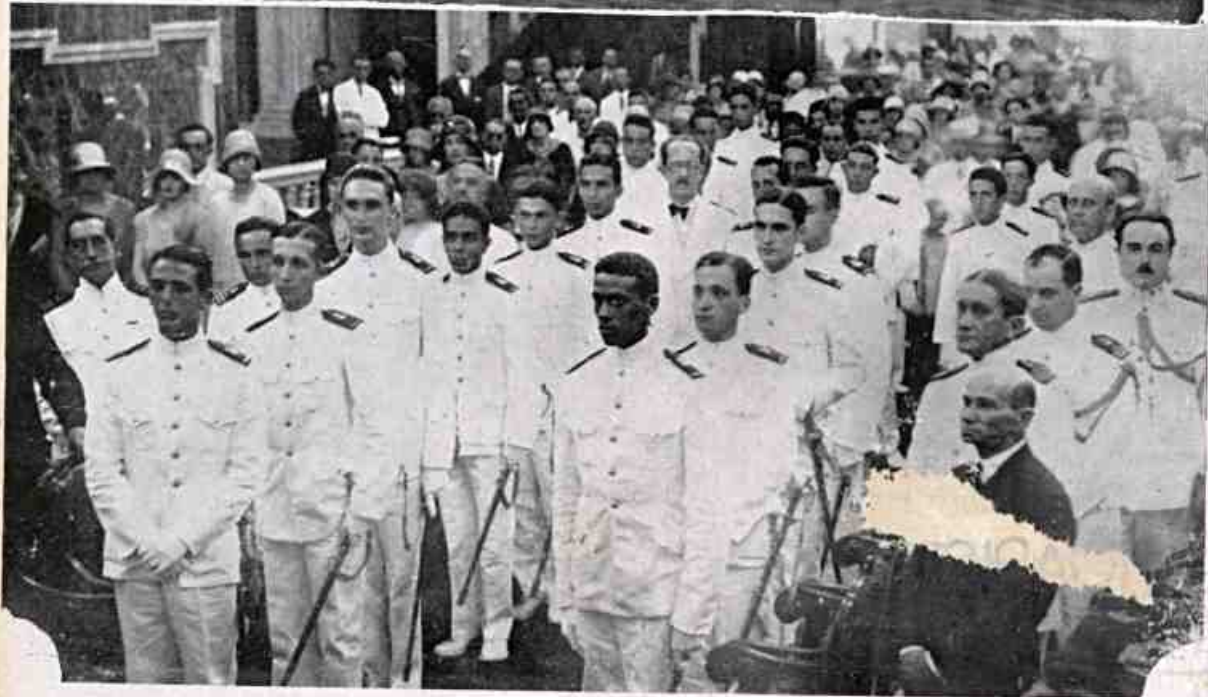
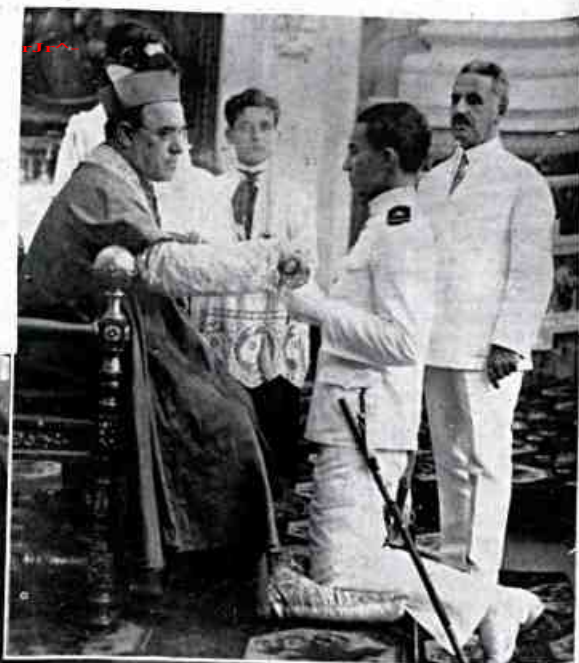
FILIGRANAS

Uma joven esbelta e linda passou por nós na rua ensolada. Segui-lhe os passos e recitei estes versos de Faol El Hagrin, baixinho:

"Ella tem a leveza do ramo que se curva e seu olhar embriaga como o vinho. Meu coração constituiu-se seu prisioneiro! Quando passa uma bella rapariga, lembro-me d'Ella e soffro..."

— Lembro-me d'Ella e soffro, fui repetindo dentro de mim...

♣ ♣ ♣

A cerimonia da benção das espadas dos guardas-marinha de 1923 realizou-se domingo passado, na egreja da Candelaria, com a presença dos representantes das altas autoridades e muitas familias.

Balcão Florido

Como aquelle peregrino de que falla Nietzsche, que, desilludido e cansado, andava ainda á procura de uma nova mascara para poder continuar a viver, tambem eu, mais de uma vez, tenho sido forçado a *travestir* minha alma, meu espirito, disfarçando o meu proprio pensamento,

Chocou a um espirito feminino, intelligente e fino, a diversidade de fórmas por que se manifesta meu espirito, por que se externam meus sentimentos. E, após uma censura que eu lhe não merecia, acabou por chegar a uma conclusão verdadeira: "você é o coração".

Sim, infelizmente, é isso — minha vida, toda a minha vida, até hoje, tenho-a vivido pelo coração. O sentimento — e só o sentimento — tem-na trabalhado e cultivado, enchendo-lhe o ambiente com o perfume de todas as illusões, fazendo florescer no jardim secreto de meu coração as rozas mysticas de minha emotividade, e, com as rosas, tambem, os espinhos das grandes tristezas e das maiores decepções.

Vivo assim da illusão de illudir-me a mim proprio — o que já não deixa de ser uma suave consolação.

O que escrevo? Mas que terá o que escrevo com o estado intimo de minha alma?

Disse um philosopho que se escrevem os livros para se esconder o mais intimo, e que toda palavra é uma mascara...

Na illusão dos meus momentos de alegria, de esperança e de sonho busquei sempre refugio [illegible] orto para a certeza da angustia, do tormento interior, da minha dolorosa desillusão da vida...

Adeus? Sim... Adeus, mesmo porque "nossas almas são um continuo amor e um continuo adeus."

Pobre miragem da terra paulista que, numa tarde de garôa, vieste aquecer-te no balcão florido, cheio de sol e de perfume, onde minha alma de solitario vive de enganar o proprio soffrimento, a propria vida! De longe, teus olhos de desilludida e de descrente vislumbraram, talvez, nesse esquecido recanto espiritual da minha vida a terra bemfazeja e amiga que teu coração desejava, para nella semeares todos os anseios de teu ser inquieto, feito de melancolia e de exaltação.

Sra. Helena Mayrhuber, distincta figura da nossa sociedade.

Acolhi-te como um amigo, porque todo desencanto, todo soffrimento, toda dor, emfim, que chega até mim eu a recebo como quem recebe uma irmã. Depois a convivencia, a sympathia espiritual, affinidades de alma e de coração...

Não me comprehendeste, porém, minha amiga desconhecida e distante, e emprestaste-me sentimentos que não tem um homem que não vive das coisas futeis da vida, porque o desencanto de tudo fêl-o, ha muito, esquecer *la joie de vivre*.

Minha vida? Minha vida é o meu coração. E, como o disse Bourget — *Ce ne sont pas les actes qu'il faut juger, dans la vie, ce sont les cœurs.*

E nunca saberás comprehender e julgar meu coração!

Adeus...

HELIANTHO.

JARDIM ABERTO — D. Jayme

«Casa Vazia» foi a epigraphe com que o poeta pernambucano Rodovalho Neves baptizou o seu ultimo poema. Mas ao contrario do que se pode suppôr, «Casa Vazia» é uma obra cheia de pensamentos formosos, de idéas lindas, de versos sonoros e que definem, por si sós, toda a belleza emocional de suas paginas. Rodovalho Neves, que é um nome de relevo nas letras pernambucanas, pode sentir-se feliz com a sua «Casa Vazia».

OS CAMARÕES DE APICIO

Havia em Roma, no tempo do imperador Tiberio, um homem voluptuoso e riquissimo chamado Apicio. Devido ao seu nome é que certos bólos são denominados apicios. Sua barriga custava-lhe por anno sommas immensas.

Quasi sempre vivia em Minturno, onde comia camarões que custavam muito caro. Pescam alli alguns tão grandes que nem mesmo os de Smyrna ou as lagostas de Alexandria com elles se comparam. Uma feita soube que pescavam melhores na Africa. Embarcou para lá no mesmo dia. Depois de horrorosa tempestade, approximou-se da costa e encommendou camarões aos pescadores africanos. Quando os trouxeram, achou-os pequenos e indagou si eram os maiores. Ante a resposta affirmativa, nem quiz desembarcar, ordenou ao piloto do navio que regressasse immediatamente para a Italia. E nunca mais quiz sahir do Minturno — por causa de seus esplendidos camarões.

COMIDAS E BEBIDAS

O COSINHEIRO E O POETA

Em uma de suas peças, Euphron faz desta sorte falar um cozinheiro:

"Sou discipulo do famoso Soteride, cozinheiro do rei Nicomedes. Estando este principe no mar a doze dias do porto, desejou comer a áphya. Em pleno inverno, Soteride lhe serviu uma tão bôa que toda a gente se maravilhou. Como fez isso? Tomou um grande nabo, cortou-o em pedacinhos, imitando a forma de áphya, e frigiu-os no azeite. Temperou-o bem e, assim, conseguiu contentar os desejos do seu soberano.

Após ter comido aquelle prato, o rei Nicomedes gabou-o muito. Em verdade, o cozinheiro equivale ao poeta: o genio é que é a alma da sua arte..."

A DECENCIA NA MESA

A sociedade vive de tabús. Crião-os seguidamente. E são esses preconceitos que marcam o rythmo da sua evolução. Atheneu escreve que os heróes antigos se sentavam á mesa. Alexandre offereceu um jantar a quatrocentos officiaes do seu exercito e fél-os sentarem-se em sédas de prata com coxins de purpura. Hegesandro diz que o uso na Macedonia preceituava que só podia comer deitado aquelle que, na caça, tivesse morto um javali. Homero somente punha á mesa de seus heróes a comida que elles proprios tinham preparado e fazia-os se servirem mutuamente. Atheneu conclúe: "decahimos tanto dessa simplicidade que hoje somente comemos deitados."

Vá, no emtanto, em qualquer banquete moderno alguem comer estendido num leito fôfo... Tudo convenção, pura convenção...

AS ESPONJAS

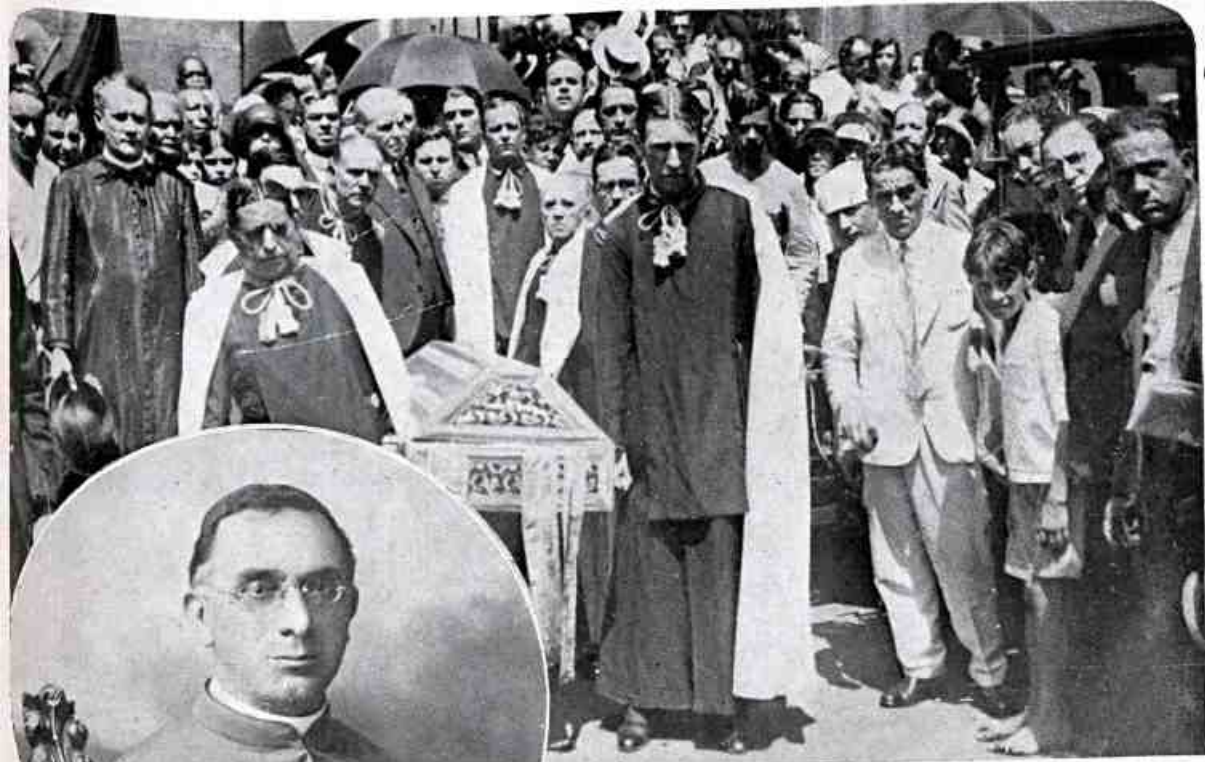
Matreas de Alexandria soltava geralmente, á mesa, esta exclamação:

— Por que as esponjas podem ensopar de liquido sem se embriagarem e a nós não é permittido a mesma coisa?!...

OS ASPARGOS DE FONTENELLE

Fontenelle ia almoçar com um amigo. Encommendaram aspargos. Fontenelle queria-os na manteiga, o amigo no azeite e vinagre. Pediram ao criado metade de cada forma. Repentinamente o amigo cae morto. E Fontenelle ordena:

— Todos os aspargos na manteiga.

O sr. Jugurtha de Castello Branco, que se revelou poeta publicando o seu livro de estréa «Poeira dos Caminhos», apresenta-se, agora, sob outro aspecto literário: como romancista. Intitula-se a sua nova obra: «O Brasil em cuécas». Esse livro reflecte — como declara o autor — as suas impressões sobre os paes da patria.

A morte subita de monsenhor dr. Fernando Rangel de Mello encheu de profunda tristeza o nosso mundo catholico e todos os amigos do illustre sacerdote. Espirito de larga cultura, coração dedicado á sua elevada missão, monsenhor Rangel era uma das figuras mais queridas e mais populares do Rio de Janeiro. A sua palavra era acatada onde quer que prégasse a palavra da Verdade. Os funeraes de monsenhor Rangel foram uma sincera e eloquente demonstração do respeito que lhe votavam os catholicos do Rio de Janeiro, desde as mais altas autoridades ecclesiasticas até o mais humilde filho do povo. A gravura que acima publicamos representa um aspecto dessa grandiosa manifestação de piedade e admiração. No medalhão, a mais recente photographia de monsenhor dr. Fernando Rangel de Mello.

INSTANTANEOS

Quando elle disse que era integralmente feliz, todos os olhares se fixaram nelle com espanto e estupor. Porque não havia, naquella reunião divertida, homem ou mulher que pudesse confessar-se sinceramente feliz. Todos, é certo, possuiam esta ou aquella condição para uma vida ditosa; mas faltava-lhes aquella cousa imponderavel, imprecisa, difficil, que é a argamassa com que se faz a felicidade.

Uma linda morena de olhos travessos teve a idéa louvavel de perguntar ao moço feliz por que se julgava tal.

O moço sorriu, apathico.

E respondeu, com voz aflautada de gallo novo:

— Ora, que pergunta! Por nada.... Sou feliz, á tôa... Sem motivo...

O commentario partiu da morena e correu de bocca em bocca, entre aquella gente divertida: Positivamente, aquelle moço era doido varrido...

Festejando o 20.º anniversario de sua formatura, os bachareis da turma de 1909 da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro mandaram celebrar, a 2 do corrente, uma missa em acção de graças, na matriz da Candelaria.

O remorso é uma das mais frequentes affirmações de Deus.

* *

A maior prova de que Deus existe são os ataques que lhe fazem os incréd[illegible] [illegible]rque, em realidade, quem é c[illegible] é, no seu estado normal, [illegible] contra uma entidade imag[illegible]

* *

O [illegible]mem é um louco em procurar comprehender os mysterios da Religião-essencia de Deus.

No «stadium» do Club de Regatas Vasco da Gama realizou-se, domingo ultimo, o esperado jogo internacional entre os rapazes da Federacion de Tucuman, representantes do «football» argentino, e o «scratch» carioca, que venceu os seus adversarios sportivos pelo «score» de 3x2.

O encontro entre os «footballers» cariocas e argentinos decorreu num ambiente de expressiva cordialidade e foi assistido por milhares de pessoas, que enchiam as archibancadas do campo de São Januario. Offerecemos aqui varios flagrantes desse empolgante «match» internacional.

Quem se mata, o faz por instincto de conservação. Parece um paradoxo! O verdadeiro instincto de conservação, porém, consiste na pessoa querer manter-se alheia ao soffrimento. E esta aspiração só se realiza com a morte.

* *

O meio mais pratico de s[illegible] actualmente, é beijar-se [illegible] lher, porquanto a «carre[illegible]» «rouge» é tamanha que n[illegible]ncontrará antidoto para o envenenamento fatal...

A sua intelligencia finita, imperfeita, não pode conhecer a obra da Sabedoria Infinita. Elle, apenas, tem o direito de admiral-a e amal-a.

Essa admiração, esse amor é, por assim dizer, o unico élo que prende a intelligencia humana á intelligencia divina.

Um ser menos perfeito não pode comprehender um ser mais perfeito. O asno, por exemplo, ignora a vida do homem, como o vicio ignora a virtude.

Segundo um celebre scientista russo, os seres irracionaes da natureza não percebem o homem. Obedecem-lhe por instincto.

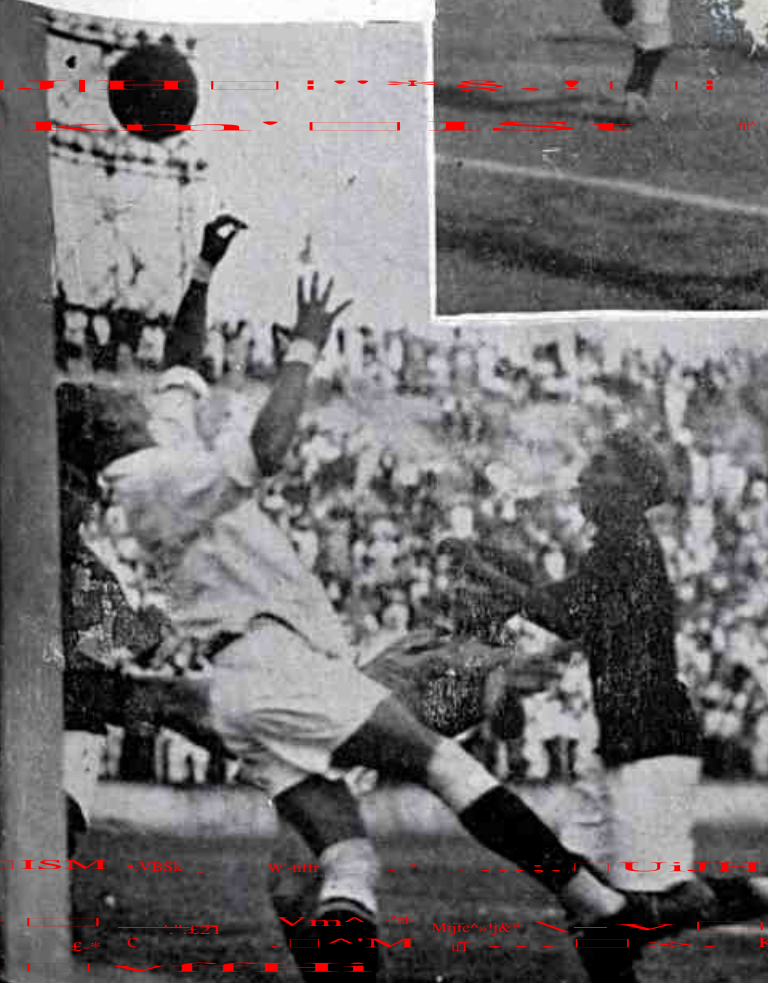
Assim tambem o homem em relação a Deus.

O Creador está em toda parte, junto de si, perto de si, mas elle não O vê: sente-O.

* *

A ascenção dos nullos é fugaz como a dos foguetes. Os nullos sobem, sobem, mas, como os foguetes, não se conservam nas alturas...

* *

Ha uma palavra que deveria ser apagada dos diccionarios, pois de ha muito se extinguiu nos corações humanos: — «amizade».

O beijo é a sobremesa do amor. E' o ponto final do idyllio. Porque, sobre ser doce demais, muito delicioso, enjôa, aborrece como a fruta do cardeiro.

* *

O amor é o brinquedo da juventude e o pesadello da velhice.

* *

A saudade é o desejo que se tem de resuscitar aquillo que passou...

* *

O moço é ridiculo porque vive sempre a sonhar com o futuro. E o velho é egualmente ridiculo, porque vive das recordações do passado.

O primeiro é um louco. O segundo — um demente.

* *

A moral é filha da malicia. Foi instituida pela serpente, no Paraiso, a qual ensinou ao homem que as cousas mais naturaes deste mundo eram indecentes e que andar despido era peccado.

Felizmente, porém, a humanidade, agora, está pondo por terra tal convenção...

* *

Ha certa gente que tem tanto pudôr, que cobre a verdade para não vel-a núa...

MAX MONTEIRO

TREPAÇÕES

MADAME, que tem um esposo tão ciumento, deu agora, depois dos quarenta, para sorrir, conquistadora, a quanto mocinho ingenuo passa em frente á sua luxuosa residencia.

Nas tardes quentes deste verão escaldante, a respeitavel senhora senta-se, de *peignoir*, á varanda fresca de seu palacete, e, dali, romanticamente, assiste á passagem dos jovens de seu bairro que se dirigem á praia, para o banho vespertino.

E, como se sente com a alma saturada de mocidade, apesar da realidade amarga dos annos, não resiste ao desejo de sorrir áquella juventude em flor que desfila deante de seus olhos deslumbrados. E seus labios se illuminam, e madame sorri... Sorri francamente, infantilmente.

Os rapazes já descobriram a fraqueza da illustre dama da varanda florida e param na esquina, numa piedosa homenagem a tão estranha mania...

E madame, que não comprehende, na sua idade, a ironia daquelle estacionamento, fica toda contente, e sorri, sorri...

O marido de madame, que tudo ignora, porque sáe cêdo e só regressa á casa depois das vinte horas, havia de ficar estupefacto si assistisse a essa scena de todas as tardes...

E talvez todo o seu violento temperamento de Othello se manifestasse nessa hora.

Cuidado, pois, madame!

NO melhor instante foi a palestra interrompida.

O garoto appareceu reclamando do papae que se fosse embora...

O papae tentou resistir ao chamado, mas o garoto voltou em seguida com novo recado:

Que a mamãe estava chamando.

O jovem sympathico não teve remedio senão acudir ao appello da esposa, e deixou na praia o *maillot* de corpo encarnado, que neste momento monopoliza a sua attenção á hora deliciosa do banho de mar...

Ella ficou verdadeiramente desolada, não gostou do chamado do garoto, porém, teve de aguentar firme, porque o rapaz tem dona com direitos adquiridos perante o altar e o cartorio civil.

Mas, no dia seguinte, elle voltou, o *maillot* tambem voltou e o idyllio continúa, ambos deitados sobre as areias claras de Copacabana...

AQUELLE baile foi uma salvação para os dois namorados. Explica-se: elles estavam arrufados

Mlle, a loura senhorita, havia surprehendido o rapaz num doce colloquio com uma sua amiga e companheira de banhos de mar. Brigaram. E, ao que parece, ambos caprichosos, não voltariam a fazer as pazes.

Acontece que o acaso, o protector acaso, levou os dois namorados ao baile que se realizou num salão de Copacabana.

Lá foi com uma certa surpreza que se fitaram. O rapaz *flirtava* com uma outra amiga da loura senhorita; e esta, por sua vez, *flirtava* com um militar.

E' claro que houve ciumada entre os dois. Houve pedidos de explicações e, por fim, as pazes eram feitas para felicidade dos futuros noivos...

ELLA entrou para a repartição publica com arzinho esquivo, parecendo uma avesita assustada...

Entretanto, os piratas puzeram-se de guarda, observando a novidade, procurando descobrir si no caso havia futuro...

E mais cedo do que era esperado, ella perdeu o arzinho assustado, perdeu a cerimonia com os collegas, certamente por pensar que a vida só tem graça quando vivida em plena communhão de affecto com os que estão ao redor na consciencia de todos os dias.

Perdeu a cerimonia e ganhou prestigio, pois, tendo as costas quentes, manda e desmanda em nome do chefe...

MLLE parece, sentiu forte e discreta sympathia pelo apreciado poeta. Dizem até que máu grado a distancia, seus olhos muito o procuraram no salão do velho club. Entretanto, quando o seu "Principe" procurou approximar-se para melhor admiral-a, como si acabasse de tomar um grande susto, Mlle. levou as mãos ao coração e recuou um pouco na cadeira...

A amiguinha, que a observava, inquiriu, sorrindo:

— Viste o demonio?

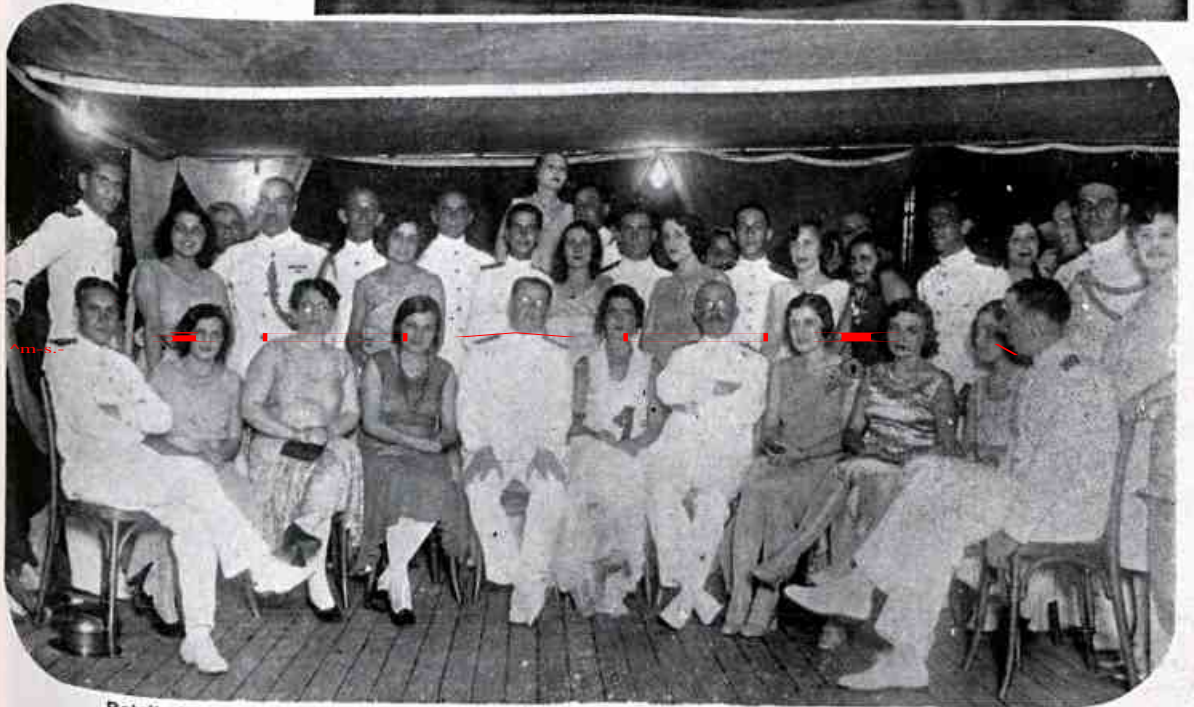
E ella, lançando ao poeta o olhar cheio de medo e de admiração:

— Talvez...

As meninas Léda e Baby são duas galantes filhinhas do engenheiro dr. Quirino Simões, residente em São Paulo.

Os deputados á Assembléa Fluminense foram, sabbado ultimo, á residencia do seu novo presidente, dr. Julio Santos Filho, illustre advogado e prestigioso politico em Cantagallo, no Estado do Rio, prestar-lhe carinhosa homenagem. Em nome da Assembléa Legislativa falou o deputado Jayme de Barros, nosso illustre confrade de imprensa, agradecendo o dr. Julio Santos Filho, a quem foi offerecido delicado presente.

GOTTAS ESPIRITUAES

O mal que fazemos não nos attrahe tantas perseguições e odios como nossas bôas qualidades. — La Rochefoucauld.

Retribuindo as homenagens de que foram alvo nesta capital, durante a estadia do «Juan Sebastian Elcano» em nosso porto, o commandante e officialidade daquelle navio-escola hespanhol offereceram, segunda-feira á tarde, a bordo do mesmo navio, uma recepção ás autoridades brasileiras e á sociedade carioca.

O ambicioso soffre igualmente pela inveja que experimenta e pela que inspira. — *Seneca.*

* * *

E' necessario deixar sempre passar a noite sobre a injuria da vespera. — *Napoleão I.*

* * *

Quem fala sem reflectir se parece com o caçador que atira sem fazer pontaria. — *Montesquieu.*

Um grupo de jornalistas visitando a exposição de trabalhos dos alumnos do Collegio Salesiano de Santa Rosa, em Nictheroy. A photographia foi tomada na secção de galvanaria.

Na inauguração official do serviço de telephones automaticos, levada a effeito na noite de 31 de dezembro ultimo pela Companhia Telephonica Brasileira, foi o "cut-over" a operação basica do acto e, precisamente, a mais interessante. O delicadissimo trabalho da transferencia dos apparelhos manuaes para a nova estação automatica foi organizado pelos technicos da Companhia de modo a permittir que, no momento da inauguração, com absoluta precisão, fossem deslocados de um só golpe os fusiveis das estações manuaes e os milhares de torninhos que foram empregados na obstrucção dos "plugs" das novas ligações, e que estavam presos a laços de barbante.

A essa operação de desligamento de varios milhares de apparelhos, até bem pouco servidos pela estação Norte, e, simultaneamente, dentro de um segundo, a ligação dos mesmos apparelhos á ... automatica é que se ... ma "cut-over".

Para o exito com que foi levada a effeito, ... contribuiu, com seu ... ço e competencia, a ... rosa turma de func... rios da Companhia que ... "caveau" da estação ... centemente inaugurada, ... sub-sólo do proprio ... to em que se effectu... solennidade, se entre... um trabalho arduo, ... nuado, durante muitos ...

As gravuras que ... tram esta pagina repr... tam o momento do ... over", vendo-se ... technicos prestes a ... "golpe"; um dos novos ... pos de apparelho ... e um grupo dos func... rios que trabalhar... "caveau" da estação.

GLYCINNIAS

O novo anno não me trouxe nada de novo. Tudo o que, no anno que se foi, fazia parte do meu patrimonio sentimental, continúo a possuir, neste escaldante 1930.

Acompanham-me ainda agora a mesma ansiedade, a mesma angustia, a mesma esperança insatisfeita... E tambem a mesma saudade. Saudade dos teus olhos côr de céo e dos teus cabellos côr de sol. Saudade do teu sorriso ineffavel, que illuminava docemente a minha melancolia. Saudade, sobretudo, do teu amor, que realizava o milagre de fazer-me feliz.

Não sei onde estás. Nem sei si ainda te lembras de mim.

O novo anno não me trouxe nada de novo. E tudo continúa velho na minha vida. Desoladamente velho...

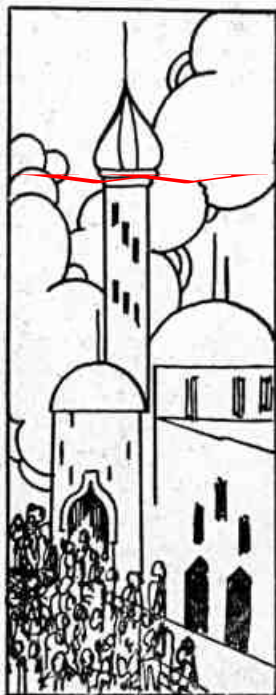
A Alliança Liberal offereceu aos drs. Getulio Vargas e João Pessoa, seus candidatos á presidencia e á vice-presidencia da Republica, um almoço, no qual tomaram parte amigos, admiradores e correligionarios politicos de ss. excias.

Varios flagrantes do almoço que a Alliança Liberal offereceu aos presidentes Getulio Vargas e João Pessôa. Ao alto, o deputado João Neves da Fontoura e o senador Epitacio Pessôa discursando. Ao centro, o dr. Getulio Vargas agradecendo a homenagem, em seu nome e no de seu companheiro de chapa. Em baixo, um aspecto geral da grande mesa do almoço.

O dr. Getulio Vargas, candidato da Alliança Liberal á presidencia da Republica, leu a sua plataforma de governo perante avultada multidão reunida na Esplanada do Castello, na tarde de sexta-feira penultima. Foi a primeira vez que, no Brasil, se procedeu á leitura de um documento dessa natureza na praça publica. O presidente do Rio Grande do Sul chegou á Esplanada do Castello acompanhado do presidente da Parahyba, seu companheiro de chapa, e das principaes figuras da Alliança Liberal. Antes da leitura da plataforma do dr. Getulio Vargas, o dr. Affonso Penna Junior pronunciou um discurso saudando os candidatos liberaes. As photographias que aqui estampamos focalizam diversos flagrantes desse acontecimento politico da semana passada, vendo-se o dr. Getulio Vargas lendo a sua plataforma de governo e o povo reunido na Esplanada do Castello.

A Torre da Esmola

Conto para creanças

MALBA TAHAN

EXISTIA outr'ora, na Arabia, para além das montanhas de Khaib, uma cidade chamada Hazatalkismufid, nome que, na harmoniosa lingua dos muçulmanos, significa — "Lindo tempo faz aqui".

Nessa cidade vivia um rei chamado Dayman ben-Haddad, nome que, infelizmente, não significa coisa alguma.

Sabendo que havia na cidade muitos mendigos — cegos e aleijados — resolveu o bondoso rei Daymal fazer larga distribuição de esmolas a todos os necessitados.

— Quero, porém, — dizia elle ao seu vizir Aliban — auxiliar apenas aquelles que forem incapazes para o trabalho. Ha, entre os infelizes que estendem a mão á caridade publica, muitos falsos mendigos — homens sãos e perfeitos — que fingem uma invalidez que não possuem ou simulam um aleijão que nunca tiveram. Que devo fazer para distinguir o falso mendigo do verdadeiro?

Depois de meditar algum tempo, respondeu o digno vizir:

— Tenho uma idéa, ó rei afortunado!, que me parece bôa. Vossa Majestade mandará annunciar que a distribuição de esmolas será feita na grande torre da mesquita de Oman. Essa torre tem, no alto, um enorme terraço de pedra. Os mendigos irão todos á torre. Aquelles que subirem ao alto da torre, não receberão esmola ou auxilio algum.

— Por que, ó vizir? — indagou o sultão.

— Saiba Vossa Majestade — respondeu o vizir — que só um homem são e perfeito será capaz de galgar as interminaveis escadarias da torre! Um cego ou aleijado será incapaz de ir ao terraço de Oman.

Achou o rei Daymal que a idéa do vizir era genial.

Nesse mesmo dia mandou annunciar, por todos os bairros e recantos da cidade, que na torre de Oman, depois das preces da tarde, seria feita grande distribuição de esmolas a todos os mendigos da cidade.

A' hora marcada, a torre encheu-se de miseraveis pedintes: eram cegos com seus cachorros, paralyticos com suas muletas e leprosos com suas chagas. O grande terraço estava repleto de mendicantes sordidos, esfarrapados.

O rei Daymal ordenou, então, conforme havia sido já resolvido em segredo, que só recebessem esmolas os mendigos que estivessem em baixo, junto á porta da torre. Os que haviam subido no grande terraço, nada receberiam.

Ao ouvir a ordem do sultão, o velho sabio Abrahim Abdalah, que exercia, na côrte, as funcções de conselheiro, observou, humilde:

— Quero crer, ó rei dos reis!, que Vossa Majestade vae deixar sem esmola, exactamente aquelles que mais merecem!

E, deante da surpresa que as suas palavras haviam causado ao rei, o judicioso hudima, continuou:

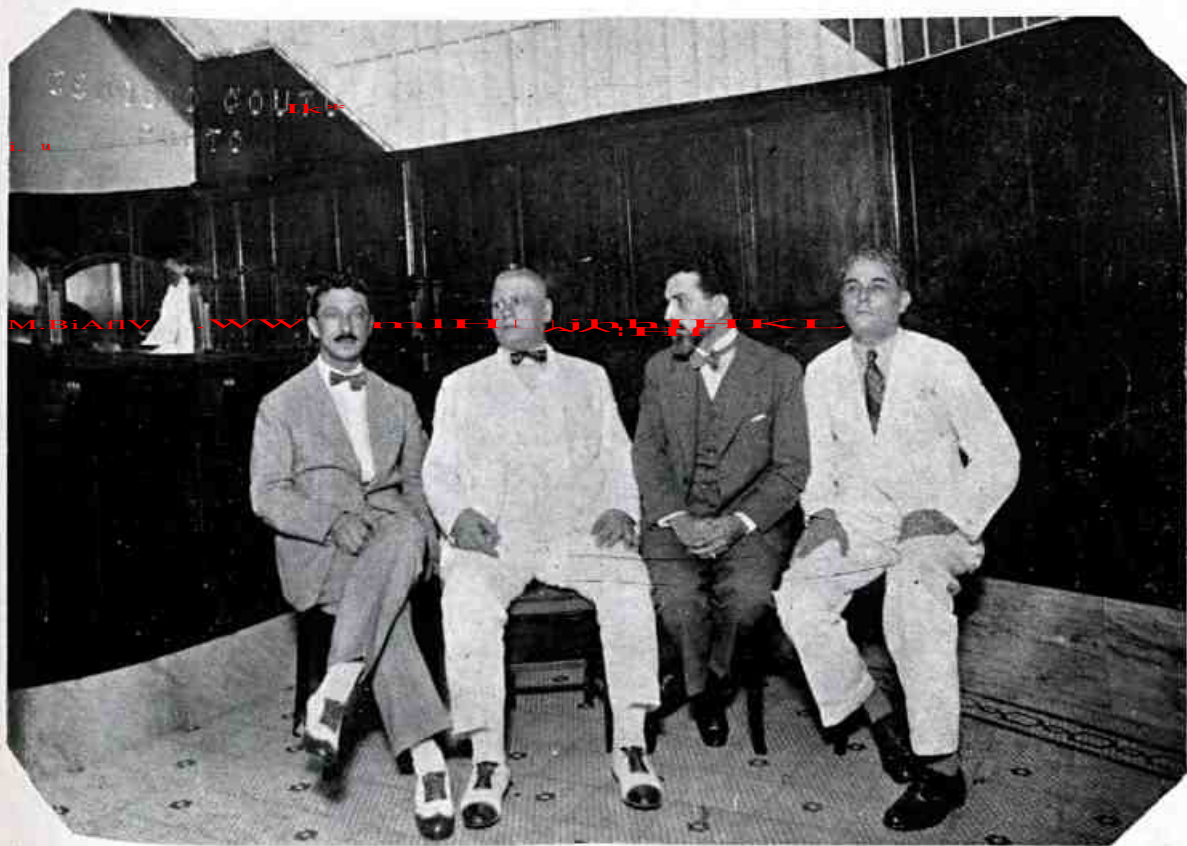
— Alguns mendigos só conseguiram chegar ao alto da torre, á custa de grandes sacrificios: os cegos carregavam os paralyticos e estes guiavam os cegos! Os outros, os que se deixaram ficar na rua sentados nas pedras, fumando haschich e conversando, são homens indolentes, egoistas e preguiçosos. E' justo, portanto, que só recebam esmola os infelizes que chegaram ao terraço da torre; os preguiçosos, incapazes do menor esforço, não merecem auxilio algum!

Reconheceu o rei que estava completamente errado o raciocinio do vizir — raciocinio que lhe parecera, antes, exacto e justo. E na duvida, não querendo praticar uma iniquidade, mandou distribuir esmolas a todos os mendicantes que haviam ido á torre da mesquita de Oman.

— E' preferivel — pensava elle — auxiliar aquelles que não precisam, a deixar sem soccorro os verdadeiramente necessitados!

A torre de Oman, desde esse dia, passou a chamar-se "Torre da Esmola".

A Inauguração da Cia. de Seguros

NOVO MUNDO

INAUGURANDO a 2 do corrente a sua luxuosa séde, installada no amplo armazem da rua General Camara 71, iniciou suas transacções a Cia. de Seguros "NOVO MUNDO".

A nova companhia, a que preside o espirito emprehendedor e arrojado do sr. Victor Fernandes Alonso, auxiliado pela conhecida experiencia do sr. Pedro da Silveira de Magalhães Coutinho, pela orientação juridica e legal do dr. Hugo Simãs, e com a actividade polyforme do Alvaro Campos, se inscreve no seguro nacional animada, no mais alto grão, do proposito de cooperar, com as suas congeneres para desenvolver e cimentar, sem rivalidades mesquinhas e sem competições demeritas, o instituto do seguro, que é obra de solidariedade humana, florescida ao espirito de soccorro nas horas de angustia.

Na photographia acima, vemos a directoria da novel instituição que ficou assim, constituida:

Presidente: VICTOR FERNANDES ALONSO
Director-Gerente: PEDRO DA SILVEIRA DE MAGALHÃES COUTINHO
Director-Secretario: DR. HUGO GUTIERREZ SIMAS
Superintendente: DR. ALVARO DE ALMEIDA CAMPOS

Elles e Ellas...

Do que elle não estava certo...

Minha amiga — Após o primeiro momento de desanimo provocado pela resposta que me deu, tão cruel e tão clara na sua negativa, tenho procurado fazer-me uma philosophia que me console e distraia. Pacientemente, tento dissecar o cadaver de meu sonho... pobre defunto que ninguem reclamou!

Parece-me que fui pessimo enfermeiro do meu amor.

Não negue, minha amiga. Diviso perfeitamente meu erro e seu alcance. Não lhe direi: amei-a demais, pois não creio que o fervor da paixão desilluda a mulher... porém amei-a mal. Amei-a com espirito doentio. Sem confiança, sem alegria, sem coragem. Fui humilde, pedinchão... fui desageitado, cacete...

Não negue: autopsiando minha attitude, reconheço não só que era incuravel, mas tambem que era fatal. A' mulher não agrada o homem que rasteja... nem mesmo a seus pés. Em pouco se habitua a despresal-o, maltratal-o... a espesinhal-o sem compaixão, e, peor ainda, sem attenção. Não repara siquer no que está fazendo. Altiva, erecta deve ser ainda e sempre a attitude masculina.

A comedia que o amor nos faz representar no palco da civilização resente-se da sua origem no mysterio das florestas. Embora a mulher provoque e seduza, deve ser sempre a vencida e o homem o vencedor. A elle cabe, á sua destreza e força de vontade, ageitar essa troca de papeis, si o inicio lhe foi desfavoravel.

Vejo daqui, neste periodo, franzir minha amiga seus labios, numa corolla rubra que, em linguagem psychologica, quer dizer: despreso. Isso porque escrevi: embora a mulher provoque. Não quiz affirmar, porém, que este fosse o seu caso... embora as mulheres bonitas como você provoquem mesmo inconscientemente... sejam sempre o veneno que embriaga, segundo diz o povo com sua rude franqueza em recente canção.

Quanto ao mais, sei bem que por vontade só me concedeu uma graça: a indulgencia que despresa.

E, na verdade, era tudo quanto eu merecia pela inepcia da minha passividade.

O homem que ama só tem uma attitude: vencer.

Vencer... ou a resistencia da mulher ou a propria paixão. Supplicar, chorar, lamentar-se... é covardia inutil.

Agora uma ultima consideração, antes de me despedir de você, minha amiga, para sempre. Affirma, em sua carta, que a razão de sua indifferença é pretender dedicar-se unicamente á sua filhinha. A prova é ter resistido a todos os testemunhos de affecto que lhe dei.

Perdôe a annotação que vou inscrever á margem desse trecho da sua resposta: não duvido de que o motivo dado seja tão verdadeiro quanto é legitimo. Reclamo, porém, quanto á prova que imagina fornecer dessa veracidade. Você nem sequer precisava explicar as razões de sua recusa; si as explicou, não precisava proval-as; cabia a meu cavalheirismo não duvidar nem um momento de sua palavra.

Porém, a garantia que pretendeu dar-me, eu não a posso acceitar. Meu amor chegou a paralysar

(Segue adeante)

Do que ella não duvidava

Meu amigo — Sua carta, tão cheia de juramentos, escripta "para deixar na persistencia do papel a sinceridade das palavras que o vento leva", era perfeitamente inutil.

Em primeiro logar, porque eu não creio que a affirmativa escripta valha mais do que a oral. Pode assim julgar a menina sem experiencia da vida, que a primeira carta de amor deslumbra. Não eu, porém. Com effeito, muito maior valor tem a expressão verbal com sua espontaneidade, sua emoção, difficeis de serem imitadas, do que a rhetorica estudada e um trecho escripto.

Em segundo logar, porque nunca lhe disse que duvidava do seu affecto. Si meu amigo, ás vezes me vê sorrir, outras vezes silenciar ante seus protestos apaixonados, vêm esses gestos mais de uma attitude intima a que a vida me acostumou do que da presença especial do seu caso. Eu creio no que me diz o quanto posso ainda crer na vida.

Você me confessou que chegou aos trinta annos sem nunca ter experimentado uma grande paixão, nem ter soffrido um desgosto serio. Tem ainda a mocidade do coração. Avalie as magoas por que tenho passado, embora só as conheça em parte, e comprehenderá que de mim já se não possa dizer o mesmo. Sem que isso de minha vontade dependa, é a formula intima com que acceito tudo na vida parece que é verdade... Deve ser exacto. Embora sem motivo nenhum, toda crença minha é seguida de reticencias. Sedimentou-se no fundo do meu espirito um habito de suspensão systematica que me não deixa pesar inteiramente sobre a mola da certeza... arriscando o movimento imprevisto que a atira o imprudente no extremo opposto; a decepção.

Assim, o quanto eu posso crer ainda nalguma coisa, creio na sinceridade do seu affecto. Resta ainda o ponto sensivel de suas queixas, meu modo de ouvir a linda historia que já me contou pe[illegible] varias vezes.

Diz o meu amigo que muito antes de eu ficar viuva me conhecia e me adorava de longe. Assim, em vez do nosso amor ser um novo-rico de hontem, lhe dá você foros de nobreza, brazonando-o com dez annos de existencia. A heraldica do affecto é muito menos exigente do que a das raças... Um amor de dez annos pode já usar a corôa de ouro sobre o campo azul do sonho.

Com amargura dolorosa reclama você minha fé absoluta para esse facto. Por que assim vasculhar os meandros de um coração que já soffreu tanto? As magoas, arachnideos diligentes, encheram-no um tanto de teias e de pó?... Deixal-o! Nem a mim interessa saber exactamente o que penso a respeito. Asseguro-lhe que, em consideração ao nosso affecto nascente, não arrastei suas palavras á affronta de um interrogatorio policial, pondo-me a analysar-lhe os prós e os contras.

Acceitei-as todas em confiança, mesmo porque nenhum interesse tinha em rejeital-as, nem mesmo o muito natural de não desejar para mim o papel de tola e ludibriada. Com effeito, não me parece que assim se deva considerar nunca a mulher docemente illudida. Ella pode acceitar do homem a

(Segue adeante)

ELLES E ELLAS

(Conclusão)

DO QUE ELLE NÃO ESTAVA CERTO

... minha vontade, mas não attingiu, por sorte, minha intelligencia. Não incorro no absurdo a que a pretenção leva o commum dos homens: o facto de você me ter desprezado não prova absolutamente que nenhum outro pretendente lhe agrade. Não sou dos que julgam da irreductibilidade da mulher pelo acolhimento bom ou máo que recebem. A vida já me ensinou a comprehender que cada circumstancia, cada sentença.

Tome essa minha observação pelo que ella vale, apenas, e não julgue mal aquelle a quem com tanta gentileza diz querer bem.

Embarco amanhã para São Paulo e de lá para Santos, de onde seguirei para a Europa.

Até á volta — *Marcelo.*

DO QUE ELLA NÃO DUVIDAVA

Quem ama as juras e as palavras de carinho como recebe uma joia de presente. E' de suppor que esta seja verdadeira, e si ella tiver o espirito fidalgo não o indagará de quem a dá, nem correrá ao joalheiro para averiguál-o. Porque, meu amigo, em ambas as circumstancias, o que vale e merece gratidão é o gesto. Sem duvida, si o carinho offertado fôr de puro ouro, tanto melhor... mas si fôr apenas uma fantasia, nenhuma significação terá acaso a intenção delicada, a gentileza da lembrança?...

Mesmo mentirosas, é difficil encontrar um homem que diga phrases de ternura. A brutalidade indifferente é muitissimo mais commoda e sob o nome de franqueza os homens a adoptam em massa. Como si pudesse haver franqueza no amor, essa flor suprema da illusão...

Assim, pois, meu amigo, não atormente seu espirito nem me force a analysar o quilate das lindas joias que de qualquer forma lhe é infinitamnete grata, que ás mãos cheias me vem homenageando.

— *Regina.*

Da Novella Infinita...

De *BARONEZA DE BRANCCION*

Si soubesses com que amor te amo! Ah! si soubesses... virias a mim, virias soffrego, cheio de ternura, prodigo de carinhos, transbordando amor... virias!... E me abririas mansamente, voluptuosamente, os longos braços fortes e, ternamente, embaladoramente, guardarias meu flebil corpo de mulher amorosa na cadeia viva dos teus braços bem amados! Meu coração balbuciaria a [illegible] loucamente, tonto de soffrimento e de ternura, bem [illegible] do teu... Tua cabeça altiva roçaria numa leve caricia perennemente, doce e constante, na minha pobre cabeça exhausta de soffrer...

Eu desmaiaria nos teus braços fortes e beijarias o meu corpo exangue como si eu fose uma tua irmãzinha muito fraca e muito amada...

* * *

Esquecer-te? Como?! Por que hei de esquecer-te, si tu és a minha doce, a minha linda e magoada cruz?!... Por que hei de esquecer-te si só a tua lembrança me é tão consoladora e mansa?!...

Eu seria uma ingrata si pudesse siquer deçejar esquecer-te...

Ri, meu tentador absoluto, meu peccador ingenuo, ri do meu sorriso... ou antes, sorri! Sabes tu rir? Sabes apenas sorrir... Sorri da tua propria ingenuidade!... Como si tu não merecesses meu eterno e abnegado Amor!...

Teu sorriso é divino! Divinamente bom, divinamente lindo!

A dôr alheia te desenhou nos lábios o sorriso amargurado e santo que te faz inconfundivel! A dôr alheia te ensinou a perdoar todos os erros e a supportar todas as affrontas!

Já nem mesmo te lembras do que foi o teu riso...

Que doce affinidade encontro entre Jesus e tu.... Elle é o medico das almas... tu és o medico dos corpos. Elle cuida do bem estar do prisioneiro... tu procuras suavizar o captiveiro... O corpo é o carcere da alma peccadora.

Discipulo amado de Jesus, modesto e abnegado, discreto e nobre, és o apostolo do santo amor... e eu te bemdigo!...

FULANITA

(Conclusão)

— Qual nada, meu caro doutor! — respondi-lhe, apertando-lhe nos braços o corpo avelhantado. — A sua amizade é daquellas que fazem ninho no coração dos seus amigos.

— Minha mulher está com as costureiras. Não repare. E' aquella velha mania que nunca a abandonou em toda a vida. Lembra-se?

— Perfeitamente. Recordo-me dos menores incidentes da minha infancia. A memoria das crianças é um livro sagrado. Uma collectanea vivaz de reminiscencias, que a gente recolhe avaramente.

Sentamo-nos, os dois, em magnificas poltronas de couro verdadeiro, que completavam um grupo do seu gabinete de trabalho, mobiliado com apurado gosto e, talvez, com luxo. Das paredes, guarnecidas por altos lambaris de jacarandá, pendiam quadros de pintores celebres, telas de Pedro Americo e um fresco de Parreiras. Misturavam-se aos bronzes grandes vasos de *Galé* legitimo. As estantes, Luiz XVI, expunham, á admiração de quantos por ali passassem os olhos, collecções de obras raras, ostentando encadernação de finissimo marroquim. E de uma janella, finalmente, defendida por columnas e completando a ornamentação daquelle ambiente apparatoso, desciam do alto longas cortinas de damasco e stores de *filet* legitimo.

Os meus olhos estavam attonitos, minha bocca inteiramente muda de admiração e de estonteante surpresa.

Como explicar a demonstração de opulencia que acabava de evidenciar, de uma familia que eu conhecera pobre e não sabia haver herdado fortuna?

Conversámos, animadamente, sobre o assumpto de todas as palestras, nesses ultimos tempos: politica. Eu o observava attentamente e uma indefinivel tristeza invadia-me a alma. Pungia-me tanto encontral-o naquelle estado, reflectindo, por assim dizer, toda a interior amargura que o opprimia e lhe havia, em pouco tempo, salpicado a cabeça de pesados flocos de neve, longe, ainda, do entardecer da vida.

Era uma verdadeira ruina, o meu amigo. A face macilenta franzira-se, de tal maneira, que dava a impressão de um fruto amadurecido á força, e a quem faltara, tambem, a seiva vivificante para estimular a completa maturação. Era um miseravel acorrentado da sociedade, victima inerme das maldades do destino.

— Ha quanto tempo não nos vemos?

— Ha vinte annos — respondi, com segurança.

— Eu gosto do senhor. Não imagina o prazer que me dá neste momento. Eu o sabia aqui. Desejava ir procural-o, ouvir-lhe a voz amiga, moça e mais confiante do que as minhas esperanças, para me reanimar. E como eu necessitava della, neste momento! Tem visto minha filha?

— Vi-a ha pouco, na avenida Atlantica.

— Achou-a differente, não é assim?

— Não a conheci. E' outra. Inteiramente mudada. Eu passava, acompanhado de amigos, pelo posto 6, quando alguem, abandonando um festivo grupo de senhoritas, veiu, risonha, ao meu encontro. Julguei, a principio, que se tratava de um engano, tomando-me por pessoa do seu conhecimento. Porém ella, pronunciando o meu nome, desfez a duvida. Agora, como poderia eu saber de quem se tratava, sem passar pelo constrangimento de perguntar-lhe o nome? Felizmente uma das suas amiguinhas gritou do grupo que ficara proximo:

"— Você não vem, Fulanita?

"Foi quando pude saber quem era. Indaguei do senhor e de d. Alzira e ella pediu-me que viesse vel-os. Agora, que aqui estou, folgo em vel-o com saude, bem installados e residindo num bairro elegante."

O doutor Barbosa suspirou longamente, com aquella maneira angustiada de suspirar dos homens que soffrem em segredo, como si aspirasse uma labareda do inferno, para abrazar-lhe a alma, de um hausto. E arredando a cadeira de couro trabalhado em que se achava sentado, abriu uma gaveta da sua secretária, tirando e estendendo sobre a mesma um maço desfeito de papeis de côres varias. Eu me aproximei, cautelosamente, do meu amigo, para não magoal-o, e elle, apontando para o amontoado de papeis sellados e dispersos, disse, com uma voz repassada de infinita angustia:

— Veja em que se resume a minha linda vida!

Eram notas promissorias, letras de pagamento, cautelas com proximo vencimento, contas de toda a natureza.

Por mais que desejasse, os meus olhos não se despregavam daquelles demonios rabiscados. Em cada uma dellas eu via um principe das trevas a atirar para dentro do caldeirão incandescente, com suas lanças abrazadas, em forma de garfo, o meu pobre amigo dr. Barbosa. E naquelle triste fim de tarde, que fazia submergir, no oceano revolto de Copacabana, o maravilhoso sol dos tropicos, a minha alma, profundamente confrangida pela sua infelicidade, afogava-se tambem, no crepusculo indefinido que amortalhava o horizonte.

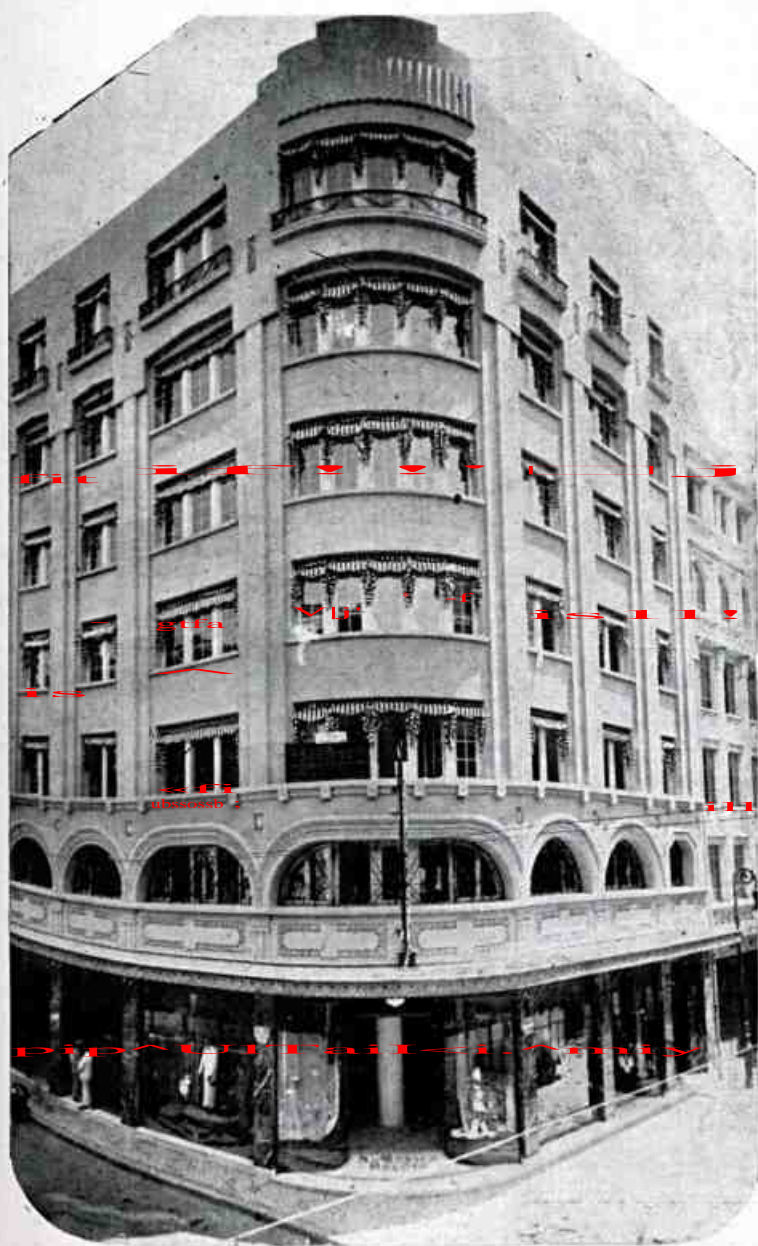
Parti. Deixei-o immerso nas suas dolorosas cogitações. A cabeça de neve pendida sobre as mãos, de onde partiam os rios azulados das veias esclerosadas, desenhando-lhe a epiderme, e desaguando, por fim, no mar vermelho do coração.

Eu ia pensando, silenciosamente, no drama, entrecortado de lances tragicos, que devia ser a vida do meu amigo. O mar tinha, de certo, uma grande alma como a delle, ás vezes revoltada contra as asperezas das rochas circumvizinhas, outras a se desdobrar carinhosa sobre o extenso lençol de areia da praia, parodiando um psalmo em sua honra.

De repente, varias damas, conduzidas por um cavalheiro de alta linhagem, deixam o Copacabana Palace e se dirigem para um rico automovel, que estacionava á porta.

O carro parte, immediatamente, em velocidade accelerada. Desliza sobre o asphalto, magestoso e indifferente, numa altamaria trepidante, como um rei americano do progresso. E sentada na frente do vehiculo, as mãos guarnecidas de luvas apropriadas sobre o volante, conduzindo-o para todas as direcções, uma mulher sorria, na mais completa felicidade. Quem era? Fulanita.

Amaryllo de Albuquerque

A Inauguração das novas installações das "AS QUATRO NAÇÕES"

ASPECTO do magestoso edificio onde inauguraram os Snrs. Antonio Santos & Cia. as novas e luxuosas installações de sua casa commercial "As Quatro Nações".

Estabelecimento tradicional de nossa cidade, não podia deixar de acompanhar o seu progresso sempre crescente, o que foi comprehendido por seus proprietarios que não hesitaram em empregar vultuosos capitaes para dotar a nossa cidade de um estabelecimento modelar.

O LOGAR DE HONRA

DE TRISTAN BERNARD

AUGUSTO Jaguar não é, precisamente, o que se chama um *nouveau-riche*. Sua fortuna, ampliada notavelmente desde 1917, era já importante antes da guerra.

Do appartamento de cem mil réis mensaes se mudou para as cercanias do Retiro, com toda sua tribu: seus filhos já educados e sua mulher. Adquiriu ali um immovel, pelo qual pagou um bom preço. O negocio, no emtanto, foi excellente, pois Augusto — sua reputação estava feita — tinha sorte: tudo quanto pretendia lhe sahia bem.

Sem duvida, elle mesmo tinha fé nessa sorte. Mas sabia, sobretudo, que era constituida de muita prudencia e de uma seria habilidade natural. Nada descuidava. Todos os actos de sua vida serviam para alguma cousa.

Preparava então um negocio importante para o qual lhe era indispensavel o concurso de Carlos Lecrain, o banqueiro. Era nesses momentos em que se achava em presença de um homem util que Jaguar sentia despertar em si uma generosa sociabilidade. Sentia-se feliz em convidar gente para jantar, e em tratal-a bem. Experimentava uma satisfação sincera ao vêl-a contente de viver. No fundo, amava realmente a humanidade, e seu interesse não fazia mais do que indical-o áquelles de seus semelhantes a que procurava agradar.

Era preciso que o senhor Lacrain e sua esposa ficassem inteiramente contentes da reunião. Não se tratava só de offerecer-lhes um jantar suculento, mas fazel-os comer em companhia de convidados distinctos.

A familia Jaguar tinha entre seus amigos um esculptor bastante conhecido e um joven compositor chegado já a essa zona de penumbra que não está longe da luz.

Mas se necessitava um numero feminino. Os Jaguar pensaram na viuva de um sabio famoso. Conheciam-na por intermedio de amigos, que tinham, sem duvida, relação proxima com ella, pois a chamavam por seu nome de familia: Genoveva. Era preciso convidar tambem esses amigos, que, de resto, seriam puramente decorativos.

Dois dias de estudos foram consagrados á questão, sempre tão grave, do logar destinado aos convidados. A senhora Jaguar teria o banqueiro á sua direita e o esculptor á sua esquerda. Não ficava logar de honra para o musico. Compensal-o-iam tratando-o com uma familiaridade affectuosa, como o menino mimado da casa.

Embora Genoveva fosse mais idosa do que a senhora Lecrain, e se sentasse pela primeira vez á mesa dos Jaguar, não a installaram á direita do dono da casa. Designou-se esse logar para a esposa do banqueiro. Tal resolução foi adoptada brutalmente como desejo ansioso de sacrificar tudo á susceptibilidade possivel e á vaidade provavel do senhor Lecrain e de sua esposa.

O jantar, excellente para os commensaes, foi fastidioso, a partir do segundo prato, para o pobre Jaguar, pois pensou, de repente, que havia feito mal em não conceder o melhor logar á esposa do sabio celebre. Receiava que a honra que fazia á senhora Lecrain podia ser considerada pelos outros convidados como uma adulação muito visivel. E com maior razão pensava isso ao notar que o senhor Lecrain, sentado deante da viuva, dirigia a meúdo a palavra a esta dama com uma deferencia visivelmente sentida.

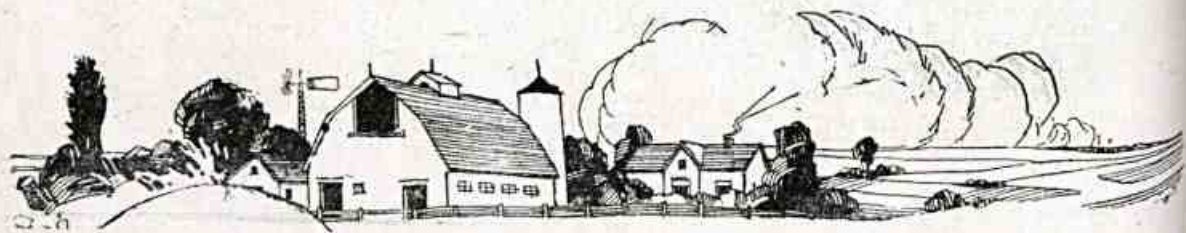
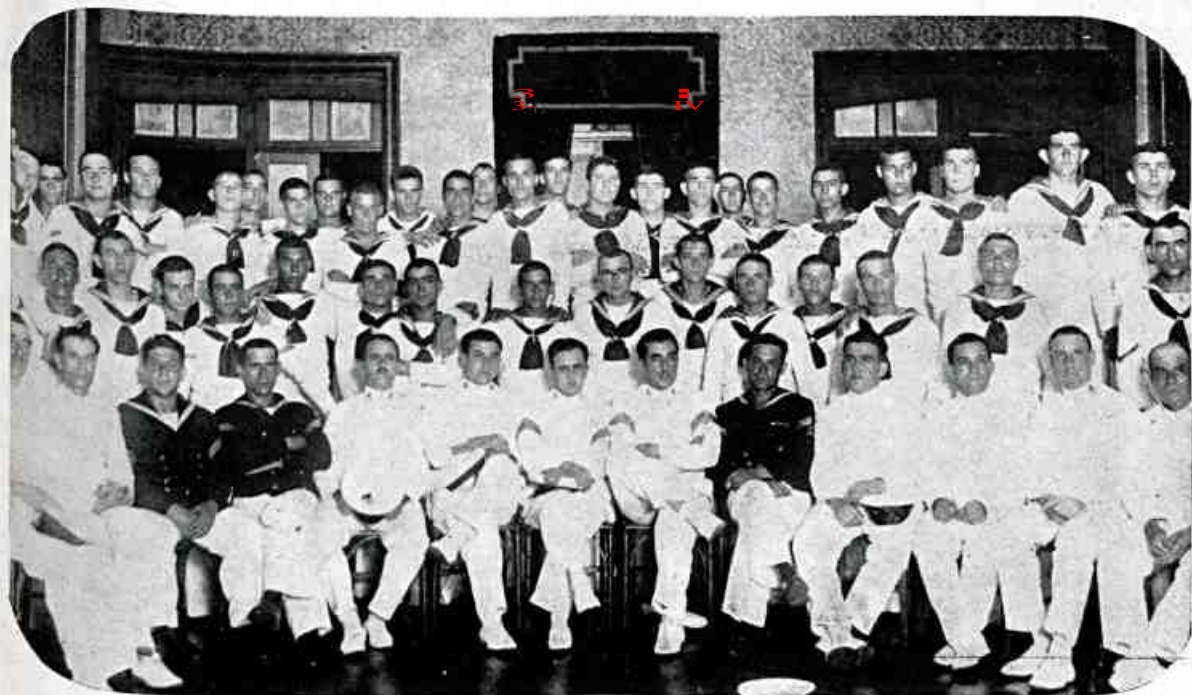
— Tive uma idéa excellente de convidal-os juntos — pensava com amargura. — O senhor Lecrain parece muito honrado em jantar com essa pessoa illustre, e eu mesmo a menosprezo deixando de offerecer-lhe o logar de honra.

Seu arrependimento, seu remorso, não fizeram sinão augmentar até o fim do agape. Quando passaram á sala parecia meditativo e triste e muito longe de se achar em *condição* para falar ao senhor Lecrain a respeito do seu negocio.

Preoccupava-se tambem com que pensaria delle a pessoa illustre, desde que elle vira a impressão que ella causava no banqueiro.

Foi então que commetteu a falta de querer reparar seu erro, pelo menos deante dos olhos de Genoveva.

— Creio — disse, humildemente Jaguar — que... por precipitação... commetti um erro imperdoavel... A senhora devia ter sido convidada a sentar-se á minha direita... Talvez eu tenha dado a impressão de mal educado...

— Não, senhor, não — respondeu Genoveva. — Apenas suppuz que o senhor fosse surdo...

As sociedades hespanholas desta capital promoveram, sabbado á noite, uma festa em homenagem á tripulação do navio-escola «Juan Sebastian Elcano».

EMBAU'BA

Como você é comprida, embaúba! Para que ergue, você tão fina, os braços para o céo?! Deixe a ambição do infinito! Olhe mais para a terra!

Como você é inutil, embaúba! Soberba e ôca! Não dá lenha, nem fruto, nem sombra...!

Você não está só, dentro da natureza, embaúba! Homens ha que vivem á sua semelhança, na terra cheia de alleluias, glorificada pelo sangue de Jesus, que fez surgir da brutalidade das substancias impuras as flores que têm preces mysteriosas no perfume!

CARLOS MADEIRA.

Aspecto do tradicional banquete annual que a conhecida casa de calçados «A Seductora», á rua Uruguayana, n. 46, commemorando a passagem do anno, offerece aos seus auxiliares e amigos. Esse agape realiza-se sempre na noite de 31 de dezembro.

MEDO

De JOSÉ M. BRAÑA

NUNCA o senhor Lampreia havia tido medo de cousa alguma nem de ninguem. Desafiára sempre todos os perigos com esse olympico desprezo da vida que se attribúe aos heróes novellescos. No emtanto, ha alguns mezes, ao completar sessenta e nove primaveras, mudou radicalmente. Uma noite, regressou a sua casa possuido de um medo tremendo.

Alarmada, dona Theodolina, sua mulher, o interrogou:

— Mas, Ludovico! Que tens? Assaltaram-te?

— Não.

— Foste atropellado por algum omnibus?...

— Tambem não.

— Commetteste alguma acção má?

— Jamais commetti alguma.

— Então, que tens?

— Não sei. Deixa-me. Não me perguntes mais.

Desde aquelle dia o senhor Lampreia sahiu á rua só em casos de summa necessidade, e sempre depois de muitas vacillações e possuido do mesmo terrivel medo. E regressava o mais cedo possivel, olhando receioso para toda parte e fechando a porta da rua atraz de si com tantas voltas quantas a chave pudesse dar.

Dona Theodolina vivia uma vida de martyr. Para ella, seu desventurado esposo havia perdido o juizo. Seus demais parentes eram da mesma opinião. O senhor Lampreia não estava catholico da cabeça. Por mais tranquillo que estivesse em sua casa, bastava-lhe ouvir soar a campainha da porta da rua para abrir os olhos, sobresaltar-se e ficar com os quatro cabellos em pé.

— Por Deus, Theodolina, não abras! Não abras, pelas onze mil virgens!

E corria a refugiar-se debaixo da cama ou dentro do guarda-roupa.

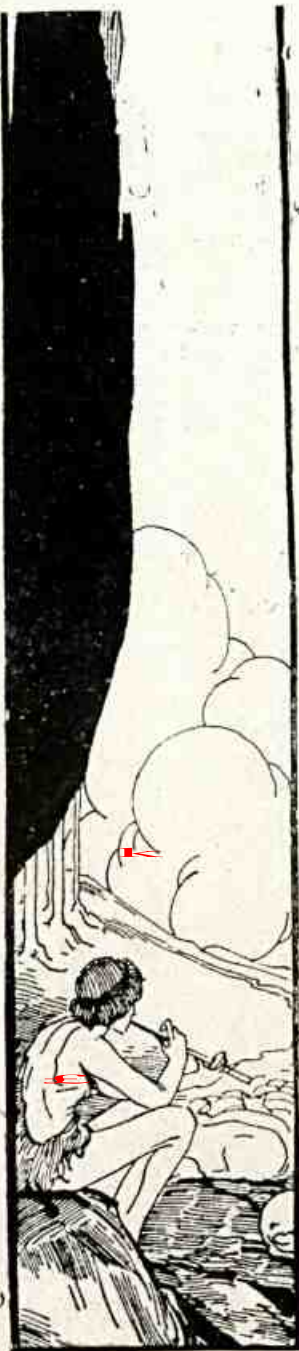
Quando ouvia os passos de sua mulher, que regressava de attender a quem havia batido, botava a testa de fóra, e pesguntava, ansioso:

— Quem era?

— Era um vendedor de esponjas automaticas.

— Ah!

Abandonava, então, seu esconderijo e ia sentar-se em uma cadeira de balanço para recobrar alento e senerar-se.

* * *

UM dia, sem que elle o soubesse, dona Theodolina chamou um phrenopatha para que o examinasse. Não se fez esperar muito o facultativo. Sua presença alarmou tanto o pusillanime, que não havia maneira de fazel-o sahir de sob um movel. Por fim, com o juramento de sua mulher de que aquelle homem não era outro sinão um simples medico que ella havia chamado para que o examinasse, afim de ver si elle soffria de algum mal mysterioso, o senhor Lampreia consentiu em sahir do logar onde se occultava.

Mediante novos juramentos da pobre mulher, o covardão se deixou examinar. Terminado o exame, o phrenopatha disse a dona Theodolina, indifferente:

— Senhora, não acho nenhum symptoma anormal em seu marido. Achei-o, apenas, muito nervoso. Nada mais. Francamente não lhe falta nenhum organ.

Quando o facultativo se foi, o senhor Ludovico emfrentou sua mulher.

— Ouvi tudo. De modo que me julgavas louco, heim? Pois estou com todo o meu juizo, ouves?

— Si estás assim tão cheio de juizo, como dizes, por que andas com medo de tudo e de todos, fugindo das pessoas?

— Por que? Mas, não percebes, desventurada? Porque sou um homem honrado, e tenho medo que algum investigador me agarre e me faça responsavel por algum crime mysterioso...

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

CARNAVAL DE VENEZA

Cinema ODEON — A linha theatral, finamente esculptural de Maria Jacobini, é sempre um encanto esthetico; quando projectado na tela, sendo que a sua alma de mulher é d'uma vibração tão intensa, que nos communica a agitação inquietante dos seus nervos. Por circumstancias occasionaes de ha muito que a sua arte soberba não era offerecida aos cariocas. Agora temol-a este mez em dois filmes: um da Urania que virá brevemente; e este do provecto e conceituado Programma Serrador. *Carnaval de Veneza* é duplamente interessante: como obra technica e como obra de intelligencia. Acrescente-se a estas duas soberbas qualidades o da interpretação, excellente não só por parte da protagonista como dos restantes interpretes, como Malcolm Tood e Josyanne, que é uma mulher formosissima, e ter-se-ha a razão do successo com que o publico carioca coroou esta encantadora obra de arte filmesca, saida dos *studios* da Europa. Valha-nos isso para nos compensar do reinado da futilidade que Hollywood nos te... dado ultimamente com suas... revistas-film... com os apparelhos fanhosos da Radio.

Cotação — BOM

AMOR PERIGOSO

DA PARAMOUNT

Cinema IMPERIO — Um filme, filme isto uma pellicula em que a expressão phisionomi... a emoção do argumento, as situações amoro... sobrelevam o synchronismo ou modernização technica. Baclanova, aquella russa estonteante *Homem que ri*, é na verdade, n'esta pellicula Paramount, uma *dangerous woman*. O fr... de certas scenas, d'esta bella pellicula, que se... bella mesmo sendo silenciosa, resulta da in... pretação primorosa, sentida, de Olive Brook daquella "estrella".

Cotação — BOM

NOS CINEMAS DA AVENIDA (*Conclusão*)

SEJA AMANTE DE SEU PROPRIO MARIDO

DA UFA

Cinema RIALTO — Titulo grande de mais para tão curta obra. E' um filme de enredo bastante interessante, em que nos apparecem cousas curiosas, entre as quaes não são menos umas scenas naturaes com Emil Jannigs, que entra no filme... por accidente. O enredo tem qualquer cousa de inverosimil. Mas perdoa-se, em frente da interpretação que é admiravel por parte de Conrad Veidt. Este consagrado artista que se notabilisou como interprete de transcendentes personalidades, apperece-nos n'esta pellicula n'um trabalho comico, d'uma naturalidade que é um soberbo trabalho de espirito e de detalhe. Ha certas expressões phisionomicas que valem como authentica obra de arte. A direcção de Mendes é bôa, e a technica perfeita.

Cotação — BOM

O MEU SEGREDO

DA COLUMBIA

Cinema PATHE' — Uma comediasinha simples de enredo, simples de ensecenação, simplissima de realisação. Não tem nada de extraordinario, podendo até notar-se-lhe uma certa *velhice* nos processos. Mas, incontestavelmente, o espectador não se aborrece com esta hora de romantismo filmesco... á americana, com millionarios, casamentos clandestinos, e a conquista rapida e phantastica de milhões de dollars. A interpretação não tem grandes exigencias. Viola Dana e Ralph Graves fazem aquillo com uma perna ás costas.

Cotação — SOFFRIVEL

PERCORRENDO A EUROPA

DA FOX

Theatro S. JOSÉ — Já a "Selecta" em tempo observou em palavras de justiça, do direito que cabia ao bello salão da Praça Tiradentes, de exhibir filmes em primeira mão. Esta interessante e variada pellicula da Fox abriu a serie. Que ella continue são os nossos votos. A pellicula *Percorrendo a Europa*, para definir seu valor, basta mostrar que é confeccionada nos *studios* onde se trabalham os melhores jornaes cinematographicos do mundo. Em verdade, o cameraman da Fox é já uma tradicção no mundo filmesco. A grande marca possue uma galeria soberba de trabalhadores do genero, percorrendo o mundo inteiro. Justo é que da sua agitada vida se fizesse um romance filmesco. A pellicula é interessantissima e considerando-a na sua especialidade, não temos duvida em dar-lhe

Cotação — BOM

UMA VESPERA DE ANNO NOVO

DA FOX

Cinema Pathé-PALACE — Um drama moderno, desenhado nas suas linhas geraes, n'um grande meio, com situações que por vezes não são muito logicas, mas que se explicam á luz do acaso, que é o deus protector dos scenaristas. A realisação é bôa, a technica egualmente bôa e a interpretação aproximando-se muito d'este valor. E' um filme de emoção, com ambientes claramente definidos. Charles Morton, sem deixar de ser um artista de sympathica photogenica e d'uma figura moderna e moça, é por vezes demasiado parado na sua acção. Entretanto, o seu trabalho não desmerece a pellicula que é trabalho para platéas que apreciam momentos de ansiedade.

Cotação — BOM

EXCESSO DE ACIDEZ ESTOMACAL

Como se desembaraçar d'ella

Um excesso de acidez estomacal póde degenerar em graves incommodos intestinaes; é pois muito importante que os alimentos chegando ao intestino o façam sempre a um grau invariavel de acidez, senão o intestino irrita-se. Se os seus incommodos do estomago são devidos á acidez, muito frequentemente a causa principal d'estes incommodos, tome meia colher de Magnesia Bisurada n'um pouco de agua quente. A Magnesia Bisurada neutraliza immediatamente o excesso de acidez, suaviza as paredes irritadas do estomago, permittindo-lhe assim de funccionar normalmente e sem dôr e de preencher uma das suas funcções primordiaes, aquella de proteger o intestino. A Magnesia Bisurada acha-se á venda em todas as pharmacias.

ANNUNCIOS DESENHOS ORNAMENTOS IDEIAS

Assignaturas para todos os jornaes e revistas nacionaes e estrangeiras

Av. RIO BRANCO 137-1.º (Ed. Guinle)

TELEPHONE N. 2356

Licções de lingua Italiana

pelo Profr. EUGENIO ORFEO

Rua Leopoldo Miguez 139

(Copacabana)

Tel. Ipanema 0315

Para escrever mais depressa

PARA o mais rapido transporte—aeroplano—Para maior celeridade no escrever—a Caneta Parker Duofold.

O "Escrever sem Pressão" da Parker, torna possivel o escrever sem o minimo esforço, imprimindo á mão e aos pensamentos do escriptor maior velocidade.

Experimente-se o systema de escrever com a Parker Duofold. O seu fornecedor poderá supprir-lhe um destes perfeitos instrumentos de caligraphia.

Duofold Grande Rs. 70$000;
Duofold Jr. Rs. 50$000
Lady Duofold Rs. 50$000

Unico Distribuidor no Brasil: A Cardoso Filho Rua Buenos Aires, 200. Rio de Janeiro.

Toda pessoa chic, homem ou senhora, para evitar por completo o suor debaixo dos braços e o mau cheiro natural do suor, conservar a roupa, vestidos e ternos sempre novos deve usar o

MAGIC

Peçam prospectos gratis a Araujo Freitas.

88, Rua dos Ourives. — Rio. — Vende-se nas pharmacias.

O PESSIMISMO

DE MAXIMO GORKI

SABENDO que era feio, um joven disse de si para si:

— Sou intelligente. Poderei fazer-me sabio. Essa coisa não será difficil, entre nós.

E dedicou-se á leitura de volumosos livros.

Na realidade, elle não agiu mal. Comprehendeu que é muito commodo e muito facil demonstrar sabedoria com citações de livros, com erudição puramente livresca.

Depois de haver lido tantas obras excellentes quanto é necessario para um leitor adquirir a myopia, levantou, orgulhoso, o seu nariz avermelhado pelo peso das lentes, e exclamou:

— A mim já não se poderá enganar, pois sei bem que a vida não é se não uma "droga", que a natureza me deu.

— E o amor? — perguntou o espirito da vida.

— Graças a Deus não sou poeta! Por um pedaço de queijo não me meto em uma ferrea jaula de obrigações.

Apezar de tudo, não era um homem de talento cabal, e por isso se decidiu a ditar um curso de philosophia.

Foi visitar o ministro da Instrucção Publica e disse a s. ex.:

— Sr. ministro, eu posso demonstrar que a vida não tem sentido, que ninguem que se deixe deixar dominar pela Natureza, nem tampouco obedecer aos seus dictames.

O ministro ficou pensativo. Será isso util ou não?

Depois indagou:

— E as ordens do governo, devem ser obedecidas?

— Certamente — disse o philosopho, inclinando-se com o maior respeito. Pois é bom notar que as paixões humanas...

— Está bem, está bem! Vá occupar uma cathedra. Terá o ordenado de dezeseis rublos. Mas exijo que se respeitem e cumpram as leis naturaes. Cuidado! Não se vá oppor a essa determinação! Não lh'o permittirei! Veja bem, sr. professor!

E a seguir, ajuntou com certa melancolia:

— Vivemos em uma época em que para os proprios interesses do Estado é ás vezes necessario não só reconhecer a realidade das leis naturaes, senão tambem a utilidade das mesmas.

— Caramba! — reflectiu o philosopho. — Deste modo chegará até...

Mas não revelou o que pensava sobre a observação do secretario de Estado.

* * *

O philosopho está investido no seu cargo. Está optimamente installado. Semanalmente, elle sobe á sua cathedra e, durante uma hora, dirige a palavra aos seus jovens alumnos.

Certa vez elle disse:

— Senhores! O homem está limitado exterior e interiormente. A natureza lhe é sempre adversa; a mulher é arma céga da Natureza. E por tudo isso, a nossa vida não tem, absolutamente, nenhum sentido.

Essa maneira de pensar se fez uma coisa habitual nelle, no seu cerebro, no seu espirito.

Frequentemente, ao falar, costumava enthusiasmar-se tanto que se expandia, abertamente, com verdadeira eloquencia.

Os jovens estudantes ouviam com admiração e respeito. Satisfeito, o professor abanava a sua cabeça calva e pensante.

Corria tudo ás mil maravilhas.

* * *

A comida dos restaurantes não lhe aproveitavam em nada. Com todo pessimista, o philosopho tinha má digestão. Casou-se por esse motivo.

Durante vinte e nove annos, comeu na sua casa; e entre as suas preoccupações de espirito, quasi sem dar-se conta disso, elle chegou a gerar quatro filhos.

Depois, morreu.

Atraz do feretro seguiam, respeitosas e tristes, as suas tres filhas com os seus jovens esposos, e o filho, que era poeta e apaixonado por todas as mulheres do mundo.

Os estudantes cantaram o "responso". A beira do tumulo falaram diversos oradores, que foram floridos e eloquentes discursos. Entre esses

algumas professoras, collegas seus, fizeram o panegyrico do morto. Falaram da materia e da metaphysica do defunto. Tudo alli era solemne e até, por momentos, profundamente commovedor.

— Morreu tambem o velhinho! — disse um estudante ao deixar o cemiterio.

Como elle falasse aos seus companheiros, um destes advirtiu:

— Foi um pessimista.

— Que dizes? Será possivel?

— Pessimista e conservador.

— Que me dizes do calvo?

E eu nem sequer o havia notado?

O quarto estudante, era pobre, averiguou, inquieto:

— Seremos convidados para o "pominki"? (1).

Foram convidados.

O philosopho havia deixado escriptas algumas bôas obras, nas quaes demonstrava, com calor e enthusiasmo, a inutilidade da vida. Os livros eram bem vendidos e lidos com prazer.

Diga-se o que se dissér: os homens amam o bello.

A familia, deste modo, estava assegurada. Bem garantida. Até o pessimismo pode assegurar a existencia!

Os "pominki" foram organisados em largueza. E o estudante pobre comeu, nessa occasião, como nunca. Matou a fome que, na sua miseria, o perseguia sempre.

Não era pois um momento feliz que se lhe apresentava — aquelle banquete em memoria de um defunto?

Pelo menos, naquella hora, no dia do "pominki", elle teria o seu estomago confortando. Era um allivio para elle, certamente. Era um amparo que elle recebia com a morte de alguem. Alguem que fôra um homem incredul, descrente de tudo, sceptico em relação aos homens, ás mulheres e á Natureza. Um pessimista, emfim!

Eis porque, ao voltar á casa, das refeições, o estudante pobre sorria satisfeito, e pensava silenciosamente:

— A's vezes o pessimismo é muito util...

---

(1) "Pominki" é uma refeição que se faz na Russia em memoria de um defunto.

ESPIRITO ALHEIO

— Vaes novamente ver o Geraldo? Pensava que já tinhas rompido definitivamente com elle.
— Sim, já rompi. Mas quero vêl-o esta noite para dizer-lhe que não quero vêl-o mais.

A unica maneira que tem um actor tragico, no Br... para impressionar a platéa, é gritar "Fogo!"

PRESENTE DE... TURCO

— Querida amiga: como sei que hoje é dia de seu anniversario, tomei a liberdade de trazer-lhe este formoso solitario de dez mil francos...
— Como o senhor é gentil!
— ... que lhe deixarei por oito mil...

ANNIVERSARIO CONJUGAL

Ella. — Amanhã faz vinte annos que nos casamos, Luis. Queres que eu mande matar o perú?
Elle. — E que culpa tem o pobre animal da tolice que nós fizemos?

A dama. — Considero a pesca um sport cruel.
O pescador. — E a senhora tem razão. Imagine que durante to... ainda não pesquei nada hoje!

A COZINHEIRA

LEOPOLDO D. AMARAL

VICTOR Hugo Poeta da França, rico industrial mineiro, era de côr preta como sua mulher, d. Angelica Rosicler da Aurora, de conhecida familia alagoana.

Do consorcio nasceu uma unica filha, a joven Clara Angelina, que não era clara, mas sim preta como azeviche.

Clara fez um curso completo de humanidades e recebeu esmerada educação artistica e domestica.

A moça tocava piano muito bem, falava varias linguas e era eximia cozinheira de forno e fogão.

Com tão excellentes predicados, era natural que tivesse altas aspirações.

O pae queria casal-a com um preto rico, a mãe com um mulato remediado e a moça declarou peremptoriamente que só casaria com um homem pobre, mas que fosse branco e formado.

E o homem pobre, branco e formado, appareceu.

Attrahido pela fortuna do preto industrial, o bacharel e advogado Jayme Eloy Sobral, de côr clara, cabellos loiros lisos e nariz afilado, pediu a mão da joven Clara, de côr preta, cabello carapinha e nariz grosso.

Com relutancia e só por insistencia de sua mulher, Poeta da França cedeu.

Não é que nada lhe constasse em desabono do bacharel Sobral.

Das informações colhidas, sabia-o de invejavel posição social.

Mas sabia-o tambem ser um moço de genio muito forte, extremamente irascivel, o quanto bastava para recear pelo futuro da filha.

Constava que o bacharel gostava das creoulas, como muitos outros brancos de bom gosto, mas nisso o preto Victor Hugo via uma garantia para que a Clara o prendesse aos seus peregrinos encantos.

Em todo caso, só a necessidade de uma viagem á Europa fel-o ceder aos insistentes pedidos de sua mulher para consentir no casamento.

Esta, em tom alegre, de gracejo, lhe dizia:

— Victor, qual o genro que pode levar vantagem nas brigas com a sogra?

Deixa estar que eu hei de amansal-o e fazel-o mais docil que um cordeiro.

E o advogado, com tão boa advogada, venceu a causa: tornou-se noivo da joven Angelina, cuja ternura, de bom grado, acceitava e retribuia.

O consorcio se realizou com separação de bens, a despeito da mal reprimida ganancia do bacharel.

D. Aurora não se demorou na agradavel occupação de amansadora do genro, pois, decorridos seis mezes do casamento da filha, o casal de pretos seguiu para a Europa.

Antes da partida, o industrial Victor Hugo dizia a sua mulher:

— Reconheço agora que tudo que falavam sobre o máo genio do Sobral era mentira. Impossivel imaginar-se um moço mais delicado; trata nossa filha com carinho; protesta quando tu a mandas fazer algum serviço na cozinha; quer que ande garrida, perfumada e faz-lhe todas as vontades sem o menor signal de enfado e constrangimento.

— Já vês que eu tinha razão quando insistia comtigo para consentires no casamento.

O bacharel tambem se esforçava por agradar aos progenitores da "Morena", como elle appellidara sua joven esposa.

* * *

COMO quem pensa não casa, o homem se casa.

Quem diz casa da sogra, para significar o logar onde se deve estar á vontade, labora em erro.

A casa da sogra é quasi sempre o inferno.

Si não o é pela sogra, que pode ser uma segunda mãe para o genro, o será pelo sogro, pelos cunhados e pelos famulos.

A entrada de um estranho no seio de uma familia produz sempre o effeito do azeite no vinagre: não forma liga, não se mistura, não se combina.

O azeite sobrenada no vinagre e o estranho isola-se no seio da familia de sua mulher.

Começam as brigas e elle terá de mudar-se para não levar pancada dos criados.

A joven esposa tem mau genio, mas elle não quer alijar a carga que o padre e o juiz lhe puzeram ás costas e terá de mudar-se com ella.

Foi justamente o que se deu com mister William Shakspeare, o inglez mais pacato que já viu a luz do sol.

Alugou uma pequena e bella vivenda em Santa Thereza, mudando-se com a sua joven esposa, d. Amelina da Costa Rica, que, conforme não indica o nome, era de familia pobre.

Bella e bem educada, d. Amelina fazia-se notar pela ingenuidade e dissimulação, a ganancia e a avareza.

Costumava augmentar o preço das compras que fazia, mentindo para o marido, que nella depositava confiança plena.

O inglez tinha fortuna; podia, portanto, pagar sem esmiuçar as contas.

Na casa para onde se mudaram tiveram de arcar com a solução de um problema serio: alugar uma cozinheira.

Exigiam que fosse de nacionalidade ingleza.

Publicado um annuncio, apresentou-se uma filha da velha Albion.

— A senhora veiu pelo annuncio? — pergunta d. Amelina.

— Sim, senhorra.

— Quanto quer por mez?

— 110$000.

— E' muito; só dou 100$000.

— E' pouco, mas eu fica.

A ingleza entrou em funcção.

Serviu o café de manhã, descascou as batatas e poz o feijão ao fogo.

Depois abandonou o serviço, metteu-se num quarto, onde, de pernas cruzadas se poz a ler "Romeu e Julieta", do homonymo do patrão.

A dona da casa foi atraz della.

— Mistress, meu marido quer almoçar cedo; não vae preparar o almoço?

— Não, senhorra.

— Por que?

— Mim está com um dôr de

— E depois que passar a dôr volta para o serviço?

— Não, senhorra; mim vae se trata fóra.

D. Amelina afasta-se e, momentos após, volta com o marido; este diz á sua compatricia:

— Mistress, mim vae augmenta sua ordenada p'ra 110$000.

— Então mim volta para o serviça.

— Já passou a dôr?

— Sim, mister.

— Mas pode volta; prepare seu trouxa e vá saindo, que mistress não me serve.

E a ingleza se foi embora.

A' tarde desse dia apresentou-se outra cozinheira.

— E' ingleza? — pergunta a dona da casa, antes de ajustar o aluguel.

— Não, senhora; sou brasileira, mas falo tão bem o inglez como a nossa lingua.

— Quanto quer por mez?

— Não faço questão de ordenado; a senhora dê o que quizer.

— Eu vou lhe pagar 50$000; serve-lhe esse aluguel?

— Serve, sim, senhora.

— Que meu marido não saiba que está ganhando tanto; a cozinheira que daqui sahiu ultimamente ganhava 40$000, por ser ingleza.

Certa manhã, o casal estava almoçando, quando tilintou a campainha.

O copeiro, que foi ver quem estava, voltou dizendo que um moço bem vestido desejava falar com o patrão.

Mandando entrar a visita para a sala de espera, o inglez não se demorou em ir ao seu encontro.

— Que deseja o senhor? — inquire o dono da casa.

— Venho buscar minha mulher.

— Aqui só tem uma: é a minha.

— Não senhor, é a minha.

Estavam os dois quasi a engalfinhar-se, quando se aproxi... curiosa, d. Amelina, pergunta... por que estavam brigando.

— Este senhorr — diz, com ex... tação, o inglez — affirma que... é seu mulher.

— Não me expliquei bem, m... senhora — atalha o moço, em... brando — eu não podia dizer se... lhante coisa; minha mulher é... côr preta.

— Então deve ser a nossa co... nheira — responde a senhora.

A cozinheira era, de facto, creoula d. Clara Angelina e a... sita o seu esposo, bacharel ad... gado Jayme Eloy Sobral.

A "Morena", para livrar-se d... maus tratos e humilhações infli... dos pelo marido, após a partida d... progenitores della para a Europa... fugira de casa, mudara de nom... empregando-se como cozinheira.

A' sahida, d. Amelina diz, co... ingenuidade, ao bacharel:

— Doutor, deixe sua mulher n... emprego que eu lhe prometto au... gmentar de 10$000 o ordenad... della.

A Mulher Desapparecida

De MAURICE DEKOBRA

CONHEÇO Alberto desde menino. Passamos juntos grandes temporadas, e por esse motivo o conheço tão bem como elle me conhece a mim. Por isso, quando o encontrei o outro dia na rua, comprehendi immediatamente que elle estava completamente contrariado. Sua cabeça estava inclinada de um modo triste, e em seu rosto se reflectia uma expressão de tristeza que não era habitual nelle.

— Que tens? — perguntei-lhe. — Não podes negar-me que te occorre alguma cousa desagradavel.

— E' verdade. Sou um infeliz! Ai de mim!

— Que te aconteceu?

— Minha mulher, de quem, como sabes, gosto immensamente, abandonou, ha alguns dias, o lar.

— Em consequencia de alguma infidelidade tua?

— Não.

— De alguma violenta discussão?

— Tambem não.

— Então?...

— Minha mulher tem um genio insupportavel, estranho. De repente se aborrece por qualquer cousa, e quando se aborrece dá para abandonar o lar. Quando se acalma, volta para casa, e, depois, de supplicar-me que lhe perdôe a fuga, se atira a meus braços e novamente se torna para mim a mulher carinhosa de sempre. Até quando de novo se aborrece por qualquer cousa e de novo desapparece. Isso me tem contrariado profundamente. Estou pensando no modo de corrigil-a, e, depois de muito pensar, creio que já encontrei o meio. Amanhã mesmo, ou depois de amanhã, no mais tardar, supponho pôl-o em execução. Conhecerás o meio que encontrei si leres os jornaes.

— Promette-me que o que te occorreu não é nenhuma barbaridade.

— Prometto-te.

— Adeus, então. Amanhã lerei o "Correio". E procura não excitar-te. Faço votos para que, ao regressares a tua casa, já lá encontre tua mulher á tua espera.

— Não temas.

* * *

NO dia seguinte, muito cedo, pedi á porteira que me comprasse o jornal. Depois de procurar durante algum tempo, li o seguinte:

"O conhecido commerciante senhor Alberto Carlemán denunciou á policia que sua esposa desappareceu ha varios dias de casa. Será a mulher sem cabeça que foi descoberta recentemente na embocadura do rio Maldonado? Para facilitar mais a acção da policia, o senhor Carlemán, cuja intranquillidade é tão grande, se apressou a dar aos agentes da autoridade os seguintes signaes pessoaes de sua esposa, que o publico deve conhecer para ver si assim póde contribuir alguma cousa nas pesquizas:

"Os signaes são estes: cabeça redonda, bocca bastante grande, pomulos salientes; traz um olho de crystal, orelhas enormes e muito pello no rosto. Signaes particulares: a desapparecida usa um apparelho de arame, para sustentar as cadeiras artificiaes. Alem disso, tem grande parte do corpo cheio de marcas de quando soffreu variola".

A leitura destas linhas me deixou summamente perplexo. Corri á casa de meu amigo. Quando cheguei, o encontrei tomando café em companhia de sua linda esposa, que se apressára a regressar ao lar ao ler o jornal.

— Parece mentira! — dizia-lhe ella. — Mandar aos jornaes esse signaes de mim. Farçante.

Ao que elle respondeu, amavelmente:

— Não te zangues... Conheço-te perfeitamente, e sabia que a vaidade te faria voltar...

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

Telephone Norte 4424

AVENIDA PASSOS, 120 - RIO

32$ Fina pellica envernizada, preta, com fivella de metal. Salto Luiz XV, cubano médio.

42$ Em fina camurça preta.

Pellica envernizada preta, com naco cinza ou beije, salto baixo:

De ns. 28 a 32........ 25$000
De ns. 33 a 40........ 28$000

Todo preto, menos 2$000.
Porte, 2$500 em par.

32$ Fina pellica envernizada, todo preto, ou combinação de naco Rosa ou Cinza, Luiz XV, cubano médio.
Porte, 2$500 em par.

Superiores alpercatas de pellica envernizada, preta, typo meia pulseira, com florão na gaspea:

De ns. 17 a 26........ 8$000
De ns. 27 a 32........ 10$000
De ns. 33 a 40........ 12$000

Em naco beije, mais 2$000.
Porte, 1$500 em par.

Catalogos gratis, pedidos a
JULIO DE SOUZA

SELECTA A RAINHA DA ARTE MUDA

A avó do soldado morto

De Henrique Carlos Hirsch

ERAM quatro horas da madrugada. O guarda civil aproximou-se de uma velhinha que estava sentada em um banco da avenida dos Campos Elyseos. Vestia decentemente, o que intrigou o guarda, acostumado a encontrar nos bancos só vagabundos e meliantes.

Acercando-se da velha, a interrogou:

— Que espera a senhora aqui, a esta hora, com a noite tão fria que faz?

— Espero ver si recupero minhas forças.

— Mas, a senhora estaria muito melhor em sua casa!

— Naturalmente... Mas hoje é 8 de novembro, data sagrada para mim.

— Não o duvido... Eu falo em seu proprio interesse, minha senhora...

— Si não se pensasse sinão no proprio interesse, não se faria nada bom na vida.

O homem, embora emocionado pela generosa replica, insistiu:

— Não ha quem se interesse pela senhora?... E' uma imprudencia deixal-a sahir á rua fóra de horas...

— Ninguem poderia impedir que eu fizesse o que faço... Tenho a cabeça bem equilibrada, apesar de meus oitenta annos.

— Bem o vejo, senhora... Eu o sinto, mas não posso deixal-a neste banco... As ordens...

— Quando estiver descansada, sahirei daqui e proseguirei meu caminho.

— Vae longe?

— Para mim, sim... Vou ao Arco do Triumpho, e preciso estar ali ás cinco horas da manhã.

E, com voz tranquilla, contou ao guarda que a 8 de novembro de 1917, ás cinco da manhã, seu neto Prospero Guillon cahira morto em um sector atacado pelo inimigo. Um de seus companheiros havia escripto á pobre avó dando-lhe esses dados.

— Eu não tinha ninguem no mundo além delle, e elle a mim. Sua mãe morreu, deixando-o com poucos mezes. Seu pae, meu filho, se foi quando Prospero tinha quatro annos. Eu era mestra escola de Nievre. Eduquei e criei meu neto, fazendo delle um homem de proveito. Era fabricante de tapetes e podia ter tido um bello futuro. Mas veiu aguerra, e elle foi lutar pela patria e não voltou. Não tive nem o consolo de saber onde o enterraram. Por isso, quando sepultaram o soldado desconhecido no Arco do Triumpho, sahi de minha provincia e vim para Paris, porque pensei que esse soldado talvez fosse meu neto... Vê o senhor que não faço mal a ninguem por estar aqui... Depois de descansar um pouco, continuarei minha marcha... Si funccionasse o *Metro* a esta hora!... Mas, depois de tudo, bem mereço meu neto que soffra eu um pouco por elle... Outr'ora, não andava tão devagar... Mas agora tenho que sahir com tempo... e hoje minhas pernas mal se sustentam...

O guarda, compassivo, perguntou-lhe:

— Quer que lhe chame um *taxi*, senhora?

— Não, porque de madrugada são muito caros, e eu só tenho meu ordenado de mestra aposentada e a modesta pensão que me dá o Estado por ser avó de um soldado morto pela patria.

Dentro de alguns minutos tentou de novo levantar-se, deu alguns passos e teve que voltar a sentar-se.

— Não posso! — exclamou, com lagrimas nos olhos.

O guarda propoz:

— Olhe, senhora. Vou mandar parar um *taxi*. A esta hora muitos vão já recolher-se, e pode ser que algum, que se dirija para aquelle ponto, a leve de graça.

Decorreu algum tempo. Afinal o guarda deteve um *taxi* que subia vazio e explicou o caso ao *chauffeur*, que exclamou, dirigindo-se á velhinha:

— Suba, senhora! Eu tambem estive nas trincheiras e podia não ter voltado, como seu neto!

Chegaram ao Arco do Triumpho e o *chauffeur* deu a mão, para que descesse, sua fregueza improvisada, mais solicito do que se lhe houvesse dado uma boa gorjeta.

— Vou acompanhal-a.

— O senhor é muito bom.

— Ninguém é muito bom na vida!... Assim!... Já chegámos... são cinco menos tres minutos — disse o *chauffeur*, mostrando-lhe o relogio.

— Elle ainda não havia morrido — murmurou a velhinha!

O *chauffeur* ajudou-a a se ajoelhar. Depois se afastou, e, emquanto a velhinha orava, recordava a guerra, onde todos os que haviam morrido em torno delle jaziam na noite do esquecimento...

A velhinha levantou-se amparada em seu guarda-chuva, e o homem novamente se aproximou della.

— Vamos, que a levarei a casa, senhora — disse-lhe affectuosamente.

— Mas... eu moro tão longe...

— Só os mortos estão longe... Ande... Apoie-se em meu braço, avosinha!...

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados

Anno .... 48$000

Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactores-chefes: Gustavo Barroso, Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: C. 0277 Administração: C. 4136

Caixa Postal 57

RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade Lta. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa do correio 1481.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

MAIS UM que affirma ser o «PEITORAL de CAMBARÁ» de Souza Soares um poderoso remedio contra as BRONCHITES rebeldes.

«Tenho o prazer de communicar a V. S. que achando-me atacado de forte BRONCHITE, com o uso do preparado

PEITORAL DE CAMBARÁ'

de SOUZA SOARES

restabeleci-me por completo em pouco tempo. Queira dar á presente o destino que entender, em prol dos que soffrem do mesmo terrivel mal. Santa Leopoldina, Minas, Novembro de 1910.

Bernardo de Moraes Sarmento.

(Firma reconhecida.)

A' VENDA EM TODA PARTE

TINTAS PARA IMPRESSÃO AS MELHORES

MICHAEL HUBER MÜNCHEN PRETO ILLUSTRAÇÕES

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS PARA TODO O BRASIL

CAPPUCCINI & C.

RUA DA ALFANDEGA, 172-Rio de Janeiro - Tel. N. 8347

"FON-FON" é sempre impresso com as TINTAS HUBER

**NOZES
AMENDOAS
CASTANHAS
FRUCTAS
FRESCAS**

Rua Assembléa, 95

CASA FERREIRA

AGUA DO REGIMEN DOS ARTHRITICOS

GOTTOSOS — RHEUMATICOS — DIABETICOS

A's refeições

VICHY CÉLESTINS

ELIMINA O ACIDO URICO

: : De Charcot a Asuero :

As maravilhosas curas do já famoso "Doutor Asuero", de que tanto se tem occupado a imprensa, ainda permanece no vago terreno da hypothese. Medicos ha, mesmo na Hespanha, e do valor scientifico do doutor Marañon, que as considera casos de pura suggestão.

Assim, nos encontrariamos deante de um caso semelhante ao do doutor Charcot, pae do eminente explorador que visitou a America, por occasião da passagem aqui da celebre expedição polar do "Pourquoi-pas?"

O doutor João Martin Charcot foi um parisiense na mais pura accepção da palavra. Nascido em Paris, em 1825, póde-se dizer que quasi nunca abandonou sua cidade natal. Sua mocidade foi laboriosa: depois de ter seguido seus estudos classicos, se dedicou á carreira medica, e logo que nella se iniciou, se fez notar pela sagacidade de suas observações, por sua excepcional intelligencia e por seu ardor no trabalho. Foi, successivamente, interno, chefe de clinica em 1852, doutorando-se em 1855. Os innumeros premios que obteve na Faculdade attrahiram para elle a attenção de seus collegas. Em 1856, era nomeado medico dos hospitaes, em 1860, professor substituto, e em 1862, medico do hospicio Salpêtrière, onde realizou, logo depois de seu ingresso alli, as conferencias que deram tanto fama a seu nome. O professor, em vez de se estacionar dentro dos limites da sciencia adquirida, acceitava e ensinava, escolhendo-as com tanto talento quanto acerto, todas as idéas novas, todas as innovações fecundas e praticas.

Charcot não se circumscrevia ao ensino de sua clinica da Salpêtrière, mas pelo contrario, alem dessa, explicava um curso de pathologia externa na escola pratica. Em 1873 lhe foi confiada a cathedra de anatomia pathologica da Faculdade de Medicina de Paris, que exerceu até 1883, e a Academia de Medicina não tardou em abrir-lhe as portas, admittindo-o no numero de seus membros.

Uma vez de posse de tão brilhante situação scientifica e medica, dedicou-se Charcot aos grandes trabalhos que deviam immortalizar-lhe o nome. Com effeito, a partir de 1877, o sabio mestre elucidou uma infinidade de questões relativas ás enfermidades do figado, dos rins e da medula, e enriqueceu a physiologia contribuindo para a creação da celebre theoria das localizações cerebraes.

Todos os seus estudos produziram seus fructos e se referem a uma porção de problemas da pathologia cerebral ou das affecções nervosas, tendo sido fecundos em resultados praticos, especialmente no que concerne a ataxia locomotriz, ás perturbações medulares, á aphasia, ao hysterismo e á grande neurose, tão como agora o doutor Asuero.

A obra capital de Charcot, foi seu estudo acerca das enfermidades nervosas. Ha muitos annos, as licções do mestre postas em pratica na Salpêtrière e relativa á grande neurose, ao hypnotismo e ás differentes fórmas do hysterismo, chamaram a attenção universal. Em nenhuma cathedra official se havia ousado abordar o estudo de toda essa ordem de phenomenos que desde a antiguidade apaixonaram a curiosidade publica e burlada a sagacidade dos observadores. Charcot quiz submetter esses estranhos phenomenos ao exame escrupuloso do methodo experimental, estudando-os com grande clarividencia, conseguindo reproduzil-os á vontade e revelando frequentemente a existencia de factos extraordinarios que antes delle se consideravam chimericos. As conclusões do mestre se afastaram nunca do terreno do mais absoluto rigor scientifico? Nós nos atrevemos a responder a essa pergunta. Mas seja qual fôr a resposta, é incontestavel que Charcot derramou nova luz sobre um vasto campo de investigações até então envolto em trevas. Nessa ordem de investigações Charcot não só conseguiu, como todos os outros grandes descobridores médicas, mas, tambem abriu á sciencia novos horizontes, iniciou um mundo de discipulos e fundou uma escola com celebre, conhecida pelo nome de Escola da Salpêtrière, e que diffundiu luz brilhante, assim pelos trabalhos realizados como pelo numero de homens eminentes que a compõem.

Foi na Salpêtrière que Charcot demonstrou eloquentemente seu genio de investigação, a segurança de sua sciencia e a autoridade de sua palavra: ali, organizou innumeras installações uteis, fundou um museu anatomopathologico e um laboratorio de investigações com um atelier photographico para registrar os phenomenos nervosos; ali mandou construir alguns annos depois um gabinete de electrotherapia admiravelmente organizado; ali, finalmente, inaugurou as conferencias que em 1883 se transformaram em cursos das enfermidades nervosas.

O grande medico falleceu a 17 de agosto de 1893, quasi repentinamente, em consequencia de uma affecção cardiaca. Falleceu perto de Chateau-chinon, ás margens do lago Settons, durante uma viagem de recreio que, em companhia de varios amigos, havia emprehendido.

O tempo nos dirá, agora, si o doutor Asuero é digno de igual fama.

Luiz Martins

VERSOS

UM ANNO DEPOIS...

Faz hoje um anno que nós dois brigámos.
Toda a culpa lhe cabe, tão sómente,
Por que se me mostrava indifferente
Naquella noite em que nos encontrámos?...

Não lembra quando juntos nós ficámos?
Por mais que eu lhe mostrasse estar contente,
Você só me fallava seccamente.
E depois — que remédio — nós brigámos...

Hoje, porém, voltando-me ao passado,
Vejo que foi melhor termos brigado,
E comprehendo a illusão que alimentava...

Humilhei-me aos seus pés, implorei tanto,
Por amor deste amor... E, no entretanto,
Você nunca me disse que me amava...

Gilberto Gonzaga

Para grandes e pequenos!

TODOS gostam do succo de uvas Welch. Aroma delicado, gosto agradavel, uma verdadeira delicia! Só por si, ou misturado com sumo de outras fructas, com agua simples ou gazosa, é sempre uma bebida refrigerante e consoladora. Vale a pena experimental-o!

GRÁTIS — Sirvam-se dar-nos o seu nome e endereço, assim como do seu fornecedor, e enviar-lhes-hemos o nosso folheto "[illegible]" maneiras de servir o succo Welch.

PAUL J. CHRISTOPH CO., 98 Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro

Succo de Uvas **Welch**